

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO

Flávia Nosralla de Oliveira Caruso

TUDO IGUAL NA HORIZONTAL
Grande reportagem multimídia acessível sobre a sexualidade das pessoas com
deficiência

Bauru

2016

FLÁVIA NOSRALLA DE OLIVEIRA CARUSO

TUDO IGUAL NA HORIZONTAL

Grande reportagem multimídia acessível sobre a sexualidade das pessoas com deficiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista – Unesp como exigência parcial para obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador (a): Prof^ª Dra Suely Maciel.

Bauru

2016

FLÁVIA NOSRALLA DE OLIVEIRA CARUSO

TUDO IGUAL NA HORIZONTAL

Grande reportagem multimídia acessível sobre a sexualidade das pessoas com deficiência

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual Paulista – Unesp como exigência parcial para obtenção de título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador (a): Profª Dra Suely Maciel.

Bauru, ____ de _____ de ____.

BANCA EXAMINADORA

Profª Dra Suely Maciel

Profª Dra Lúcia Pereira Leite

Prof. Dr Mauro de Souza Ventura

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, à professora Suely Maciel pela inspiração proporcionada desde o primeiro dia de aula do primeiro termo, por todos os questionamentos, puxões de orelha, aprendizados e bons momentos vividos durante os quatro anos de graduação, os três anos de projeto Biblioteca Falada e os seis meses de realização deste trabalho. Obrigada por ter marcado tão positivamente a minha vida;

Ao meu eterno pupilo João Pedro Durigan Alves, que dedicou tempo considerável de suas férias para me auxiliar na edição dos vídeos e em todas as questões técnicas, estruturais e emocionais deste trabalho, sempre disposto a ouvir meus desabafos, me ajudar a tomar decisões e a me trazer biscoitos;

Às duas ‘Divas’ que iluminam minha vida, minha mãe e avó, que me deram todo o suporte, apoio e incentivo material e psicológico para ingressar na faculdade e nela permanecer, assim como à toda a minha família;

Às caras Tânia Rita Mendes de Camargo e Bianca Arantes, amigas de jornada que tanto me ouviram e ajudaram; à Isabela Cerqueira, amiga companheira que me apoia na vida e que aqui não foi diferente; à Heloíse Montini, por ser tão carinhosa e ter me aberto caminhos nesse difícil momento; aos queridos Lucas Loconte e William Orima, pela sempre disponibilidade em ajudar;

Ao querido Rafael Neves, pelo interesse e atenção na realização deste e de tantos trabalhos, sempre me mostrando que não há problema sem solução;

Ao projeto Biblioteca Falada, que tanto me fez crescer nesses últimos quatro anos, especialmente a Lara Sant’Anna, Bruna Pádua, Matheus Ferreira e Amanda Fonseca;

Aos servidores técnicos da Unesp José Benedito Guerreiro, Juvercy Matias da Silva e José Américo Nicolin, pela paciência e auxílio com as gravações de áudio e vídeo;

Ao suporte oferecido pelas brilhantes Kica de Castro e Ariani Queiroz, que me abriram caminhos e se disponibilizaram a enriquecer este trabalho;

A todas as fontes que se dispuseram de tempo e confiança para partilhar comigo suas histórias de vida, tornando este projeto real.

RESUMO

O presente trabalho aborda a sexualidade das pessoas com deficiência, por meio de uma grande reportagem multimídia acessível. Ele discute diversos aspectos do tema, como sexualidade humana, tipos de deficiência (sensorial, motora e intelectual) e comunicação e acessibilidade, além de estar fortemente baseado em relatos de experiências e vivências. A grande reportagem traz texto escrito, áudios e vídeos e está estruturada com recursos acessíveis para pessoas com deficiência visual (cegueira, baixa visão e daltonismo) e auditiva (perda audição leve ou de severa a profunda), como audiodescrição e legendagem nos vídeos, arquivos de áudio do texto escrito, exploração diferenciada de cores, fontes e contrastes. Dessa forma, o trabalho oferece um novo modelo de produção jornalística multimídia, com acessibilidade universal, a fim de garantir o acesso de todas as pessoas, com ou sem deficiência, à informação e à comunicação.

Palavras-chave: sexualidade humana; pessoas com deficiência; deficiência e sexualidade; reportagem multimídia; acessibilidade e comunicação.

ABSTRACT

This paper focus on disabled people sexuality, by means of a great accessible multimedia reporting. It discusses the theme aspects, such as human sexuality, kinds of disability (sensory, motor or intellectual) and communication and accessibility, besides being strongly based in reports, experiences. The great reporting brings written text, audios and videos and it is structured with accessible resources for people with view disability (blindness, low sight and defective color vision) and hearing (light or severe or from severe to deep), such as audio description and subtitles in videos, audio files of the written text, distinguished exploration of colors, fonts and contrasts. This way, the paper offers a new pattern of journalistic production, with universal accessibility, in order to guarantee accesses to all the people, with or without disability, to information and communication.

Key-words: human sexuality; people with disabilities; disability and sexuality; multimedia reporting; accessibility and communication.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Tema e definição	7
1.2 Objetivos	11
1.3 Justificativa.....	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1 Justificativa do gênero e formato escolhidos	15
2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto	15
<i>2.2.1 Deficiência visual e auditiva</i>	<i>15</i>
<i>2.2.3 Acessibilidade.....</i>	<i>16</i>
<i>2.2.3 Reportagem Multimídia.....</i>	<i>20</i>
3 GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA <i>TUDO IGUAL NA HORIZONTAL</i>	21
3.1 Público-alvo	21
3.2 Projeto Gráfico-Editorial	21
3.3 Descrição do produto.....	22
3.4 Circulação e lançamento	37
4 METODOLOGIA.....	38
4.1 Atividades desenvolvidas.....	38
4.2 Fontes de pesquisa e entrevistas	39
<i>4.2.1 Perguntas base para os psicólogos e educadores.....</i>	<i>41</i>
<i>4.2.2 Perguntas base para as pessoas com deficiência</i>	<i>42</i>
4.3 Equipamentos utilizados	42
4.4 Custos do Projeto	44
4.5 Cronograma	45
4.6 Consultores com deficiência auditiva e visual	46
<i>4.6.1 Consultores com deficiência auditiva</i>	<i>46</i>
<i>4.6.2 Consultores com deficiência visual.....</i>	<i>47</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ANEXOS	54

Anexo 1 – Texto da grande reportagem multimídia <i>Tudo igual na horizontal</i> ...	54
Anexo 2 – Pauta da reportagem <i>Tudo igual na horizontal</i>	92
Anexo 3 – Roteiro dos equivalentes textuais das imagens.....	109
Anexo 4 – Roteiro de Audiodescrição dos vídeos.....	115

1 INTRODUÇÃO

1.1 Tema e definição

O advento da internet, em longo prazo, obrigou o jornalismo a se reinventar. As experiências jornalísticas online, no Brasil, datam da década de 1990 e, nesses 25 anos, a profissão teve seus parâmetros modificados, sendo que as consolidadas plataformas sonora, impressa e televisiva tiveram de ceder espaço para o imediatismo incontestável da era digital. As primeiras experiências eram tímidas – apenas a disponibilização do conteúdo dos jornais impressos na rede – e foram iniciadas pelo *Jornal do Brasil* em 1995 (FERRARI, 2007).

Duas décadas e meia depois, o ciberjornalismo avançou além do espaço que lhe foi inicialmente concedido, fez com que as outras mídias – sonora, impressa e televisiva – se adaptassem ao seu ritmo acelerado e cedessem a ele o lugar de protagonista na divulgação de notícias. Cresceu, tendo na multimídia, na hipertextualidade, na interatividade, na flexibilidade nos limites de tempo e espaço e na atualização contínua algumas de suas principais características (SCHWINGEL, 2012). Com todas essas potencialidades, inventou modelos de produção de conteúdo, sendo um deles a grande reportagem multimídia.

Utilizando-se da possibilidade de abarcar as diversas mídias que integram o jornalismo – como texto escrito, áudio, vídeo, fotografia, charge etc. –, a grande reportagem multimídia as apresenta de maneira diferenciada, não linear e não redundante, conforme analisa Gradim (2007). Ao leitor, é sugerida uma ordem de consumo para a informação que pode ou não ser seguida; ainda que escolha por diferentes caminhos, ele tem a garantia de conteúdo aprofundado. Cada unidade informacional pode ser acessada de forma independente, sem perda de entendimento, e, ainda assim, estar integrada às demais, proporcionando uma narrativa completa e aprofundada. Tal integração interativa e não redundante facilita ao leitor mergulhar com leveza no tema abordado.

O sentido geral de 'completude' que a grande reportagem multimídia oferece tem comumente esbarrado, porém, numa limitação: a falta de recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva, conforme se pôde constatar em levantamento realizado pela autora do presente trabalho durante a pesquisa de Iniciação Científica

Informação para todos: recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva nas reportagens multimídia dos sites TAB e Folha.com (Unesp/Fapesp), realizada em 2015/2016. As análises indicam que, desde os grandes e consolidados produtores de informação, como o site do jornal **Folha de S. Paulo**, que disponibiliza especiais multimídia desde 2013, até as novas propostas jornalísticas, como o site TAB, do grupo UOL, criado exclusivamente para a produção de reportagens multimídia, não utilizam diversos recursos que garantem o acesso das pessoas com deficiência aos conteúdos, como áudio dos textos escritos, legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e audiodescrição (AD) em vídeos, fotografias e ilustrações, contrastes de cores, fontes diferenciadas etc. Quando muito, apresentam narrações grosseiras dos textos escritos, geralmente feitas a partir de *softwares* de sintetização de voz. A estruturação dos sites também não favorece a navegação por leitores de tela, o que praticamente inviabiliza a leitura dos conteúdos por pessoas cegas.

Diariamente, universidades e empresas criam novos mecanismos, *softwares* e *hardwares* que visam vencer as barreiras à informação e à comunicação decorrentes da deficiência, em uma sociedade que não se estrutura de maneira acessível para todos os sujeitos. Há inclusive diversos recursos de desenvolvimento nacional, como é o caso do leitor de tela Virtual Vision 2.0 e do sistema operacional Dosvox, que inclui “edição de textos, *browser* para navegação na Internet e utilitários” (BRASIL, 2009), além dos sintetizadores de voz, como Liane e o próprio Virtual Vision, e dos editores BR Braille, o Braille Criator, todos voltados para pessoas com deficiência visual. Há também alternativas para a deficiência auditiva, como a Língua Brasileira de Sinais e o sistema de legendagem por *closed caption*, entre outros.

As possibilidades são diversas, conforme lista a Norma de Acessibilidade em Comunicação na Prestação de Serviços, de 25 de agosto de 2008 (ABNT, 2008), em 39 páginas de especificação de recursos acessíveis a serem utilizados em cada situação de comunicação. Um dos pontos-chaves desta Norma é o capítulo 5, no qual se determina o uso de “informação com redundância”, ou seja, o oferecimento de um mesmo conteúdo em diferentes formatos (texto escrito, áudio, vídeo etc.), de maneira a permitir o acesso irrestrito de pessoas, com ou sem deficiência, a ele. Assim, uma produção estruturada na forma audiovisual, como um vídeo, deve ter também seu equivalente em áudio (audiodescrição) e texto escrito (legendagem), bem como um áudio deve ter seu

equivalente visual (texto transcrito), por exemplo. Com isso, garante-se a uma pessoa com problemas para enxergar a possibilidade de se valer da audição para acessar um conteúdo, e uma pessoa que não consiga escutar poderá utilizar a visão para obter as mesmas informações.

Ressalte-se, no entanto, que esta redundância diz respeito à variedade de formatos de uma mesma informação a serem disponibilizados, o que não deve ser confundido com desrespeito aos princípios jornalísticos da objetividade, síntese e simplicidade. Por exemplo, a legenda de uma fotografia não precisa repetir elementos que a própria imagem apresenta, mas deve adicionar a esta dados complementares acerca do acontecimento. Bem diferente disso é o “equivalente textual” da imagem, ou seja, a descrição minuciosa dos elementos que a fotografia mostra, de forma a possibilitar o acesso à informação nela contida por parte da pessoa cega ou com baixa visão.

Ignorar a existência e a utilização desses recursos é também ignorar um amplo público consumidor: o das pessoas com deficiência visual ou auditiva, direitos garantidos por lei¹. Segundo o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 35 milhões de pessoas com deficiência visual, sendo que 6,5 milhões apresentam deficiência visual severa e 506 mil são cegas. A surdez atinge 344 mil pessoas, mas pelo menos 9,4 milhões de brasileiros sofrem com a deficiência auditiva, em diferentes níveis de perda da audição. Tem-se, portanto, um contingente significativo de possíveis leitores de produções jornalísticas, o qual fica à margem como público porque estas, em sua maioria esmagadora, não são acessíveis.

Em vista do exposto, o presente trabalho busca suprir essa lacuna no oferecimento de produções jornalísticas acessíveis, apresentando a proposta de uma grande reportagem multimídia com recursos de acessibilidade. A produção *Tudo igual na horizontal* trata da sexualidade das pessoas com deficiência e apresenta informação aprofundada, unindo teorias e técnicas jornalísticas de entrevista, reportagem e edição, em diferentes formatos (imagens, texto, áudio e vídeo), aos recursos que garantem

¹ O mais recente e completo estatuto de direitos da pessoa com deficiência entrou em vigor no dia 2 de janeiro de 2016, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015).

acessibilidade nos casos de deficiência visual e auditiva. Dessa forma, busca explorar toda a potencialidade da integração multimídia e garantir a fruição plena de leitura a todas as pessoas, independentemente de sua condição física e sensorial.

A escolha do tema justifica-se pelo fato de a sexualidade, embora esteja intrinsecamente ligada à vivência de toda pessoa, ser tratada de maneira superficial e/ou evitada de ideias falsas, tabus e desconhecimento, especialmente no caso das pessoas com deficiência. Num levantamento informal, realizado para este trabalho, de reportagens impressas e digitais online publicadas sobre o assunto, percebeu-se que a maioria das produções jornalísticas disponíveis não aprofunda a discussão do tema e não avança no esclarecimento dos preconceitos e mitos quanto a aspectos como sexualidade, afetividade, vida íntima e relacionamentos sociais das pessoas com deficiência. Além disso, o conceito de sexualidade é geralmente tratado de forma limitada, em abordagens que o restringem às relações e aos encontros sexuais e ignoram todos os aspectos psicológicos, sociais e de desenvolvimento do sujeito que influenciam a vivência da sexualidade, tais como afeto, autoestima, relacionamentos, reprodução, interação na sociedade e entendimento e aceitação da condição física, intelectual ou sensorial.

Na grande reportagem *Tudo igual na horizontal*, optou-se por tratar o tema a partir, fundamentalmente, dos relatos das pessoas com deficiência, para que estas tivessem voz e pudessem contar suas vivências. Foram também consultados psicólogos, educadores, ativistas da causa da deficiência e profissionais da área da saúde, que discutiram os aspectos científicos, sociais e culturais da deficiência e sua associação com a sexualidade.

A grande reportagem é composta de texto escrito, vídeos e áudio. O site TAB (www.tab.uol.com.br), do portal UOL, foi utilizado como modelo para a estruturação da grande reportagem, uma vez que é especializado neste formato e foi pensado como possível publicador futuro da produção ora apresentada. Ressalte-se que a estruturação levou em conta também os possíveis *softwares* e *hardwares* empregados pelas pessoas com deficiência, em especial as cegas, no acesso ao documento, por isso, algumas adaptações foram necessárias (como tipo de fonte, cores e contraste, bem como ordem de apresentação dos conteúdos) em comparação com o plano geralmente apresentado pelo TAB.

Todos os formatos integrados à grande reportagem foram adaptados para serem acessíveis. Assim, o texto escrito tem versão em áudio, os vídeos têm audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE) e os áudios são transcritos.

A grande reportagem está hospedada no domínio www.tudoigualnahorizontal.com.br e é acessível por sistemas e leitores de tela como NVDA, Virtual Vision, Jaws, Dosvox e outros.

1.2 Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é discutir deficiência e sexualidade a partir da produção de uma grande reportagem multimídia com recursos de acessibilidade visual e auditiva. Com o trabalho, espera-se também contribuir para o debate sobre acessibilidade universal e democratização da comunicação.

Para atingir este objetivo geral, o trabalho se propôs a alguns objetivos específicos, tais como:

- compreensão e discussão dos conceitos de sexualidade e deficiência;
- identificação dos recursos de acessibilidade visual e auditiva, incluindo *softwares* e *hardwares*, e seu emprego nos meios digitais em rede;
- compreensão dos fundamentos teóricos e práticos do Jornalismo, em especial da grande reportagem e dos formatos multimídia online;
- domínio dos formatos textuais acessíveis, como audiodescrição e legendagem para surdos e ensurdecidos (LSE)
- desenvolvimento de um site acessível para hospedagem da grande reportagem.

1.3 Justificativa

A produção de uma reportagem multimídia acessível busca suprir o direito à informação para todos, instituído na lei 13.146, de 6 de julho de 2015, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa Com Deficiência, que passou a valer no dia 2 de janeiro de 2016. No Título I, “Disposições Preliminares”, Capítulo II, “Da Igualdade e da Não Discriminação”, o artigo oitavo determina que “é dever do Estado, da sociedade e da família assegurar à pessoa com deficiência, com prioridade, a efetivação dos direitos referentes” a diversos aspectos da vida, dentre eles, a informação e a comunicação. Mais

adiante, no Título III, “Da Acessibilidade”, Capítulo II, “Do acesso à informação e à comunicação”, fica estabelecido que

Art. 63. É obrigatória a acessibilidade nos sítios da internet mantidos por empresas com sede ou representação comercial no País ou por órgãos de governo, para uso da pessoa com deficiência, garantindo-lhe acesso às informações disponíveis, conforme as melhores práticas e diretrizes de acessibilidade adotadas internacionalmente.

De tal forma, os consolidados veículos de comunicação que se constituem como empresas devem disponibilizar toda a informação jornalística online que produzem de maneira acessível. Isso, infelizmente, ainda não acontece.

Em pesquisa de Iniciação Científica intitulada *Informação para todos: recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva nas reportagens multimídia dos sites TAB e Folha.com* (Unesp/Fapesp), desenvolvida pela autora proponente do presente trabalho, observou-se que as grandes produções jornalísticas do gênero não atentam para a acessibilidade. Os sites não se estruturam em linguagem acessível para os *softwares* leitores de telas utilizados por pessoas com deficiência visual; os vídeos não possuem audiodescrição, legendas ou janela de Libras; os áudios não contam com transcrição escrita para pessoas com deficiência auditiva; também não há barra de acessibilidade que possibilite o aumento da fonte da reportagem, nem a troca de cores que facilite o contraste para pessoas com baixa visão.

Esses recursos, porém, estão disponíveis para diversos sites online, inclusive de notícias. A versão online do jornal *Folha de S. Paulo* apresenta o *player* “Ouça esta notícia”, no qual uma voz sintetizada realiza a leitura do conteúdo veiculado, mas nenhuma outra opção de acessibilidade está disponível. Pôde-se constatar, então, que a produção de conteúdo jornalístico acessível na esmagadora maioria dos sítios web é exígua.

O formato jornalístico das reportagens multimídia está em crescimento no país. Os grandes jornais, como *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, já produzem esse esse formato e um dos maiores portais de internet do Brasil, o Universo OnLine (UOL), criou um site exclusivo para esse tipo de produção, o TAB. Veículos menores e independentes também investem neste segmento, como o Repórter de Rua, coletivo independente de reportagem criado em Mossoró, Rio Grande do Norte, em 2013.

Tendo em vista a crescente exploração da grande reportagem multimídia como conteúdo veiculado pelos sites e portais, bem como a escassez de produções acessíveis, percebeu-se a necessidade da criação de um produto jornalístico que unisse a utilidade e a diferenciação jornalísticas da grande reportagem multimídia com os recursos de acessibilidade disponíveis para pessoas com deficiência visual e auditiva. Este produto jornalístico pode atender a um grande público que, atualmente, é desconsiderado no momento da produção comunicacional. Segundo o último Censo Demográfico do IBGE (2010), o Brasil possui 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual severa e 506 mil cegos, enquanto os surdos e ensurdecidos somam 9,7 milhões, sendo que 344 mil não conseguem escutar mesmo com a ajuda de aparelhos. Com os recursos acessíveis, no entanto, nenhuma dessas características físicas é empecilho para o consumo da produção jornalística.

Além da inclusão proporcionada pelo formato de grande reportagem multimídia acessível escolhido, a temática abordada na reportagem mostra-se atual e necessária. A sexualidade das pessoas com deficiência é um assunto sobre o qual há bastante desinformação. Comumente, essas pessoas são tratadas como se a deficiência física, sensorial ou intelectual as impossibilitasse de exercer a própria sexualidade e, por extensão, lhes é negado o direito à reprodução. Quando têm comportamentos eróticos e/ou sexuais, por outro lado, comumente são taxadas de descontroladas, preconceito que afeta principalmente as pessoas com deficiência ou síndromes intelectuais.

Mesmo as poucas reportagens que abordam o assunto citam os tabus que envolvem a temática, mas sem avançar na discussão, abrir espaço para que as pessoas com deficiência falem abertamente sobre o que sentem em relação a ele e sem dar detalhes de como é, de fato, vivenciar a sexualidade em toda a sua amplitude tendo uma deficiência. Muitos dos entrevistados para esta reportagem, por sinal, informaram já terem sido procurados por veículos jornalísticos para serem fontes de várias matérias sobre acessibilidade ou deficiência, mas nunca para falar sobre sexualidade, erotismo e afetividade.

Assim sendo, o assunto escolhido contribui para a inclusão e valorização da pessoa com deficiência na sociedade, mostrando que, com adaptações, é possível fruir a própria sexualidade de maneira proveitosa, reforçando a ideia de que o problema não

está na deficiência em si, mas sim no preconceito, na desinformação e nas ideias falsas sobre deficiência e sexualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Justificativa do gênero e formato escolhidos

A grande reportagem foi escolhida por ser o gênero jornalístico que mais permite o aprofundamento de discussão dos temas, pois possibilita a integração entre as diferentes mídias (textos escritos, sonoros e audiovisuais). Os veículos de comunicação têm mostrado tendência a criar produtos neste gênero, tais como os especiais das versões online dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*, além de sites especializados para esse material, como o *TAB*, criado pelo portal *Universo OnLine* (UOL).

Já a escolha do formato digital se deu por este permitir uma acessibilidade maior às diferentes deficiências, haja vista que possibilita que o mesmo conteúdo seja disponibilizado de diferentes formas na mesma plataforma. A escolha de outra mídia (impressa, sonora ou televisiva) exigiria que fosse feito uma versão do material para cada público de acordo com as especificidades de cada deficiência.

2.2 Revisão dos conceitos que nortearam as escolhas na realização e finalização do produto

2.2.1 Deficiência visual e auditiva

A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes, elaborada pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 1975, refere o termo “pessoas deficientes” a “qualquer pessoa incapaz de assegurar por si mesma, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência, congênita ou não, em suas capacidades físicas ou mentais” (ONU, 1975, p. 1).

Os vários tipos de deficiência existentes (física, intelectual/cognitiva, visual, auditiva) afetam cerca de 45 milhões de pessoas no Brasil, de acordo com o último censo demográfico (IBGE, 2010). A deficiência visual é a que mais ocorre no país, afetando 18,6% da população, enquanto a auditiva fica em terceiro lugar, atingindo 5,10% das pessoas. Estas parcelas da população encontram, devido a suas

características, grandes dificuldades para atuar plenamente em todas as esferas da vida cotidiana, incluindo atividades básicas como se locomover e se informar.

A Organização Mundial da Saúde define deficiência visual “como a perda total ou parcial, congênita ou adquirida, da visão”, sendo que nível de percepção pode variar em cegueira, quando “há perda total da visão ou pouquíssima capacidade de enxergar”, e visão subnormal ou baixa visão, caracterizada pelo “comprometimento do funcionamento visual dos olhos, mesmo após tratamento ou correção” (DORINA NOWILL). O Instituto Benjamin Constant explica diferenças entre pessoas mais próximas ou não da cegueira:

Falamos em 'cegueira parcial' (também dita LEGAL ou PROFISSIONAL). Nessa categoria estão os indivíduos apenas capazes de CONTAR DEDOS a curta distância e os que só PERCEBEM VULTOS. Mais próximos da cegueira total, estão os indivíduos que só têm PERCEPÇÃO e PROJEÇÃO LUMINOSAS. No primeiro caso, há apenas a distinção entre claro e escuro; no segundo (projeção) o indivíduo é capaz de identificar também a direção de onde provém a luz. A cegueira total ou simplesmente AMAUROSE, pressupõe completa perda de visão. A visão é nula, isto é, nem a percepção luminosa está presente. (...) (CONDE, Instituto Benjamin Constant)

Já a deficiência auditiva é a “diminuição da capacidade de percepção normal dos sons”, que começa entre 20 e 40 decibéis, surdez leve, até a surdez profunda de 3º grau, em que o indivíduo não consegue ouvir sons acima de 100 decibéis, passando pela média (40 dB a 70 dB), severa (70 dB a 90 dB), profunda de 1º grau (mais de 90 dB) e de 2º grau (entre 90 e 100 dB). A pessoa parcialmente surda possui uma audição funcional para o cotidiano, mesmo que para isso precise de próteses, enquanto a pessoa surda não possui essa audição funcional (BRASIL, 1997, p. 31).

2.2.3 Acessibilidade

A Lei 5.296, de 02/12/2004, estabelece as normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas com necessidades especiais, definindo acessibilidade como

condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida. (BRASIL, 2004)

Essa condição é essencial para que as pessoas com deficiência consigam atuar no meio social em condições iguais às dos demais cidadãos. A acessibilidade deverá eliminar as dificuldades decorrentes da deficiência e permitir que os indivíduos desenvolvam suas capacidades físicas e intelectuais sem maiores barreiras. A mesma lei define barreira como “qualquer entrave ou obstáculo que limite ou impeça o acesso, a liberdade de movimento, a circulação com segurança e a possibilidade de as pessoas se comunicarem ou terem acesso à informação” (BRASIL, 2010).

No campo da comunicação, as barreiras aparecem, especificamente, como “qualquer entrave ou obstáculo que dificulte ou impossibilite a expressão ou o recebimento de mensagens por intermédio dos dispositivos, meios ou sistemas de comunicação, sejam ou não de massa, bem como aqueles que dificultem ou impossibilitem o acesso à informação”, de acordo com o Decreto nº 5296 de 2 de dezembro de 2004 (BRASIL, 2004). Na prática dos processos comunicacionais, há diversas formas de se eliminar ou contornar essas barreiras, oferecendo à pessoa com deficiência uma informação tão completa quanto possível. Legendas permitem que deficientes auditivos captem pela visão o que é oferecido em áudio; a audiodescrição de uma produção audiovisual permitirá ao indivíduo compreender pelos ouvidos aquilo que é oferecido aos olhos.

Na sistemática de produção midiática contemporânea, no entanto, dificilmente esses recursos são planejados no momento da produção de um conteúdo. As produções, tradicionalmente, são adaptadas quando alguém demanda por esta adequação, pois não foram feitas levando-se em consideração que seriam consumidas por quem tem alguma dificuldade ou deficiência. Essa falha tanto ocorre que a Câmara dos Deputados aprovou, em 5 de março de 2015, o projeto da Lei de Inclusão da Pessoa com Acessibilidade, em que, entre diversas conquistas para a pessoa com deficiência, estabelece-se que nenhuma editora poderá se negar a oferecer livros acessíveis, por exemplo.

Juntamente com a legislação que, cada vez mais, busca garantir os direitos do indivíduo com deficiência, também o avanço tecnológico vem permitindo a crescente eliminação das barreiras que impedem o acesso pleno à informação e à comunicação. A Norma de Acessibilidade em Comunicação na Prestação de Serviços, de 25 de agosto de

2008 (ABNT, 2008) classifica diversos recursos para acessibilidade na comunicação, dividindo-os em comunicação tátil, visual e sonora, tais como audiodescrição, legendas em texto, tipologia ampliada, sistema de leituras de tela etc.

Uma pessoa que possua deficiência em um sentido tende a aprimorar outro que lhe supra essa falta. Nesse ponto, López Vigil (2003: 36) fala sobre os “olhos” dos cegos:

O ouvido também vê. Aquilo que é bem expressado, o ouvido faz esse olho interior ver, esse olho que chamamos de imaginação. Os olhos do rosto podem estar fechados. O terceiro, o da mente, continua bem aberto. E espera que os outros sentidos – especialmente o ouvido – o estimulem.

Para a pessoa com deficiência visual, essa é a forma de ver o mundo: imaginando. Com os sentidos que possui, ela formará, internamente, aquilo que lhe é externo. Pela forma, pela textura, pela temperatura, pelo som, pelos cheiros, pelos gostos. E o sentido que substituirá, de certa forma, a visão, será o da audição. O que não pode ser visto pode ser descrito sonoramente, ouvido e, conseqüentemente, imaginado.

De tal forma, imagens e vídeos podem ser consumidos por cegos, desde que haja uma descrição escrita ou uma audiodescrição. Com menos de uma linha, podem-se transmitir as mais de 'mil palavras' que valem uma imagem – imagem esta que seria perdida sem o recurso explicativo. Por exemplo, pequenos trechos de um locutor realizando uma descrição imagética, inseridos por entre as falas das personagens de um filme, são o suficiente para fazer com que o cego assista a uma produção audiovisual.

Qualquer recurso visual pode ser descrito: tabelas, mapas, gráficos, organogramas, fórmulas. Cada qual terá sua especificidade, sua maneira mais simples e fácil de ser traduzido para a linguagem verbal vocalizada, via gravação de áudio e/ou sintetização de voz. Um exemplo disso é a vocalização do conteúdo que aparece em forma de texto, recurso já oferecido em alguns sites de notícias, como o da *Folha de S. Paulo* em que há um *player* denominado “Ouvir o texto” no topo de algumas matérias.

A pessoa com deficiência auditiva, por sua vez, não consumirá satisfatoriamente o que lhe for oferecido em áudio: vídeos, gravações, músicas etc. O sentido que fará o papel de lhe informar o que está sendo transmitido pelo som será a visão. Lendo, a pessoa surda ou ensurdecida poderá conceber que tipo de informação sonora está sendo transmitida. Chega-se, então, aos recursos de legendas, libras, letras ampliadas e texto escrito, ao invés somente do texto sonoro.

A Portaria nº 310, do Ministério de Estado de Comunicações, de 27/06/2006, publicada no Diário Oficial da União, define a Legendagem para Surdos e Ensurdecidos como sendo a “transcrição em português dos diálogos, efeitos sonoros e outras informações que não poderiam ser percebidas ou entendidas pelos deficientes auditivos”. Assim, toda informação que vier em forma de áudio deve ser acompanhada de legenda.

Além desses recursos, há o desenvolvimento crescente de softwares destinados à acessibilidade de deficientes visuais e auditivos no mundo digital. O Grupo ICTS, por exemplo, criou o “Rybená Web”, um *player* de tecnologia nacional que vocaliza ou transforma para a linguagem de Libras qualquer texto escrito selecionado em uma página.

Nessa área tecnológica, também foram criados os leitores de tela. Eles possibilitam à pessoa com deficiência visual acessar o computador de maneira fácil e independente, abrindo para ela um enorme leque de entretenimento, informação e conhecimento. Existem diversos leitores de tela disponíveis para uso: Jaws, NVDA, Orca, VoiceOver, Virtual Vision e CPqD. Há também o sistema operacional Dosvox, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que é uma interface especializada, oferecendo um sistema completo para os deficientes visuais, com diversos aplicativos e utilitários.

Os leitores de tela funcionam capturando as informações textuais de uma página da web e as transformando em uma resposta falada. Eles trabalham em conjunto com o sistema operacional do computador e a navegação é feita por meio do teclado. O princípio fundamental do mecanismo é interpretar o código HTML, a linguagem mais básica e simples de escrita de site que existe na computação. Se um determinado site possuir um código mais complexo ou diferente do que o leitor de tela entende, este será incapaz de realizar a leitura.

Dessa forma, é preciso que se incluam elementos acessíveis na formulação de uma página para que ela consiga ser "consumida" pela pessoa com deficiência visual. Imagens, por exemplo, não são lidas, assim como determinados recursos visuais que, portanto, devem ser descritos para que, ouvindo, a pessoa com deficiência visual consiga formar a 'imagem' mentalmente. Como os leitores variam em sua composição e suporte, um mesmo site pode ser lido por determinado visor, mas não por outro.

2.2.3 *Reportagem Multimídia*

A grande reportagem multimídia é um produto recente do jornalismo digital. As primeiras experiências do jornalismo digital datam do final dos anos 60 (SCHWINGEL, 2012), mas, no Brasil, a internet só começou a ser explorada pelo jornalismo na década de 1990, quando os jornais diários passaram a disponibilizar suas matérias e reportagens na rede, sem fazer alterações ou adaptações, durante o chamado jornalismo de primeira geração. O primeiro jornal online no país foi o Jornal do Brasil, colocado no ar em maio de 1995 (FERRARI, 2007).

A experimentação desse meio evoluiu para reportagens que apresentavam informações específicas para a versão online, mas ainda se mantinham estruturalmente ligadas ao impresso, em sua constituição e representação (SCHWINGEL, 2012). Essa diferença, denominada jornalismo digital de segunda geração, iria se intensificar posteriormente.

O ciberjornalismo que se tem hoje de terceira geração possui uma produção própria, características específicas para o meio, sendo elas, segundo Carla Schwingel (2012), a multimedialidade, interatividade, hipertextualidade, customização do conteúdo, memória (“possibilidade de arquivar, conservar e acumular a informação”), atualização contínua, flexibilização dos limites de tempo e espaço e ferramentas automatizadas no processo de produção. Essas características permitem experimentação e inovação em diversos tipos de produtos jornalísticos.

Dentre as possibilidades oferecidas pelo jornalismo de terceira geração, está a grande reportagem multimídia. Como ressalta Gradim (2007), ela “usa uma combinação de textos, fotos, vídeo, áudio, animação e gráficos, apresentados num formato não linear e não redundante que intensifica as possibilidades de escolha do leitor”. Essa reportagem reunirá uma informação completa e ramificada sobre um determinado assunto de maneira inovadora, utilizando as potencialidades de cada recurso midiático para diferenciar a apresentação dos dados.

3 GRANDE REPORTAGEM MULTIMÍDIA *TUDO IGUAL NA HORIZONTAL*

3.1 Público-alvo

A reportagem *Tudo igual na horizontal* é voltada para público de ambos os sexos, feminino e masculino, jovem e adulto, de todas as regiões do país. Busca-se suprir a demanda informativa de pessoas com deficiência sensorial (haja vista que a reportagem foi estruturada de maneira acessível), mas a reportagem é abrangente, tanto pelo tema escolhido quanto pela abordagem, para pessoas com quaisquer deficiências ou síndromes (sensorial, física ou intelectual), bem como para pessoas sem deficiência. Apesar dessas características especiais, ela é uma publicação destinada a todos aqueles que se interessam pelo assunto e acessam a internet.

A publicação também se destina ao público-alvo do site de reportagens multimídia TAB (www.tab.uol.com.br), tendo em vista que esta reportagem foi inspirada no padrão por ele utilizado.

3.2 Projeto Gráfico-Editorial

O projeto gráfico-editorial tem como modelo as produções do site TAB. Neste não há uma padronização rígida na estruturação de conteúdos, pois a publicação tanto pode dispor conteúdos de maneira linear verticalizada, quanto na forma de capítulos descontínuos. O mesmo vale para a inserção de arquivos em áudio, foto e vídeo, ora dispostos no meio do texto escrito, ora acessíveis por links que abrem pop-ups ou até mesmo outras páginas.

Na presente proposta, optou-se pela estruturação em capítulos, seguindo o mais fielmente possível as características estéticas e de estilo do TAB. Ainda assim, a grande reportagem apresenta aspectos bastante diferenciados em relação ao modelo, haja vista que sua proposta é de ser totalmente acessível. Dessa forma, há diferenças na tipologia e cor das fontes gráficas, contraste ressaltado nas imagens, disponibilização de links intermediários para acesso a conteúdos paralelos, como arquivos de áudio e vídeo etc. Todo o projeto gráfico-editorial, portanto, foi feito considerando-se os recursos de acessibilidade e as adaptações necessárias para oferecer um produto que pudesse ser inteiramente consumido por pessoas com deficiência visual e auditiva.

O planejamento gráfico foi realizado pela aluna autora do projeto em parceria com o *designer* Marcos Airton Morasco Júnior, graduado no curso de Design, com habilitação em Design Gráfico. Como Trabalho de Conclusão de Curso, Marcos aprofundou seus estudos em acessibilidade digital, desenvolvendo um site para crianças com deficiência chamado “Os Poetas Especiais”. Atualmente, ele é aluno aprovado no mestrado em Design na linha de pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: Pesquisa e Produção Projetual”. Tendo em vista a experiência dos dois responsáveis pelo desenvolvimento gráfico da grande reportagem, o planejamento esteve sempre balizado por fundamentos teóricos e técnicos sobre acessibilidade universal e atento às necessidades das pessoas com deficiências auditiva e visual principalmente. Todas as escolhas foram feitas de maneira a oferecer recursos de acessibilidade de larga utilização. Estas escolhas estão explicadas e justificadas no item 3.3 *Descrição do produto*.

Quanto ao planejamento editorial, foi importante optar pela divisão da reportagem em capítulos. Esta se justificou pela organização da informação, mostrando a amplitude do assunto e facilitando a compreensão do mesmo. Uma vez que a reportagem é bastante extensa, o oferecimento de uma leitura contínua e linear poderia ser cansativo.

O título *Tudo igual na horizontal* teve como inspiração a entrevista realizada com a técnica contábil Ariani Queiroz, que é cadeirante. Enquanto discorria sobre a falsa ideia de que pessoas com deficiência ficam impossibilitadas de fazer sexo, Ariani disse que não há diferença neste quesito em relação às pessoas sem deficiência. Segundo ela, “na horizontal, somos todos iguais”. A frase remete à horizontalidade dos corpos sobre a cama, durante o ato sexual, e também ao entendimento de que não há distinções nem impedimentos para a prática sexual entre os sujeitos, tenham eles ou não alguma deficiência. A fala foi adaptada para “tudo igual na horizontal”, de maneira a melhorar a sonoridade e a extensão do título, facilitando o acesso pelo endereço eletrônico.

3.3 Descrição do produto

A reportagem *Tudo igual na horizontal* está hospedada em um domínio próprio e é composta por uma página de abertura e apresentação e cinco capítulos de texto, que abordam as temáticas 1) sexualidade e deficiência, 2) autoestima, 3) relacionamentos, 4)

sexo, e 5) reprodução. A divisão por capítulos buscou delimitar as especificações referentes a cada aspecto que integra o amplo conceito de sexualidade, sempre associando cada característica à presença de uma deficiência física, sensorial ou intelectual, bem como facilitar a compreensão do conteúdo e dinamizar a leitura.

São oferecidas ao leitor diversas possibilidades de leitura: ele pode seguir a ordem sugerida pela página, ou seja, partindo do capítulo 1 para os demais; pode alterar essa ordem, começando pelo tema que mais desperta sua atenção; pode abrir áudios e vídeos também de forma isolada, independentemente da ordem estabelecida pelo texto etc. Em todos os casos, não há comprometimento da compreensão, uma vez que todos os componentes (textos escritos, áudios e vídeos) foram produzidos como unidades informativas que mantêm sua independência, ao mesmo tempo em que se integram na grande reportagem, conformando-a.

Os aspectos abordados dentro de cada capítulo/tema foram:

1. **Sexualidade e deficiência:** O primeiro bloco informacional, *No meio da deficiência, tinha uma sexualidade*, trata da associação da vivência da sexualidade à presença de uma deficiência no indivíduo. A remissão ao poema *No meio do caminho*, de Carlos Drummond de Andrade, visa destacar, já no título, a ideia de que a sexualidade é parte intrínseca do ser humano, haja alguma deficiência ou não.

O texto aborda os diferentes preconceitos existentes em relação ao assunto, como o de que as pessoas com deficiência são assexuadas ou hipersexuadas, explicando como tais ideias falsas surgem e qual a verdadeira realidade por trás delas.

Além do texto escrito, o capítulo conta com dois vídeos: o primeiro apresenta uma definição de sexualidade, enquanto o segundo aborda como as pessoas com deficiência lidam com as questões gerais relacionadas à sexualidade, como afeto, romance, sexo e preconceito. Há ainda um áudio com psicólogos no qual se explica a origem e a realidade de alguns tabus sobre o tema.

2. **Autoestima:** O capítulo *Just The Way You Are* é dedicado à abordagem da autoestima, importante componente da sexualidade, que tem influência direta na expressão e vivência desta. O título é referência à música homônima (produzida

pelo cantor Bruno Mars, em 2010), na qual o eu lírico elogia os traços e o comportamento de uma mulher e revela que não mudaria nada nela, pois a admira e deseja do jeito que ela é (*When I see your face / There's not a thing that I would change / 'Cause you're amazing / Just the way you are*). A canção reforça a ideia de que uma pessoa pode ser perfeita para si e para outrem, não importa quais sejam as suas características. Esse é o princípio que se quer destacar como título.

Adquirir uma deficiência ao longo da vida provoca modificações intensas na autoestima do indivíduo, podendo levá-lo a desenvolver transtornos de depressão e ansiedade. Da mesma forma, compreender-se e aceitar-se quando a deficiência é congênita também é tarefa difícil, tendo em vista os padrões de beleza e comportamento socialmente aceitos e constantemente reproduzidos.

O texto escrito é incrementado com um vídeo sobre os aspectos que influenciam na vivência da sexualidade, como a autoestima, uma foto ilustrativa e um áudio sobre as mudanças na autoestima provocadas pela deficiência visual em pessoas que a adquiriram ao longo da vida.

3. **Relacionamentos:** Já o capítulo *Os outros* procura tratar dos aspectos relacionados aos diferentes tipos de relacionamento que as pessoas com deficiência desenvolvem com familiares e amigos e, em especial, os relacionamentos amorosos. O foco recai, então, nos aspectos da sexualidade em referência a outras pessoas, e não especificamente a si mesmo, como foi abordado no capítulo anterior. Junto ao texto, está presente um áudio com o psicólogo Lucas Xavier, explicando como se dá o desenvolvimento do autismo, mídia que complementa as explicações sobre o Transtorno do Espectro Autista presentes no texto.
4. **Sexo:** A seção intitulada *Tudo pode sob os lençóis* aborda especificamente a relação sexual, com quais potencialidades e dificuldades o indivíduo com deficiência terá de lidar na hora do sexo. O título faz referência ao ato sexual e ao que o envolve (como os lençóis da cama onde ele geralmente é realizado), com o propósito de suscitar a ideia de ausência de restrições ou limitações envolvidas na hora do sexo. O capítulo é composto por texto; fotografia dos entrevistados; áudio sobre como as pessoas com deficiência visual se adaptaram

à relação sexual; um vídeo que aborda as potencialidades das pessoas com deficiência na hora do sexo e outro vídeo com as opiniões das pessoas com deficiência sobre os assistentes sexuais.

5. **Reprodução:** A última parte da reportagem, *Como nossos pais*, trata do direito à reprodução e como as pessoas com deficiência podem vivenciá-lo. O título remete à canção homônima da autoria de Belchior e interpretada por Elis Regina. O texto apresenta a indicação para a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência; fotografia dos entrevistados e áudio sobre as questões reprodutivas em relação a síndromes e transtornos de desenvolvimento.

Como foi dito anteriormente, os recursos midiáticos presentes em cada capítulo constituem-se, simultaneamente, como unidades informacionais individuais, oferecendo autonomia para serem acessados separadamente sem perda de aproveitamento do conteúdo, e como integrantes da reportagem, interligadas entre si para oferecer informação aprofundada sobre o assunto. De tal maneira, cada vídeo, áudio, imagem e capítulo de texto pode ser acessado de maneira individual e/ou integrada.

Para que não houvesse perda de entendimento para o leitor que opta por explorar apenas uma das unidades midiáticas – vídeo, foto, áudio, texto –, optou-se pela repetição de determinadas informações.

Por exemplo, cada vez que uma fonte é citada pela primeira vez em determinado texto (escrito, áudio ou vídeo), há uma explicação sobre quem ela é e a deficiência que possui. Nos vídeos, repete-se também a audiodescrição de cada personagem na primeira vez em que ele aparece, ainda que os personagens de todos os textos audiovisuais sejam basicamente os mesmos. Dessa maneira, reforça-se o caráter independente de cada composição.

Nos vídeos, opta-se por apresentar, geralmente, os mesmo personagens porque, dentre os entrevistados, foram os que mais se dispuseram a ter sua imagem divulgada. Por isso, as cinco pessoas que mais aparecem (Ariani Queiróz, cadeirante; Maria José Lobo, cadeirante; Osvaldo Andrade, deficiência visual; Edy Yoshiko Yamamoto e Ana Carla Vieira, psicólogas) quase não são citadas nos demais textos escritos e em áudio.

A elaboração do site foi feita com base na cartilha de acessibilidade para web e nas especificações do Consórcio Word Wide Web (W3C), a principal e mais importante organização que determina critérios de padronização para a internet.

As escolhas dos recursos midiáticos e acessíveis estão dispostas e justificadas a seguir:

a. Fonte: A Associação Britânica para Dislexia² (*British Dyslexia Association*) apresenta diferentes fontes que são acessíveis para pessoas com dislexia - distúrbio genético e neurológico que compromete a leitura e a escrita -, promovendo maior legibilidade para esse público, como Arial, Calibri, Verdana, e outras desenvolvidas especialmente para pessoas com dislexia, como Open-Dyslexic, Lexia Readable e Dyslexie. O documento oferecido pela associação aborda os pontos positivos e negativos de cada fonte, comparando letras que possuem formato parecido e são, portanto, facilmente confundidas, como a letra “L” minúscula, o número “1” e a letra “I” maiúscula. Dado que a reportagem é constituída por uma grande quantidade de texto e longos parágrafos, optou-se pela fonte Verdana, que apresenta um formato maior, ainda que tenha o mesmo tamanho das demais, “at the same 12 point” (BDA TECH), além de funcionar bem com as letras e numerais que se confundem. Assim, facilita-se a leitura, deixando-a clara e arejada.

b. Narração do texto escrito: além da construção do HTML do site de maneira acessível, de forma que os conteúdos pudessem ser percorridos pelos leitores de tela/sintetizadores de voz, optou-se também por disponibilizar um *player*, na Barra de Acessibilidade, com a narração integral do texto escrito, de forma a proporcionar maior conforto no momento da escuta. Os *softwares* utilizados por pessoas com deficiência visual geralmente possuem uma voz sintetizada, com aspecto robotizado, pouco agradável para ser escutada por muito tempo, daí o oferecimento da opção narrada. Recorre-se a dois locutores (homem e mulher), sendo que cada um narra um capítulo, de forma alternada, respeitando-se os parâmetros para a locução em mídia sonora. Dessa

² BDA TECH. **Typefaces for dyslexia.** British Dyslexia Association. Agosto 2015. Disponível em <<http://bdatech.org/what-technology/typefaces-for-dyslexia/>>. Acesso em 11 nov 2015.

forma, buscou-se oferecer à pessoa com deficiência visual a possibilidade de escolher ouvir o texto da maneira que mais lhe aprouver (arquivo de áudio ou leitor de tela/sintetizador de voz).

c. Barra de Acessibilidade: Este é um importante recurso que garante acessibilidade de sites para pessoas com deficiência visual severa ou baixa visão, além de idosos ou míopes que encontrem dificuldades com o contraste utilizado nas páginas e o tamanho das letras tradicionalmente oferecido nas reportagens. Neste trabalho, na barra disponibilizam-se as opções diminuir o tamanho da fonte (A-), aumentá-lo (A+), dar *play* no áudio narrado do texto escrito da reportagem (sinal de play) e pausar a locução (sinal de pause). Ela oferece também a opção de Alto Contraste³ (letra C) – quando acionado, gera uma nova página com o fundo preto, as letras brancas e os links destacados⁴. A barra de acessibilidade fica no canto esquerdo superior e continua na tela ainda que a barra de rolagem seja acessada, permitindo à pessoa com deficiência visual acessá-la a qualquer momento da leitura.

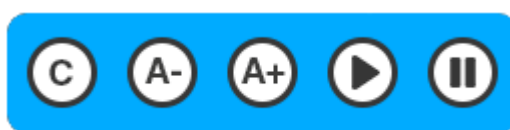


Figura 1: Barra de Acessibilidade da reportagem

³ W3C Brasil. **Cartilha de Acessibilidade na Web**. W3C. Disponível em <<http://www.w3c.br/pub/Materiais/PublicacoesW3C/cartilha-w3cbr-acessibilidade-web-fasciculo-I.html>>. Acesso em 12 nov 2015.

⁴ EMAG. **Práticas Web Acessíveis – Padrão de Acessibilidade Digital do Governo**. e-MAG, Modelo de Acessibilidade do Governo Eletrônico. Disponível em <<http://emag.governoeletronico.gov.br/cursodesenvolvedor/desenvolvimento-web/praticas-web-acessivel-padroo-acessibilidade-digital-governo.html>>. Acesso em 12 nov 2015.



Figura 2: Site sem contraste

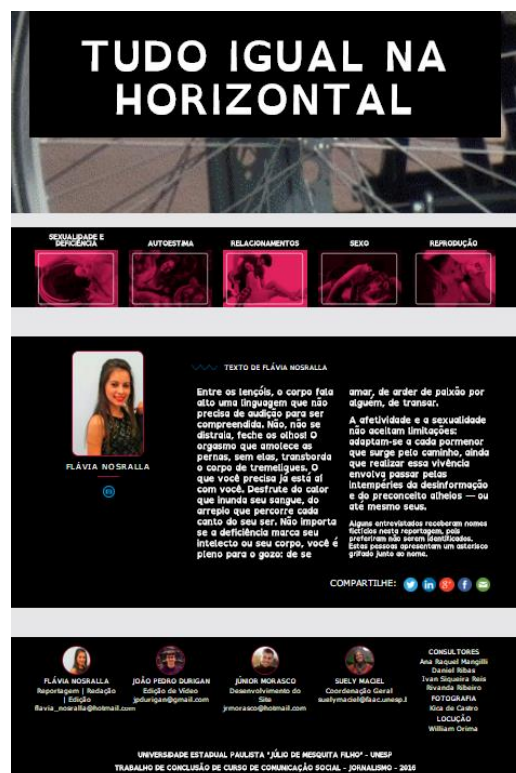


Figura 3: Site com contraste

d. Menu lateral: No canto esquerdo superior de tela, há um ícone formado por três linhas que indica o menu da reportagem. Ele se mantém na tela ainda que a barra de rolagem do site seja acessada, possibilitando que, a qualquer momento, o leitor clique no menu e escolha outro capítulo para ler. Quando o cursor é posicionado sobre o menu, o ícone deste troca de cor, passando de azul para bordô, indicando que ali há um link para ser clicado. Esta opção foi disponibilizada tendo por modelo a forma como as grandes reportagens multimídia dos sites Folha.com e Estadão, como pode se conferir nas grandes reportagens *A Batalha de Belo Monte*⁵, da Folha.com, e *Fauna Invisível*,⁶ do Estadão.

⁵ FOLHA. **A Batalha de Belo Monte**. Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>>. Acesso em 15 jan 2016.

⁶ ESTADÃO. **Fauna invisível**. O Estado de S. Paulo. Disponível em <<http://infograficos.estadao.com.br/public/cidades/fauna-invisivel/>>. Acesso em 20 jan 2016.



Figura 4: Menu lateral



Figura 5: Ícone do menu troca de cor quando o cursor está posicionado em cima dele

e. Menu por imagens: Logo abaixo das fotografias que abrem a primeira página da reportagem e os cinco capítulos constituintes, há um menu formado pelos capítulos, identificado por ícones de imagens e pela(s) palavra(s) que constituem o “chapéu” da referente seção do texto. Quando se está na página inicial, os cinco capítulos aparecem disponíveis para acesso.



Figura 6: Quando na página de abertura, o site exibe o menu por imagens com todos os capítulos disponíveis para acesso

Ao clicar em um dos capítulos, o menu se modifica, deixando à mostra os outros quatro capítulos disponíveis para leitura.



Figura 7: Ao acessar um dos capítulos, o menu por imagens se altera, mostrando os outros quatro capítulos disponíveis.

Essa modificação permite que o leitor identifique em que capítulo está – haja vista que ele está aberto no momento – e visualize as possíveis leituras restantes.

f. Cores: As cores selecionadas levaram em consideração o contraste necessário para que pessoas com baixa visão consigam ler a tela sem enfrentar qualquer problema. Para o texto, utilizou-se o preto 90% e, para o fundo, o preto 10%. Optou-se por não colocar preto 100% no fundo branco 100%, pois o contraste é máximo e pode cansar ou atrapalhar a leitura de quem tem algum distúrbio visual como a dislexia. A diferença é notável e o texto continua completamente legível.



Figura 8: Teste de cores para texto da reportagem.

Já para compor a paleta de cores do site, foram escolhidas as cores bordô e azul médio. Realizou-se um teste com cores comumente associadas à temática de sexualidade, com uma paleta que decresce do roxo ao amarelo.



Figura 9: Paleta de cores teste. (Fonte: Marcos Airton Morasco Júnior)



Figura 10: Teste parcial de cores para Layout do site com paleta de amarelo a roxo.

Entretanto, para pessoas com daltonismo – deficiência visual em que a pessoa apresenta dificuldade para reconhecer e diferenciar determinadas cores –, estas cores apareceriam todas como sendo a mesma. Portanto, optou-se por duas cores: uma que se assemelhasse à paleta e ao tema e outra com a qual a primeira tivesse um bom contraste. A alternativa encontrada foi o bordô como cor principal e o azul como cor contrastante. O bordô é a cor do vinho, também definido como vermelho escuro. De acordo com o

autor Luciano Guimarães, no livro *A cor como informação*, tem-se “*Vermelho, cor de Dionísio*. Para a cultura pagã, no entanto, o vermelho é mais forte: é a cor da maçã do Paraíso (fonte de pecado), do vinho e das vestimentas de Baco, de Dionísio, do amor carnal, da paixão, do coração, dos lábios, do erotismo e da atração” (GUIMARÃES, 2003, p. 118).



Figura 11: Teste de Layout do site com as cores bordô e azul médio.

g. Imagens: Optou-se por abrir a reportagem com um conjunto de imagens que formassem uma animação ou GIF, para dar sensação de dinamicidade. Esse recurso está presente também na maneira como grandes reportagens multimídia são feitas pelo site TAB, tais como *Uma Jornada Perigosa*⁷ – na qual o campo de visão percorre uma mesma imagem por diferentes ângulos – e *O Futuro do Gênero*⁸ – na qual seis imagens parecidas se alternam. As imagens selecionadas para a confecção do GIF mostram pessoas com deficiência, aparelhos auditivos, casais, lingerie e remetem à temática da reportagem. Já para a abertura dos capítulos, foram utilizadas imagens cedidas pela fotógrafa Kica de Castro, entrevistada da reportagem que é dona da Agência Kica de Castro Fotografias, exclusiva para modelos com deficiência. Dessa forma, todas as imagens escolhidas retratam pessoas com deficiência. No decorrer da reportagem, há também algumas imagens ilustrativas, todas também cedidas por Kica de Castro.

h. Equivalente textual de imagens: Todas as imagens que aparecem na reportagem, do cabeçalho ao rodapé, possuem um equivalente textual no qual elas são descritas, para que as pessoas com deficiência visual possam ter acesso ao conteúdo imagético. A descrição da imagem é feita com base no *Guia Orientador para Acessibilidade em Produções Audiovisuais*⁹. Chega-se a equivalente quando a reportagem é acessada por meio de *softwares* de leitura de tela, comumente utilizados por pessoas com deficiência visual que têm acesso à rede. O programa capta as informações textuais que estão no código da página e as sintetiza em voz. Assim, quando encontra uma imagem – que, normalmente, é pulada, pois não tem como ser lida – o sintetizador acessa a descrição textual. Também é possível visualizar o equivalente textual ao posicionar o cursor do *mouse* em cima de qualquer imagem da reportagem e aguardar de um a dois segundos.

⁷ TAB. **Uma Jornada Perigosa.** Tab, Uol. Disponível em <<http://tab.uol.com.br/jornada-siria-europa-1/>>. Acesso em 18 jan 2016.

⁸ TAB. **O Futuro do Gênero.** Tab, Uol. Disponível em <<http://tab.uol.com.br/questao-de-genero/>>. Acesso em 18 jan 2016.

⁹ Foi utilizada uma primeira versão do Guia, disponibilizada online pela Câmara dos Deputados. Apesar de não ser a versão definitiva, o documento apresenta-se completo de conceitos e orientação para as práticas acessíveis. Disponível em <http://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf>. Acesso em 10 dez 2015.



Figura 12: Ao posicionar o *mouse* sobre qualquer imagem da reportagem, é possível acessar o equivalente textual a ela. Este texto é vocalizado pelos *softwares* de leitura de tela.

i. Player de vídeos – Youtube: O player escolhido para disponibilização dos vídeos foi o maior site de hospedagem de vídeos da internet, o *Youtube*. Sendo o 3º site mais acessado do mundo e o 1º na categoria Arte e Entretenimento – TV e vídeo, de acordo com o site de comparação de tráfego *Similar Web*¹⁰, é de amplo conhecimento das pessoas que navegam pela internet. Dessa forma, há mais chances de o leitor já estar habituado com o layout oferecido pelo *Youtube* e também de, pesquisando sobre os temas sexualidade e/ou deficiência, encontrar algum dos vídeos disponíveis na rede e, por meio dele, chegar à reportagem. O *Youtube* também oferece a opção de ativar e desativar as legendas enquanto se assiste ao vídeo, de maneira que foi possível não só realizar o upload de legendas previamente elaboradas, mas também oferecer a opção, ao público leitor, de ativá-las ou não.

¹⁰ SIMILAR WEB. Youtube.com. Similar Web. Disponível em <<http://www.similarweb.com/website/youtube.com>>. Acesso em 18 jan 2016.

j. Audiodescrição de vídeos: todos os vídeos da reportagem resultam de trechos de sonora organizados em sequência. Dessa forma, sucedem-se imagens de pessoas, as quais são audiodescritas na primeira vez em que aparecem na tela. Essa operação se repete em todos os vídeos, mesmo que um personagem esteja presente em mais de um texto audiovisual. Ainda que essa repetição de informações audiodescritas possa resultar numa recepção um pouco cansativa para quem acessa a reportagem completa, optou-se por esse formato tendo em mente as pessoas com deficiência visual. A reportagem multimídia oferece ao leitor múltiplas possibilidades de 'entrada' no texto global. Assim, é possível ler o capítulo 3 antes do 1, acessar apenas um vídeo, escutar todos os áudios sem ler o texto etc. Essa liberdade de acesso torna o consumo da informação mais dinâmico e exige que cada mídia seja independente do conjunto e integrada a ele ao mesmo tempo. Dessa forma, como cada vídeo é um produto jornalístico individual, é necessário de garantir que o leitor tenha a oportunidade de conhecer minuciosamente cada personagem presente, caso escolha, por exemplo, assistir a apenas um vídeo, ou começar a leitura da reportagem completa por ele.

k. Legendas: as legendas para os vídeos foram feitas conforme os parâmetros da primeira versão do *Guia Orientador para Acessibilidade em Produções Audiovisuais*. A Legendagem para Surdos e Ensurdecidos (LSE) permite que pessoas com perda auditiva alfabetizadas em Língua Portuguesa disponham do conteúdo sonoro por meio da leitura. A legenda deve ter no máximo 37 caracteres por linha e não ter mais que duas linhas para que haja uma velocidade confortável de leitura e que o espectador possa fluir do texto para a imagem sem dificuldades. Outra forma de tradução do material sonoro é a janela com intérprete de Libras (Língua Brasileira de Sinais), que não foi utilizada nesta reportagem devido aos custos elevados para contratação de um profissional do gênero.

l. Player de áudios: os áudios estão hospedados no próprio site e são acompanhados por uma imagem que ilustra o tema neles discutido – como o rosto do entrevistado ou uma imagem genérica sobre o assunto. Eles são introduzidos por título e linha fina que contém os botões de *play* e *pause* e o link *Leia a entrevista completa aqui!*. Clicando nesta última opção, uma janela pop-up aparece com a transcrição do áudio.

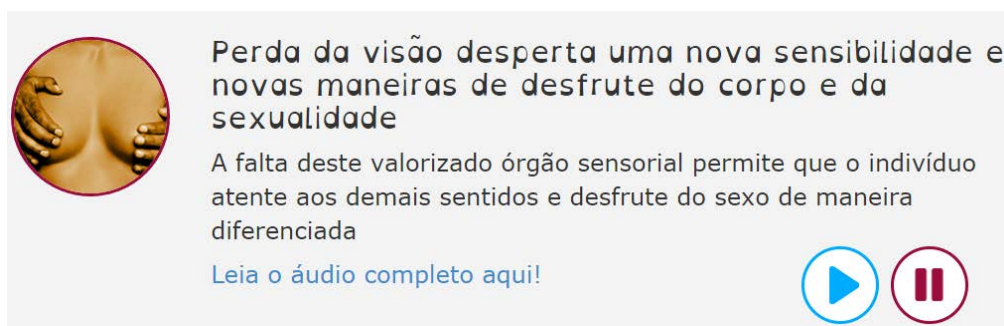


Figura 13: *Player* de áudio para mídias sonoras.

m. Transcrição de áudios em pop-up: todos os *players* de áudio que constituem a reportagem possuem o equivalente escrito disponível no link “Leia este áudio aqui!” que acompanha essas mídias. Clicando no link, uma janela pop-up é aberta com a transcrição do áudio, possibilitando às pessoas com deficiência, em qualquer nível de perda auditiva, o acesso à informação sonora, transformada em mídia escrita.

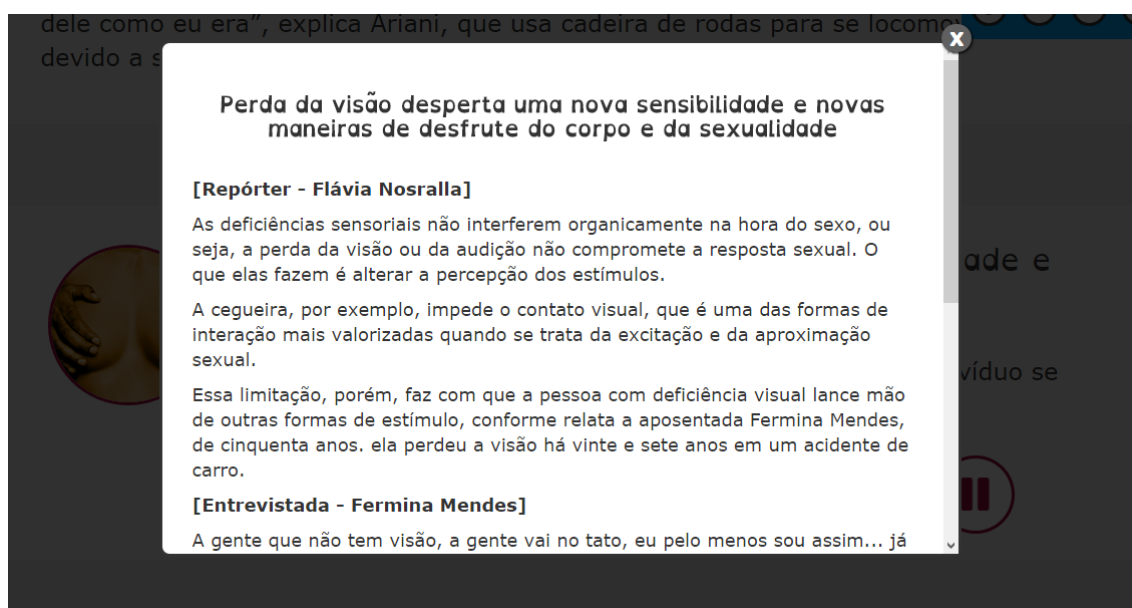


Figura 14: Equivalente textual para o *player* de áudio.

3.4 Circulação e lançamento

A reportagem foi disponibilizada em um site desenvolvido especialmente para a sua publicação, uma vez que foi necessário construir um código que garantisse a acessibilidade. Ela está hospedada em domínio próprio (www.tudoigualnahorizontal.com.br), em uma plataforma livre e já pode ser acessada por qualquer pessoa conectada à internet. Sua veiculação em outra plataforma, como o próprio site que lhe serve de modelo (TAB), dependerá, porém, do código do novo espaço, o qual deverá ser também acessível. Se não o for, perdem-se muitos dos recursos de acessibilidade, que são a razão de ser da produção.

Não é possível dimensionar exatamente a quantidade de pessoas a serem atingidas pela reportagem (no Brasil, mais de 85 milhões de indivíduos estão conectados, segundo dados do IBGE de 2013), mas elenca-se como público-alvo preferencial as pessoas com deficiência visual e auditiva, o que não impede a produção de ser amplamente recepcionada por pessoas de todos segmentos, dada a abrangência e o apelo do tema.

Nos sites que apresentam publicações da mesma estirpe, como o TAB, a média de acessos é de 3,475 milhões por mês com base no número de visualizações entre julho e dezembro de 2015.

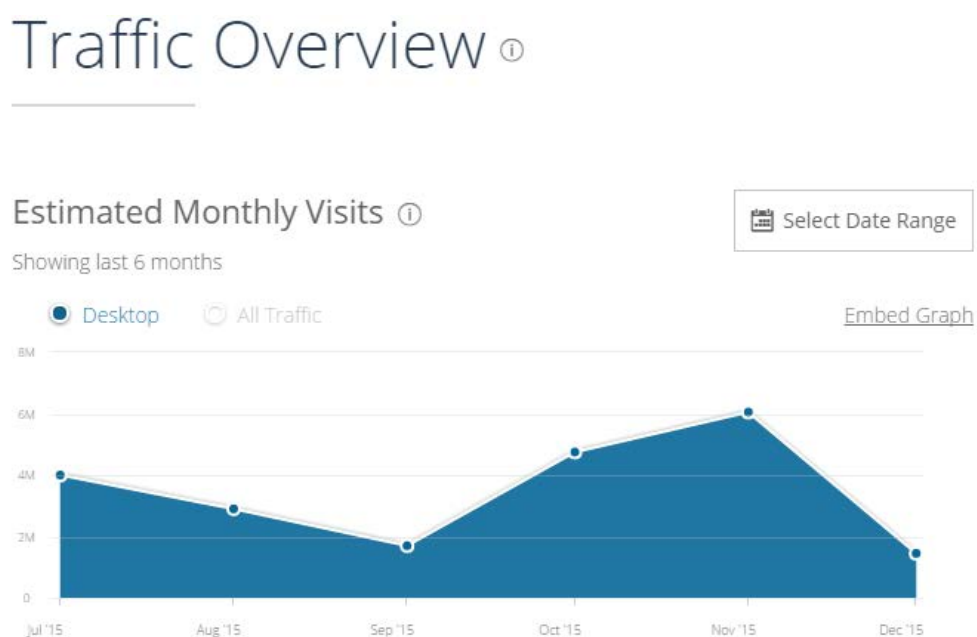


Figura 15: Número de acessos no site TAB de julho a dezembro de 2015. Escala de 2 milhões de cliques. (Fonte: Similar Web)

4 METODOLOGIA

4.1 Atividades desenvolvidas

Para a produção da grande reportagem multimídia acessível *Tudo igual na horizontal*, foram realizadas as seguintes atividades:

- Elaboração da pauta;
- Realização das entrevistas
- Captação e edição de áudio e imagens;
- Elaboração de roteiros para os textos em áudio;
- Elaboração de roteiros para as audiodescrições;
- Elaboração de legendas para surdos e ensurdecidos (LSE) para os vídeos;
- Redação dos equivalentes textuais de todas as imagens;
- Redação e edição do texto escrito dos capítulos;
- Transcrição de todos os textos em áudio;
- Locução de todos os áudios (narração dos capítulos em texto escrito, audiodescrição);
- Estabelecimento da arquitetura de navegação e ordem de conteúdos para posterior orientação de *designer* responsável pela construção do código e formatação da produção no site;
- Acompanhamento e instrução no desenvolvimento do site;
- Disponibilização do conteúdo online.

Todas as atividades foram realizadas pela autora do projeto, com exceção do design e código do site, da narração dos capítulos 1, 3 e 5 e da edição dos vídeos. Para a produção do site, foi contratado o webdesigner Marcos Airton Morasco Júnior, graduado pela Unesp e aluno aprovado em mestrado da Instituição. O processo de produção do site acessível foi solicitado e acompanhado desde o início pela autora e pela professora orientadora. A edição dos vídeos foi feita pelo estudante João Pedro Durigan Alves, que cursa Audiovisual na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Todo o processo foi acompanhado de perto pela autora. A locução dos capítulos 1, 3 e 5 foi feita pelo discente William de Moura Mariano Orima, do 4º ano de Comunicação Social – Jornalismo da FAAC.

Algumas ações tiveram a colaboração de pessoas não vinculadas diretamente ao projeto. A filmagem da entrevista com a psicóloga Ana Carla Vieira, por exemplo, contou com o apoio da aluna Tânia Rita Mendes de Camargo, do 4º ano de Comunicação Social – Jornalismo da FAAC.

As imagens fotográficas utilizadas na reportagem foram concedidas pela fotógrafa Kica de Castro. As imagens utilizadas na confecção do GIF de abertura da reportagem têm licença Creative Commons e a animação foi elaborada pelo bacharel em Jornalismo Lucas de Oliveira Loconte.

4.2 Fontes de pesquisa e entrevistas

Grande parte das informações utilizadas para a construção dos textos foi obtida a partir de estudos bibliográficos, documentos e leis sobre o entendimento da sexualidade, deficiências e a sexualidade das pessoas com deficiência. Foi preciso definir os conceitos que baseiam o assunto debatido e ter escopo para iniciar o contato com as fontes humanas. Esses dados integram a reportagem como um todo. Outro componente importante foi a realização de entrevistas.

O processo de reunião de fontes, agendamento e realização de entrevistas decorreu pelos meses de novembro e dezembro de 2015. Os primeiros entrevistados foram psicólogos e educadores que pesquisam sexualidade e deficiência e/ou trabalham com ela. Dado o entendimento sobre os conceitos relacionados ao trabalho, iniciou-se a busca por pessoas com deficiência que concordassem em falar sobre o tema.

O fato de as entrevistas versarem sobre sexualidade fez com que muitas pessoas recusassem participar do trabalho, alegando timidez ou desconforto em falar sobre o assunto. Dentre as que se dispuseram a colaborar com a produção, algumas pediram para não terem seus sobrenomes identificados ou para que fossem citadas com nomes fictícios. Houve também pessoas que aceitaram dar entrevista, mas depois desistiram, como um fisioterapeuta, cujo filho tem deficiência intelectual, e um casal de jovens cadeirantes – a garota concordou com a entrevista, mas decidiu respeitar a decisão do namorado que preferiu não falar sobre o assunto. Todas as recusas reforçam a suposição, bastante reafirmada na reportagem, de que o tema é cercado de preconceitos e tabus.

Essa dificuldade associada à temática foi também encontrada no contato com as instituições de atendimento a pessoas com deficiência, como a Associação de Pais e Amigos do Especial (Apae/Bauru, SP), que se comprometeu a reunir possíveis entrevistados, mas postergou o encontro até o momento que os alunos entraram de férias, inviabilizando o contato antes do prazo final de fechamento da produção; e a Associação de Bem Comum ao Down (ABC Down/Jaboticabal SP), que se comprometeu a encaminhar o contato de adultos que já tivessem saído da instituição, mas não o fez. Cite-se também a Associação de Familiares e Amigos dos Portadores de Autismo de Bauru (Afapab/Bauru SP), que não autorizou entrevistas de pessoas por ela atendidas, haja vista que são crianças e adolescentes com autismo com, no máximo, 17 anos, as quais ainda não demonstraram comportamentos sexuais, além do fato de muitos deles apresentarem sérias dificuldades de comunicação. De toda forma, a instituição dispôs o psicólogo Lucas Carvalho Xavier, que trabalha na Afapab, como fonte de informação.

Alguns entrevistados indicaram amigos e conhecidos com deficiência, os quais também foram ouvidos pela reportagem. Esse foi o caso da fotógrafa Kica de Castro, que passou os contatos de Márcia Gori e Paula Ferrari, ou da técnica contábil Ariani Queiróz, que fez a ponte entre a autora e a pensionista Maria José Lobo. Muitas outras indicações, porém, não responderam aos telefonemas e mensagens solicitando entrevista.

Ao final, a relação de fontes humanas ficou assim estabelecida:

- Ana Carla Vieira, psicóloga que estuda a sexualidade de pessoas com Síndrome de Asperger, pertencente ao Transtorno do Espectro Autista (TEA);
- Ana Cláudia Bortolozzi Maia, psicóloga que estuda a sexualidade das pessoas com deficiência;
- Edy Yoshiko Yamamoto, psicóloga do Lar Escola Santa Luzia para Cegos (Bauru SP);
- Fátima Denari, educadora que pesquisa inclusão e sexualidade das pessoas com deficiência;
- Lucas Carvalho Xavier, psicólogo cognitivo comportamental;
- Alexandre*, controlador de materiais, tem deficiência auditiva;
- Andressa*, manicure, é devotee;

- Ariani Queiroz, técnica contábil, é cadeirante;
- Fermina Mendes, aposentada, tem deficiência visual severa;
- Fernanda Santana, estudante de Arquitetura e Urbanismo, tem Síndrome de Asperger (TEA);
- Luísa*, estudante universitária, tem distúrbio de movimento e deficiência auditiva;
- Márcia Gori, empresária, é cadeirante;
- Maria José Lobo, pensionista, é cadeirante;
- Osvaldo Andrade, ex-segurança, tem deficiência visual severa;
- Paolla**, estudante universitária, tem lesão medular;
- Paula Ferrari, fisioterapeuta, tem lesão medular;
- Priscila Menucci, atriz e empresária, tem nanismo;
- Rodrigo Moitinho, estudante de Direito, tem deficiência auditiva;
- Sergio Guzzi, jornalista, tem artrogripose congênita;
- Valdir Antônio Rodrigues, pintor, tem deficiência visual severa;
- Juliana Lourenço, bacharel em Direito, é devotee e amputada da perna esquerda;
- Kica de Castro, fotógrafa.

**Nome alterado a pedido da fonte; **Sobrenome não identificado a pedido da fonte.*

Foi elaborada uma pauta geral que continha um conjunto fixo de questões, às quais foram acrescentadas outras, conforme as particularidades de cada fonte. A seguir, a relação de perguntas base:

4.2.1 Perguntas base para os psicólogos e educadores

- Quando estamos tratando de sexualidade, estamos tratando de quais aspectos? Que áreas a sexualidade abrange?
- Por que sexualidade é um tabu na sociedade?
- Quais os principais mitos e preconceitos associados à sexualidade das pessoas com deficiência? Por que isso acontece?
- Por que os pais não realizam a educação sexual dos seus próprios filhos? Que fatores estão implicados nessa atitude?
- Como os pais podem trabalhar essa questão de maneira natural?

- Até que ponto uma pessoa com deficiência intelectual é mesmo “criança”, até que medida ela realmente não sabe diferenciar, por exemplo, um assédio de um carinho?
- Como pensar um sexo não-falocêntrico numa sociedade que é tão voltada pra isso?
- Como driblar os “entraves” ocasionados pela deficiência? Por exemplo, pais com Síndrome de Down têm altas chances de passar a deficiência a seus filhos. Como fica essa questão?
- O que você pensa sobre os assistentes sexuais? Tem algum debate no Brasil sobre esse assunto?

4.2.2 Perguntas base para as pessoas com deficiência

- Qual é a sua deficiência, quando ela aconteceu na sua vida, quais implicações ela tem para o seu cotidiano?
- Como é a sua relação com você mesmo, com seu corpo, a ideia que você tem sobre a pessoa que você se tornou, sua autoestima e amor próprio?
- Como a família e os amigos se comportam em relação à sua sexualidade?
- Como se dão os seus relacionamentos amorosos? Como é, para você, gostar de alguém, desenvolver afeto, demonstrar carinho?
- Como são as suas relações sexuais? A deficiência interfere de alguma maneira na hora do sexo?
- Que tipo de material você gostaria de encontrar em uma reportagem sobre “sexualidade das pessoas com deficiência”?

4.3 Equipamentos utilizados

O produto aqui apresentado é uma reportagem multimídia, que integra texto escrito, áudio, vídeo e fotografia, portanto, para a sua elaboração foram utilizados gravador de voz, câmera filmadora, tripé, cartão de memória e computadores pessoais para redação e edição. A maioria dos equipamentos foi obtida nos laboratórios da FAAC/Unesp e os problemas apresentados por alguns deles prejudicaram parte da produção, como captação de áudio e imagens.

Na captação de imagens, foram utilizados um tripé e duas câmeras do Laboratório de Fotografia em quatro das cinco entrevistas filmadas (com as fontes Ana Carla Vieira, Edy Yoshiko Yamamoto, Ariani Queiroz e Maria José Lobo) foi utilizada a câmera digital Nikon D6000, que estava com a entrada para microfone quebrada; para uma entrevista realizada (com Osvaldo Andrade), empregou-se a câmera analógica HD1000, sem microfone separado (o microfone de lapela, disponível no dia, estava sem pilhas, mas essa informação não foi dada antes pelos técnicos do laboratório, impossibilitando a sua aquisição antes do horário marcado para a entrevista). O tripé cedido foi utilizado em quatro entrevistas e foi necessário recorrer a um tripé emprestado para a realização da quinta.

Os problemas com os gravadores das câmeras atrapalharam a captação de som durante a filmagem. Para contornar o problema, foi utilizado um microfone Zoom H4N também da Unesp, nas entrevistas feitas com Ana Carla Vieira, Edy Yoshiko Yamamoto e Osvaldo Andrade. Já nas filmagens realizadas com Ariani Queiróz e Maria José lobo, o microfone externo utilizado foi o gravador de voz digital Sony ICD-PX240, adquirido pela autora durante a realização do trabalho. Os áudios captados foram, posteriormente, sincronizados com as respectivas imagens.

Para armazenamento das gravações, foi necessário um cartão de memória de 32 GB (o disponível nas máquinas era de apenas 2 GB).

O processo de edição de vídeo foi realizado em um notebook da Apple, pertencente a um amigo da autora, tendo sido utilizado o *software* pago Adobe Premiere Pro CC 2015.

Para os áudios, houve três processos de captação. As pequenas reportagens sonoras que aparecem na reportagem foram produzidas com o gravador de voz digital Sony ICD-PX240 em ‘estúdio’ improvisado na casa da autora, assim como as audiodescrições dos vídeos. Já os áudios que com a narração dos capítulos da reportagem, disponíveis no *player* da barra de acessibilidade no canto superior da tela, foram gravados no estúdio de Rádio da FAAC/Unesp. Toda a edição de áudio foi feita utilizando-se o *software* livre Audacity.

Para a redação dos roteiros, descrições de imagens e texto escrito da reportagem, foi utilizado um computador pessoal da autora e o *software* de edição de textos pago Microsoft Office Word.

Para a confecção do site, realizada pelo *designer* Marco Aurélio Júnior Morasco, foi utilizado computador pessoal e os *softwares* pagos Adobe Dreamwaver, CS6, Adobe Photoshop CS6 e Adobe Illustrator CS6.

4.4 Custos do Projeto

O principal custo do projeto foi a construção do site e sua hospedagem na internet. Foi contratado o *designer* Marcos Airton Morasco Júnior, formado pela Unesp/Bauru, com um trabalho de conclusão de curso sobre acessibilidade na web. Atualmente ele é aluno do mestrado em Design na instituição, na linha de pesquisa “Design Gráfico Inclusivo: Pesquisa e Produção Projetual”.

Entre os gastos, devem ser citadas também despesas com transporte (especialmente deslocamentos para a realização de entrevistas), impressões, suplementos eletrônicos e compra de um gravador digital para auxiliar a captação de áudio nas entrevistas.

TABELA DE GASTOS		
Data	Descrição	Valor
07/12/2015	Gravador de Voz Digital Sony ICD-PX240	R\$ 270,00
08/12/2015	Pilhas AA para gravador da Unesp	R\$ 8,00
09/12/2015	Táxi para realização de entrevistas	R\$ 135,00
10/01/2016	Programador e Webdesigner	R\$ 800,00
24/01/2016	Hospedagem do site	R\$ 155,00
24/01/2016	Domínio do site	R\$ 30,00
25/01/2016	Impressão do relatório	R\$ 80,00
TOTAL		R\$ 1.478,00

A contratação de um intérprete da Língua Brasileira de Sinais (Libras) para realizar a tradução dos 22 minutos de vídeos que compõem a reportagem ficaria em torno de R\$ 275,00, de acordo com o preço estabelecido pelo Sindicato Nacional dos Tradutores. O valor de tradução nesta modalidade é de R\$ 12,50 por minuto. O custo elevado deste recurso impossibilitou a sua utilização nas mídias audiovisuais.

4.5 Cronograma

	Ago/ 2015	Set/ 2015	Out/ 2015	Nov/ 2015	Dez/ 2015	Jan/ 2016	Fev/ 2016
Aprofundamento bibliográfico	x	x	x				
Elaboração da pauta	x	x	x				
Captação de fontes	x	x	x				
Entrevistas			x	x	x		
Captação de vídeos e áudios			x	x	x		
Elaboração roteiro de audiodescrição				x	x		
Elaboração roteiro de áudio				x	x		
Locução dos áudios				x	x		
Edição de áudio				x	x		
Edição de vídeo				x	x		
Redação dos equivalentes textuais					x	x	
Redação da reportagem				x	x	x	
Edição da reportagem					x	x	
Locução da reportagem						x	
Elaboração do layout do site			x	x	x	x	
Disponibilização do site online					x	x	x
Revisão geral						x	
Redação do relatório						x	
Revisão do relatório						x	
Defesa do Trabalho de Conclusão de Curso							x

4.6 Consultores com deficiência auditiva e visual

Após a finalização e disponibilização do site online, a reportagem foi submetida a consultores com deficiência visual e auditiva. O objetivo foi avaliar a navegabilidade, a eficiência dos recursos de acessibilidade e a qualidade técnica de áudios, vídeos e texto. Os consultores receberam um roteiro de perguntas de acordo com a deficiência e avaliaram os aspectos técnicos da produção.

4.6.1 Consultores com deficiência auditiva

As consultoras com deficiência auditiva foram:

- Ana Raquel Périco Mangilli, estudante de Jornalismo (Unesp), 22 anos. Tem perda auditiva moderada, consegue ouvir quase todos os sons com auxílio de aparelho auricular, mas a compreensão auditiva sem o apoio visual (leitura labial) é pequena;
- Lana Pacheco, estudante de Design (UERJ), 26 anos. Tem surdez neurossensorial bilateral de severa à profunda, tendo perda de audição leve no ouvido direito e severa no esquerdo;

O roteiro de perguntas que elas receberam segue abaixo:

1. A estruturação das informações em capítulos está clara e satisfatória?
2. A reportagem está totalmente acessível? Faltou utilizar algum recurso de acessibilidade?
3. Os equivalentes textuais para os áudios estão satisfatórios?
4. As legendas dos vídeos estão claras e adequadas?
5. A qualidade visual do trabalho está satisfatória?
6. Dê sua avaliação geral sobre a acessibilidade e a estruturação da reportagem. Espaço livre para comentários, considerações, reclamações e sugestões.

Os principais comentários das consultoras foram sobre as legendas e a acessibilidade para surdos não-oralizados. A estudante Lana estranhou o fato de haver legenda para a audiodescrição dos vídeos e afirmou que, para ela, o ideal seria congelar

a imagem enquanto a parte visual é audiodescrita, já que a estudante sentiu desconforto em assistir a alguém falando sem haver legenda relacionada diretamente à fala. Já para Ana Raquel, essa é uma transcrição importante para não deixar a pessoa com deficiência auditiva durante quase 20 segundos sem ter acesso ao que está sendo sonorizado, haja vista que isso poderia levar o leitor a desistir de consumir o vídeo.

A decisão de manter as legendas enquanto o narrador faz a audiodescrição das personagens foi em busca de total acessibilidade, de modo que não se restringisse nenhuma informação a determinado público. Considerando-se o apontamento feito por Lana, uma solução possível a este impasse seria o de disponibilizar duas legendas, uma que viesse completa, contendo a audiodescrição detalhada, e outra em que houvesse apenas a indicação “[Audiodescrição]”, mas não aparecesse escrito na tela o que está sendo dito pelo narrador no momento. Em relação à sugestão de congelar a imagem durante a audiodescrição, isso vai contra os preceitos da prática, visto que o recurso não interferir na sua fluência.

Uma crítica feita pela estudante de Jornalismo é que a reportagem está totalmente acessível para surdos oralizados, mas não há disponível o recurso de interpretação na Língua Brasileira de Sinais (Libras) para que as pessoas surdas sinalizadas consigam compreender os vídeos. A falta deste recurso se justifica, na reportagem apresentada, pelo alto custo, como foi abordado no tópico *4.4 Custos do projeto*.

A estudante de Design Lana observou que seria melhor formatar o texto em estilo justificado e em tamanho da tipografia menor, haja vista que é possível, a partir da barra de acessibilidade, aumentar ou diminuir dois pontos no tamanho da fonte.

4.6.2 Consultores com deficiência visual

Já os consultores com deficiência visual foram:

- Daniel Ribas, professor de Língua Portuguesa, 48 anos. Tem perda de visão total desde o nascimento por conta de toxoplasmose contraída durante a gestação;
- Ivan Siqueira Reis, aluno de Tradução em Inglês (UNB), 36 anos. Tem perda de visão total desde 2000 por conta de um coma durante tratamento de câncer.

Eles receberam o seguinte roteiro de questões:

1. A estruturação das informações em capítulos está clara e satisfatória?
2. A reportagem está totalmente acessível? Faltou utilizar algum recurso de acessibilidade?
3. Os equivalentes textuais para as imagens estão adequados, foi possível criar uma imagem mental a partir da descrição?
4. As audiodescrições dos vídeos estão adequadas, foi possível criar uma imagem mental a partir da descrição?
5. A qualidade sonora dos áudios e da narração do texto está satisfatória?
6. A opção de poder ouvir o texto a partir da narração humana (dando play no áudio, ao invés de ouvir todo o texto pelo leitor de tela) foi agradável? Foi viável?
8. Dê sua avaliação geral sobre a acessibilidade e a estruturação da reportagem. Espaço livre para comentários, considerações, reclamações e sugestões.

Os consultores relataram que o site estava acessível aos *softwares* leitores de tela utilizados (Jaws, NVDA e Scansoft Raquel) e permitia rápida navegação entre os conteúdos. O professor Daniel destacou que, no caso pessoas cegas de nascença, as cores teriam que ser internalizadas por meio de representações subjetivas, o que, segundo ele, foi permitido por meio das audiodescrições faladas e escritas. Ele também informou que dois links e um botão oferecidos não continham identificação, portanto, não podiam ser acessados. O problema foi informado ao *designer* Marcos que ainda não conseguiu identifica-lo.

Entre as sugestões dadas, é importante ressaltar o pedido de Daniel para que todos os áudios sejam disponibilizados para *download*, de maneira que o conteúdo possa ser acessado *off-line*. Já o estudante Ivan sugeriu que seria melhor que, no início da reportagem, fosse avisado o número de capítulos que a constituem, de maneira que a pessoa saiba o quanto de conteúdo ainda há por vir na leitura/escuta.

Ambos os consultores aprovaram a decisão de manter o texto escrito dos capítulos para acesso por meio do leitor de tela e oferecer também a versão narrada para ser ouvida. Daniel aprovou a existência de dois locutores, o que tornou a leitura por

áudio atraente e divertida. Os dois elogiaram as locuções e audiodescrições da reportagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da grande reportagem multimídia acessível *Tudo igual na horizontal* envolveu algumas dificuldades com relação ao tema. Muitas fontes não aceitaram dar entrevista, ou aceitaram depois desistiram devido ao fato de o tema ser sexualidade. A maioria alegou timidez ou desconforto em falar sobre o assunto. Parte dos entrevistados, por sua vez, preferiu não ser identificada pelo sobrenome ou pediu para que fosse utilizado nome fictício.

A principal dificuldade, entretanto, foi elaborar um produto inédito com as dadas especificações de acessibilidade. Sem parâmetro exato, muitas das decisões foram tomadas baseando-se na experimentação, visto que não existia nenhum modelo para se comparar, já que as reportagens existentes não contam com recursos de acessibilidade. Houve dúvidas, por exemplo, para decidir se as audiodescrições seriam sempre repetidas ou não, qual a forma mais confortável para disponibilizar o conteúdo no site etc.

A não existência desse tipo de produção revela que a igualdade e a inclusão estão bem delimitadas no papel, mas distantes da vida prática. Em primeiro lugar, está a falta de comprometimento para com as pessoas com deficiência, que têm os direitos de acesso à informação e à acessibilidade garantidos por lei, mas que são largamente ignoradas pelos veículos de comunicação. A maioria destes não se preocupa em fazer uso dos recursos acessíveis, ou os oferece de maneira simplória e com grande alarde em torno da questão, como uso  dos *softwares* sintetizadores de voz. Dessa maneira, perde-se também um importante mercado de consumidores, aptos a serem experimentados.

No momento de execução de uma produção que seja acessível, esbarra-se na necessidade de profissionais com instrução nessa área de atuação que dominem técnicas como audiodescrição e legendagem. Os recursos de acessibilidade deveriam fazer parte dos conteúdos informacionais, de maneira que existe uma falha na formação, neste caso, de jornalistas. Durante a graduação, esses aspectos não estão incluídos na grade curricular do curso, sendo trabalhados pontualmente em projetos de extensão e grupos de pesquisa. Assim, não há uma formação de peso de profissionais que atendam às

demandas das leis e do público de pessoas com deficiência. Se essas técnicas fossem abordadas durante a graduação, seria possível estruturar um vídeo levando em conta a oferta de espaços para inserção da audiodescrição, por exemplo. Ou seja, trabalhar o produto informativo como acessível desde a sua concepção, em vez de ter que adaptá-lo posteriormente.

A construção de uma edição jornalística acessível não é de todo fácil, pois exige atenção aos recursos e cuidados na hora da elaboração, mas, uma vez estabelecido um código padrão, ele pode ser replicado para todas as produções subsequentes. Muito dessa dificuldade também se dá pelo fato de não haver outros materiais a serem tidos como exemplo. Ao passo em que as produções acessíveis perderem seu caráter de ‘iniciativas’ e se tornarem ‘cotidianas’, muitas dessas barreiras serão eliminadas.

De tal forma, a realização desta grande reportagem multimídia acessível leva em consideração todos os aspectos acima mencionados, buscando modificar esse cenário de exclusão e de uma sociedade que não está apta ainda a acolher pessoas com deficiência. A questão de maior importância em torno dessa discussão é a inclusão de milhões de pessoas com deficiência auditiva e visual severas, democratizando o acesso à informação e à comunicação.

A produção do trabalho, com todas as suas dificuldades, foi de grande proveito para a formação da autora. Na execução das atividades, pode-se por em prática os ensinamentos teóricos sobre diversas áreas do jornalismo. Foram trabalhadas e aprimoradas técnicas de entrevista e reportagem; captação e edição de áudio e vídeo; redação e edição de texto escrito, além de habilidades em roteiros de descrição de imagens, audiodescrição e legendagem de vídeos.

Além disso, o contato com as fontes proporcionou crescimento humano, visto que são pessoas sobre as quais pouco se fala, com experiências diferenciadas, muitas das quais lidam com o preconceito, a discriminação e a falta de preparo da sociedade diariamente. Ter contato com as histórias de vida desses entrevistados gera reflexão e aprendizado. A escolha do tema e do produto foi plenamente satisfatória em todos os sentidos.

Há o intuito de levar este modelo de produto jornalístico adiante, transformando-o num veículo próprio de reportagens acessíveis ou de tentar emplacar a ideia junto a veículos já consolidados ou que tenham interesse em iniciar um trabalho acessível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Soraya Ferreira (org). **Guia Orientador para acessibilidade de produções audiovisuais**. Primeira versão. Disponível em <http://www.camara.gov.br/internet/agencia/pdf/guia_audiovisuais.pdf>. Acesso em 10 dez 2015.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 15599:2008. **Acessibilidade - Comunicação na prestação de serviços**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2008. p. 5 Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/arquivos/%5Bfield_generico_imagens-filefield-description%5D_21.pdf>. Acesso em: 5 ago 2015.

BDA TECH. **Typefaces for dyslexia**. British Dyslexia Association. Agosto 2015. Disponível em <<http://bdatech.org/what-technology/typefaces-for-dyslexia/>>. Acesso em 11 nov 2015.

BRASIL. **Decreto nº 5296, de 2 de dezembro de 2004**. Regulamenta as Leis nºs 10.048 de 8 de novembro de 2000, que dá prioridade de atendimento às pessoas que especifica, e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/decreto/d5296.htm>. Acesso em 03 nov 2015.

BRASIL. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm>. Acesso em 17 jan 2016.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **EMAG Leitores de tela: Descrição e Comparativo**. Desenvolvido por: Núcleo de Acessibilidade Virtual do IFRS – Campus Bento Gonçalves e Núcleo de Acessibilidade Virtual do IFCE – Campus Fortaleza. 2009. Disponível em: <<http://www.governoeletronico.gov.br/biblioteca/arquivos/s>>. Acesso em 20 jul 2015.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **EMAG, Práticas Web Acessíveis – Padrão de Acessibilidade Digital do Governo**. e-MAG, Modelo de Acessibilidade do Governo Eletrônico. Disponível em <<http://emag.governoeletronico.gov.br/cursodesenvolvedor/desenvolvimento-web/praticas-web-acessivel-padrao-acessibilidade-digital-governo.html>>. Acesso em 12 nov 2015.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO ESPECIAL. Educação Especial - Deficiência auditiva. Organizado por Giuseppe Rinaldi et al. - Brasília: SEESP, 1997. V. I. - (Série Atualidades Pedagógicas; n. 4). Disponível em <<http://livros01.livrosgratis.com.br/me002295.pdf>>. Acesso em 25 abr 2015.

CONDE, A. J. M. Definindo a Cegueira e a Visão Subnormal. Instituto Benjamin Constant. Disponível em <<http://www.ibc.gov.br/?itemid=94>>. Acesso em 21 abr 2015.

DORINA NOWILL. Deficiência visual. Disponível em <<http://www.fundacaodorina.org.br/deficiencia-visual/>>. Acesso em 20 abr 2015.

ESTADÃO. **Fauna invisível.** O Estado de S. Paulo. Disponível em <<http://infograficos.estadao.com.br/public/cidades/fauna-invisivel/>>. Acesso em 20 jan 2016.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo Digital.** São Paulo: Contexto, 2003.

FOLHA. **Nova ferramenta permite ouvir os textos da folha.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/11/1368962-recurso-para-ouvir-materias-da-folha.shtml>>. Acesso em: 5 jul 2015.

FOLHA. **A Batalha de Belo Monte.** Folha de S. Paulo. Disponível em <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/>>. Acesso em 15 jan 2016

GRADIM, Anabela. **WebJornalismo e a Profissão de Jornalista: alguns equívocos sobre a dissolução do 4o Poder.** In BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital de Terceira Geração.** Disponível em: <https://xa.yimg.com/kq/groups/21720002/1108673547/name/barbosa_suzana_jornalismo_digital_terceira_geracao.pdf>. Acesso em: 14 jul 2015.

GUIMARÃES, Luciano. **A cor como informação.** Annablume: São Paulo, 2003.

IBGE. **Censo IBGE 2010.** 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religio_o_Deficiencia/tab1_3.pdf>. Acesso em: 05 jul 2015.

ONU. Declaração dos direitos das pessoas deficientes. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/dec_def.pdf>. Acesso em 10 jan 2015.

REPÓRTER DE RUA. **O projeto.** Repórter de Rua. Disponível em <<http://reporterderua.org/novosite/sobre.html>>. Acesso em 17 jan 2016.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo.** São Paulo: Paulinas. 2012.

SIMILAR WEB. **Tab.uol.com.br.** Similar Web. Disponível em <<http://www.similarweb.com/website/tab.uol.com.br>>. Acesso em 25 jan 2016.

SIMILAR WEB. **Youtube.com.** Similar Web. Disponível em <<http://www.similarweb.com/website/youtube.com>>. Acesso em 18 jan 2016.

SINTRA. **Preços para tradução/interpretação de Línguas de Sinais.** Sindicato Nacional dos Tradutores. Disponível em <http://www.sintra.org.br/site/pages/valores_libras_sup.htm>. Acesso em 25 jan 2016.

TAB. **O Futuro do Gênero.** Tab, Uol. Disponível em <<http://tab.uol.com.br/questao-de-genero/>>. Acesso em 18 jan 2016.

TAB. **Uma Jornada Perigosa.** Tab, Uol. Disponível em <<http://tab.uol.com.br/jornada-siria-europa-1/>>. Acesso em 18 jan 2016.

VIGIL, José Inácio Lopez. **Manual Urgente para Radialistas Apaixonados.** São Paulo: Paulinas, 2003.

W3C Brasil. **Cartilha de Acessibilidade na Web.** W3C. Disponível em <<http://www.w3c.br/pub/Materiais/PublicacoesW3C/cartilha-w3cbr-acessibilidade-web-fasciculo-I.html>>. Acesso em 12 nov 2015.

ANEXOS

Anexo 1 – Texto da grande reportagem multimídia *Tudo igual na horizontal*

ABERTURA

Tudo igual na horizontal

Texto de Flávia Nosralla

Entre os lençóis, o corpo fala alto uma linguagem que não precisa de audição para ser compreendida. Não, não se distraia, feche os olhos! O orgasmo que amolece as pernas, sem elas, transborda o corpo de tremeliques. O que você precisa já está aí com você. Desfrute do calor que inunda seu sangue, do arrepio que percorre cada canto do seu ser. Não importa se a deficiência marca seu intelecto ou seu corpo, você é pleno para o gozo: de se amar, de arder de paixão por alguém, de transar. A afetividade e a sexualidade não aceitam limitações: adaptam-se a cada pormenor que surge pelo caminho, ainda que realizar essa vivência envolva passar pelas intempéries da desinformação e do preconceito alheios — ou até mesmo seus.

Alguns entrevistados receberam nomes fictícios nesta reportagem, pois preferiram não serem identificados. Estas pessoas apresentam um asterisco grifado junto ao nome.

CAPÍTULO 1 – SEXUALIDADE E DEFICIÊNCIA

No meio da deficiência tinha uma sexualidade

A vivência sexual faz parte do caminho humano, de forma que as pessoas com deficiência não a contornam, mas a percorrem e se inter-relacionam com ela

A sexualidade está intrinsecamente associada à existência humana e não se reduz à dimensão física e à prática sexual; pelo contrário, manifesta-se de diversas formas em nossas vidas, abarcando as esferas do desejo, da afetividade, do prazer e até da autoestima. Além disso, os contextos social, histórico, cultural e geográfico em que os sujeitos se situam influenciam diretamente a sexualidade de cada um.

Dessa maneira, a sexualidade é uma característica íntima de todos nós e atua em muitos aspectos da vida humana, mas nem sempre é fácil lidar com ela, especialmente se estamos sujeitos às condicionantes exteriores, como educação e padrões sociais de comportamento. Por isso, não é rara a existência de diversos grupos sociais que encontram problemas na hora de vivenciá-la.

As mulheres, por exemplo, geralmente têm a sua sexualidade reprimida desde a infância, dado que vivemos em uma sociedade fundamentalmente patriarcal, na qual tudo é permitido aos homens, mas quase nada é facultado às mulheres. A elas é negado o direito de viver sua sexualidade de forma natural e livre de coerções. Por isso, é comum o estabelecimento, no discurso social, de dois grupos distintos, conforme o comportamento feminino quanto às relações afetivas e à experiência sexual: o das que “se dão ao respeito”, ou seja, que têm poucos parceiros amorosos, não praticam sexo antes do casamento ou fora de uma relação estável com um homem e mantêm sua intimidade velada aos olhos públicos, e o das que “não se dão ao respeito”, justamente aquelas que têm uma postura inversa à das primeiras, pois vivenciam os encontros, o prazer e a afetividade da maneira que lhes convém, atentas à satisfação dos próprios desejos físicos e emocionais.

Não se encontrar dentro da heteronormatividade também pode ser um problema. Homossexuais e bissexuais em geral são vistos como pervertidos e são facilmente desrespeitados por sua orientação sexual. E até mesmo os aspectos raciais surgem nesse lusco-fusco de compreensões sobre a sexualidade. As pessoas negras, por exemplo, são hipersexualizadas: o homem tem seus atributos físicos exacerbadamente valorizados, em detrimento da sua personalidade, enquanto as mulheres têm sua imagem quase que exclusivamente associada à sensualidade e aos dotes físicos, herança certamente do regime escravocrata, que reduzia a mulher negra a objeto sexual do 'senhor' branco.

E nesse balaio de tabus, mitos, heranças malditas, ignorância e desinformação cabem também os equívocos e o preconceito quanto à sexualidade das pessoas com deficiência. Aliás, muita gente, ainda hoje, entende deficiência e sexualidade como coisas inconciliáveis, ou seja, acha que a vivência afetiva e sexual é incompatível com a deficiência sensorial, intelectual ou física.

De acordo com a educadora Fátima Denari, professora dos programas de pós-graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (Ufscar) e em

Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista (Unesp), existe o direito legal, mas não o direito real de a pessoa com deficiência exercer a sua sexualidade. Por mais que a legislação garanta a ela o direito à autodeterminação, “a execução da lei fica a desejar, pois permanecemos, ainda, arraigados em entendimentos equivocados, seja do próprio conceito de deficiência, seja da expectativa que se tem sobre a pessoa nessa condição”, afirma a pesquisadora. Ela explica que isso se deve, principalmente, à perpetuação de mitos e à baixa expectativa em relação às atividades que as pessoas com deficiência podem desempenhar no trabalho, na vida social e na vida privada.

Entre as diversas crenças associadas ao tema, as mais repetidas são as que caracterizam a pessoa com deficiência como um sujeito assexuado ou, ao contrário, com uma sexualidade exacerbada. De acordo com a psicóloga Ana Cláudia Bortolozzi Maia, doutora em Educação e pós-doutora pelo Núcleo de Estudos da Sexualidade da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Araraquara, essas duas ideias preconcebidas contribuem para o preconceito em torno da pessoa com deficiência.

Pecando pelo excesso

O mito da sexualidade exacerbada recai sobre as pessoas com deficiência, especialmente os casos de deficiência intelectual, quando o assunto é o comportamento sexual e a expressão dos sentimentos e dos desejos. Essa não verdade se reproduz pela falta de conhecimento da sociedade sobre o tema, associada ao fato de, muitas vezes, pessoas com deficiência intelectual se tocarem em público.

A maneira como as síndromes e os transtornos intelectuais atuam no entendimento de normas e regras sociais pode resultar, muitas vezes, na incompreensão, pela pessoa com deficiência, sobre os limites entre público e privado. É por isso que ela, ao sentir qualquer desejo, pode buscar satisfazê-lo imediatamente, não importando onde, quando ou como. “Os profissionais relatam ‘problemas’ referentes à expressão ou à manifestação da sexualidade de pessoas com condição de deficiência. No topo, está a masturbação”, explica a educadora Fátima Denari. Segundo ela, a atividade “é o caminho para descobrir o corpo e informar ao parceiro sobre onde se gosta ou não de ser tocado”.

É comum que essa caracterização equivocada sobre a expressão exacerbada da sexualidade recaia especialmente sobre os homens com deficiência, supõe a estudante

universitária Luísa*, que nasceu com distúrbio de movimento e deficiência auditiva. “Já ouvi pessoas comentando ‘cuidado com aquele tarado ali’ e isso, essa sexualização maior, vale mais para homens, para algo que a gente espera do comportamento masculino. No caso do deficiente, parece que, se ele não tem acesso à mulher com frequência como a sociedade espera, ele vai querer atacar todas ao redor, mas isso não é assim”, critica a jovem.

A crença na “sexualidade exacerbada” sustenta-se num problema que diz respeito não à forma como a sexualidade é sentida pela pessoa com deficiência, mas sim na maneira como ela se expressa e o entendimento que tem disso. Na realidade, a pessoa é carente de educação sexual, de explicações sobre como lidar com essa faceta do comportamento humano. Para adequar minimamente a compreensão da pessoa com deficiência às normas sociais vigentes, “há que se ensinar que a masturbação é algo natural e que as pessoas não fazem isso publicamente, portanto, a atividade deve ser dirigida a recintos mais íntimos, como o quarto ou o banheiro”, explica a educadora Fátima Denari.

Pecando pela falta

No lado oposto à ilusão da excitação sexual está a da assexualidade das pessoas com deficiência. Neste caso, todas são colocadas no mesmo barco, sem prevalência de um ou outro tipo de deficiência. Essa falsa ideia de que o apelo sexual e o desejo desaparecem com a deficiência se explica por alguns motivos.

Um deles é o fato de a pessoa com deficiência ser tratada eternamente como criança, como um indivíduo desprotegido, dependente e sem iniciativa própria. Tal compreensão equivocada se estende também aos idosos, ressalta a psicóloga Ana Cláudia Bortolozzi Maia, que se especializou em sexualidade de pessoas com deficiência. O fato de precisarem de atenção e de cuidados específicos faz com que sejam tratadas como crianças e, ora, criança não faz sexo, não é mesmo? Tratar uma pessoa com deficiência intelectual, sensorial ou física dessa forma, mesmo após a idade adulta, é negar a ela direitos básicos da vida íntima e em sociedade.

A estudante de Arquitetura e Urbanismo Fernanda Santana avalia que encarar a pessoa com deficiência como criança é considerar que ela não é capaz de se relacionar amorosa ou sexualmente, já que esses são aspectos da vida adulta: “adultos fazem sexo.

Se você nunca se torna adulto, então o sexo é negado a você, se torna algo proibido, um tabu”. Fernanda tem Síndrome de Asperger, que afeta principalmente as áreas de comunicação, socialização e interesses e integra os Transtornos do Espectro Autista (TEA).

Para a estudante, a sociedade precisa entender que “um autista não vira uma criança grande depois de um tempo, ele vira um adulto autista”. Tal raciocínio vale para todos os tipos de deficiência, pois mesmo que a sexualidade seja negada, a pessoa com deficiência continuará a se desenvolver. “Muitas famílias parecem não perceber isso”, comenta Fernanda, que também defende o direito à reprodução. “Sei que é complicado, que somos vistos como vulneráveis, mas a sexualidade é um aspecto importante da vida. Tudo bem se alguns de nós não quisermos explorá-la, mas os que querem deveriam poder fazê-lo”, defende.

Outra associação equivocada, porém bastante comum, é a que se estabelece entre deficiência e invalidez ou incapacidade, as quais afetariam também a sexualidade. É como se a deficiência impedisse a realização de atividades cotidianas — no trabalho, na escola, na vida social —, aí incluído o sexo e as relações amorosas. “Penso que as pessoas devam parar de nos ver como exemplos de superação ou como coitadinhos, e passem a enxergar a pessoa real que existe por trás de toda essa ‘fantasia’ social colocada na pessoa com deficiência”, queixa-se a fisioterapeuta Paula Ferrari, que é cadeirante. “Somos seres comuns, amamos, fazemos sexo, nos apaixonamos, sentimos e damos prazer. Pode ser que, assim como o caminhar, algumas coisas sejam diferentes, mas apenas isso”.

O perigo da desinformação

Por ser um assunto sobre o qual não se fala, muitas informações erradas acabam sendo propagadas acerca da sexualidade, como as falsas crenças já citadas acima. É preciso, antes de mais nada, trazer a temática da deficiência à tona. “Se a pessoa em condição de deficiência continua ‘invisível’, como abordar temas de sexualidade sobre ela ou com ela?”, questiona a educadora Fátima Denari.

Além do preconceito, a falta de informação sobre como exercer a própria sexualidade está por trás de problemas sérios como o do abuso sexual, uma vez que se torna tarefa difícil conseguir identificar e denunciar esse tipo de violência. Para Fátima

Denari, “mais do que nunca, tem-se que investir concomitantemente na formação de pais, professores, sociedade, autoridades legais e das próprias pessoas em condição de deficiência, para que tais situações deixem de ocorrer com tanta frequência”. Segundo ela, somente com a educação sexual para pessoas com deficiência e suas famílias é que se vai evitar que aquelas continuem sendo alvo de abusos e violência, “sem contar que, muitas vezes, o agressor está na própria casa ou é pessoa relacionada à família”. A educadora explica que “é preciso que se dê como entendimento primordial o fato de que somos todos pessoas, e que pessoas se expressam de várias maneiras, inclusive sexualmente; pessoas se relacionam, amam, se apaixonam, cuidam do corpo etc.”

Em luta por direitos

A percepção dos tabus e das ideias falsas sobre a sexualidade das pessoas com deficiência tem levado muitos profissionais a atuar para que a experiência erótica e afetiva desse público seja a mais proveitosa possível e que os direitos dos indivíduos sejam respeitados.

A fisioterapeuta Paula Ferrari trabalha com a reabilitação sexual de pessoas com lesão medular há dez anos e revela que seu interesse nesta área surgiu quando fazia uma pós-graduação em um centro de reabilitação. A experiência permitiu-lhe perceber que muitos pacientes valorizavam outras coisas, por exemplo, o desempenho sexual após a deficiência, em vez dos objetivos tradicionais da terapia, como o treino de marcha. “Vi um dos meus pacientes apresentar um quadro depressivo devido a uma disfunção sexual e, conseqüentemente, piora na reabilitação”, conta.

O papel do fisioterapeuta é de importância fundamental no processo de reabilitação. Paula comenta que o profissional deve considerar o ser humano em todas as suas facetas: “ignorar a sexualidade é ignorar uma parte especialmente delicada e importante da reabilitação de um indivíduo, afinal, ela é parte da vida e tem uma grande influência no dia a dia”.

Além de trabalhar nesse processo, Paula também é cadeirante desde 2012. Ela teve mielite transversa, uma doença neurológica causada por uma inflamação na medula que lesionou a vértebra T5. Desde então, a fisioterapeuta utiliza muletas para caminhar por curtas distâncias e cadeira de rodas para percursos mais longos. “Inicialmente, foi como se tudo fosse voltar ao normal em breve. Acho que eu não acreditava muito no

que estava acontecendo”, relata. Conforme o tempo foi passando, Paula foi-se dando conta da situação: “fácil não foi, mas acho que acabei enfrentando da melhor maneira possível”.

Assim como a fisioterapeuta, há muitas pessoas militando nas mais diversas áreas, como as do Direito, da Educação e da Saúde, para mudar o cenário de preconceito e mitificação em torno da sexualidade das pessoas com deficiência. Um exemplo é a empresária e bacharel em Direito Márcia Gori, ex-Presidente do Conselho Estadual Para Pessoas com Deficiência de São Paulo. Ela atua como colunista na *Revista Reação*, no site *Tudo para PcD* e no blog *Inclusão Também É Moda*, é palestrante sobre sexualidade, deficiência e inclusão e também trabalha como modelo fotográfica na Agência Kica de Castro Fotografias, exclusiva para pessoas com deficiência. Márcia é cadeirante devido à poliomielite, que a acometeu quando tinha nove meses de idade.

A percepção de que não se tem acesso satisfatório à informação sobre sexualidade despertou nela o interesse pelo tema. “Às vezes, até a própria pessoa com deficiência não sabe nada da própria vida sexual e o que acontece é que ela fica refém, fica sem informação, e é onde pode engravidar sem querer, contrair doenças”, pondera. A empresária explica que a atuação familiar contribui para esse isolamento, pois “a própria família esconde [a pessoa com deficiência e sua sexualidade]. Não todas [as famílias], mas a maioria”. Segundo ela, os pais geralmente não querem que o filho se relacione, que tenha uma vida sexual ativa, que se case, tenha filhos. “Então essa pessoa fica meio fora da realidade, à mercê de outras. Foi por isso que resolvi começar a falar sobre o assunto. Levando informação, a gente inibe muita coisa errada”, defende.

A palestrante optou pelo uso da cadeira de rodas para ter mais mobilidade. Quando usava aparelho tutor e muletas axilares, costumava andar muito devagar e eventualmente caía, machucando-se de maneira séria. “Busquei a segurança da cadeira para poder sair e comecei a ter uma vida muito mais ativa, ir para tudo quanto é lugar, frequentar shopping, viajar. A cadeira me deu uma mobilidade maior e melhor”, comenta a empresária.

Participando ativamente do movimento pelos direitos das pessoas com deficiência, em especial no campo da sexualidade, Márcia Gori fundou a Organização Não-Governamental Essas Mulheres. A ONG atua com mulheres com deficiência, desenvolvendo atividades de assistência social voltadas para elas, defendendo seus

direitos e auxiliando-as a recomeçarem quando são vítimas de violência sexual, psicológica ou doméstica.

A ideia da ONG era “um verdadeiro sonho”: dentro da luta das pessoas com deficiência, avaliava que os direitos da mulher não eram objetivamente debatidos, por isso Marcia trabalhou, durante seis anos, para que a Essas Mulheres fosse criada. “Muitos falaram para mim que eu estava querendo fracionar o segmento, que deveríamos permanecer todos juntos”, conta ela, que não se importou e seguiu em frente. Hoje, a ONG é formada por feministas. “Temos em mente que é necessário capacitar essas mulheres, empoderá-las, dar seu poder de ser humano, de cidadã, de mulher com deficiência”.

Márcia afirma que a sexualidade da mulher com deficiência “é muito abusada”, daí a importância de se criar uma frente de luta. “Ela [a mulher com deficiência] sofre estupro, não fala, apanha, sofre violência, fica quieta, porque ela sabe que, se abrir a boca, pode sofrer situações de represália muito maiores”. Márcia conta que, muitas vezes, a violência vem de pessoas próximas, do próprio cuidador, por isso é essencial levar informações adiante e mostrar às mulheres que elas podem denunciar os abusos.

A empresária comenta que é preciso trabalhar cada caso com cuidado. Muitas deficiências exigem que haja um(a) cuidador(a) para a realização de atividades básicas do cotidiano, como ir ao banheiro, trocar de roupa, tomar banho e sentar na cadeira de rodas. “Se a gente tirar essa mulher de casa, afastá-la do agressor ou da agressora, onde iremos colocá-la? Os abrigos têm acessibilidade, têm cuidadores? Como você vai tirar uma pessoa assim de perto de quem cuida dela?”, questiona. “São políticas públicas sobre as quais temos que trabalhar muito, modificar conceitos, visões, pensamentos e posturas da nossa sociedade”.

CAPÍTULO 2 – AUTOESTIMA

Just the way you are*

A base da vivência sexual está na relação consigo mesmo e no entendimento de que dá para ser incrível sendo exatamente quem você é

O comportamento sexual é resultante de uma série de fatores que se inter-relacionam, como características biológicas, identidade de gênero e socialização. A

autoestima faz parte dessa experiência ampla chamada sexualidade e é essencial para que esta seja vivenciada de maneira satisfatória. Diretamente relacionada à avaliação que o sujeito tem de si mesmo, a autoestima decorre da análise das virtudes e fraquezas que o constituem e do modo como ele se relaciona com cada uma de suas características. Ela perpassa também o desenvolvimento psicológico de cada indivíduo e atua na forma como ele interage com as outras pessoas.

O sentimento de segurança em si próprio, por exemplo, está associado à autoestima elevada, pois o sujeito está ciente das capacidades que tem e reconhece as próprias virtudes. A confiança e o amor próprio auxiliam na vivência em sociedade e no momento de estabelecer relações com outras pessoas.

A frase pode ser clichê, mas é verídica: “se você não gostar de si mesmo, quem irá?”. Dessa forma, há diversos fatores que influenciam positiva e negativamente a autoestima, tais como a compleição física, os valores cultivados no meio familiar e os padrões estéticos e de comportamento propagados socialmente. Assim, apresentar uma deficiência física, sensorial ou intelectual pode ter reflexos diretos na construção do amor próprio.

Ao longo da história da humanidade, a deficiência foi tratada como fator decisivo para a permanência ou não de um indivíduo no meio social, conforme aponta o autor Otto Marques da Silva, no livro *Epopeia Ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje*. Os hebreus, por exemplo, acreditavam que as deficiências físicas e intelectuais estavam relacionadas à “impureza” ou ao “pecado”, por isso, as crianças que nasciam com essas características eram abandonadas ou mortas. Na Roma Antiga, também os pais de filhos com deficiência podiam escolher entre deixar o bebê à margem de um rio ou executá-lo. Nesse cenário de violenta rejeição, os que conseguiam sobreviver acabavam sendo marginalizados, muitas vezes tendo a mendicância como única forma de subsistência.

Esse comportamento ancestral revela que a deficiência era interpretada como um fator de limitação definitiva, de forma que, se o sujeito nascesse com ela ou a adquirisse ao longo da vida, simplesmente deixava de ser útil para a sociedade, daí sendo justificada sua exclusão ou extinção. Tal compreensão foi se modificando com o decorrer do tempo e hoje há uma maior aceitação das pessoas com deficiência no meio social, sendo que, em alguns países, elas estão completamente integradas às demais.

Ainda assim, numa contemporaneidade em que o ritmo da vida é marcado pela velocidade acelerada e pela competição, exigindo dos indivíduos cada vez mais capacidade, produtividade e rentabilidade, a deficiência se torna uma característica incompatível com o que se espera, haja vista que algumas condições físicas e intelectuais demandam outra lógica, mais lenta e serena, para a realização das atividades cotidianas.

Esse descompasso entre expectativas e reais condições de vivência acaba tendo efeito direto na autoaceitação da pessoa com deficiência. O processo de se conhecer e saber lidar com as próprias características, pelo qual todas as pessoas passam, é dificultado pelo olhar preconceituoso da sociedade para com o sujeito com deficiência.

“Pensam que a gente vale menos por causa de uma limitação física ou sensorial”, comenta a estudante universitária Luísa*. Ela nasceu prematura e os médicos avaliaram que não era preciso colocá-la na incubadora. A falta de oxigênio decorrente dessa decisão destruiu algumas células ciliadas da cóclea, resultando na perda da audição, além de ter acarretado sinapses superaceleradas que causam descoordenação física. A estudante comenta que, ao passo que se entende a deficiência como um impeditivo, a pessoa com condições especiais é subestimada. “Você fala ‘olha, ela faz isso, faz aquilo, apesar de ser deficiente’, esse ‘apesar’ machuca, ele tira o nosso valor como pessoas”, reitera Luísa.

A crença de que a deficiência torna o indivíduo incapaz se reflete ainda hoje quando as famílias dessas pessoas as excluem do convívio social, não atribuindo importância para a interação com outros indivíduos. Em cidades pequenas, é ainda mais comum que pessoas com deficiência permaneçam “escondidas” dentro de casa, ou convivam apenas em instituições especializadas em seu atendimento, não sendo incluídas, de fato, nas atividades da vida em sociedade.

Além de privar a pessoa com deficiência do mundo exterior, essa atitude de isolamento faz com que as demais não saibam como é conviver com alguém que tem uma limitação física, sensorial ou intelectual. É como se existisse uma espécie de 'ser imaginário', que pouco aparece ou, até mesmo, nem existe, e sobre o qual não se conversa.

Por isso, no momento em que os grupos sociais são levados a conviver com a pessoa com deficiência, tendem a tratá-la ora com espanto, como a um estranho, ora

com piedade, como se fosse alguém digno de dó. Não se aprende, portanto, a lidar com a diferença e a compreender as necessidades do outro, o que leva a pessoa com deficiência a ter que se adaptar a uma sociedade que não está apta a recebê-la.

O preconceito com a condição física de Luísa* foi um obstáculo para o fortalecimento da autoestima da estudante, pois, além da 'real', ela tem de conviver também com uma espécie de deficiência 'imaginária', fruto do desconhecimento das pessoas.

O cérebro da jovem realiza sinapses superaceleradas que provocam a descoordenação do movimento. Em um corpo humano com desenvolvimento típico, o movimento se dá por um estímulo que contrai os músculos agonistas e relaxa os antagonistas ao mesmo tempo. No caso de Luísa, porém, essa sincronia não ocorre, pois os dois grupos musculares têm a mesma reação: ou ambos tensionam ou distendem. Além disso, as contrações alteram a voz de Luísa. Essas características levam muita gente a pensar que a estudante tem outro tipo de deficiência que não a física e a auditiva, pois é comum que se associe a falta de coordenação motora com uma possível deficiência intelectual. “Esse também é um estereótipo que toda pessoa com distúrbio de movimento enfrenta. Você chega a um lugar e todo mundo vira a cabeça que nem a menina do [filme] Exorcista, pra te encarar. É assim desde que eu era pequena”.

Luísa sempre foi dedicada aos estudos e estimulada a desenvolver a sua inteligência. A associação dessa característica à deficiência física fez com que ela se identificasse “como a inteligente, como a nerd, como qualquer coisa, menos como mulher”. Essa combinação de fatores levou Luísa a “criar muros” ao seu redor. “Em cada tentativa de me socializar, se algo desse errado, eu me fechava cada vez mais”, recorda. A autoaceitação tardou a acontecer, mas foi facilitada pelo ingresso na universidade. “Pude ter contato com diversas mentalidades, com valores diferentes e isso me abriu totalmente”, revela.

Mesmo assim, a estudante explica que nem todas as pessoas “têm paciência” para as dificuldades de fala e de audição que ela possui. Pela internet, no entanto, essas possíveis barreiras desaparecem. Segundo ela, “dá tempo de a gente desenvolver afinidade, de interagir melhor antes de partir para o contato face a face”. A estudante universitária tem preferência em conhecer pessoas pela rede primeiro e só depois buscar contato pessoalmente.

Luísa relata que a interação virtual também é preferência de algumas pessoas com deficiência auditiva como forma de vencer a dificuldade comunicacional, resultante da perda de audição e agravada pela “barreira do preconceito”. A estudante explica que “a partir do momento que a pessoa conhece alguém, começa a interagir com ela para só depois descobrir a deficiência, vai ter tempo para refletir e ver que a deficiência não a impediu de se interessar pelo outro”.

O fato de não conseguir compreender o que as outras pessoas falam é um fator de estresse para a recém-formada em Arquitetura e Urbanismo Jéssica, (que preferiu não identificar seu sobrenome). Ela tem perda auditiva de severa a profunda, processo que se iniciou quando estava com 14 anos, provavelmente, por causas genéticas. Alguns anos depois, Jéssica começou a usar próteses nos dois ouvidos, mas o direito não se adaptou e hoje o uso se restringe ao esquerdo.

A jovem relata que a deficiência auditiva afetou sua autoestima durante a adolescência. “Eu me estressava bastante e evitava conversar ou sair [de casa], para não passar pela angústia de não entender as coisas”. Uma década após o início da perda auditiva, ela aprendeu a lidar melhor com a situação, mas se sente abalada “quando ocorre algo como preconceito”, ou se sente frustrada em uma situação na qual não consegue ouvir com clareza. A maneira de extravasar o descontentamento é simples: “fico xingando mentalmente quem me faz essas coisas e só”, brinca, “porque geralmente são situações de interação com outras pessoas em que ocorre algo do tipo”.

A dificuldade de compreensão sonora também era motivo para a arquiteta evitar alguns rapazes. “Se alguma pessoa tinha a voz muito difícil de entender para mim, de certa forma parecia que a possibilidade de ter um relacionamento minava logo no primeiro encontro”, explica. Quando ficava pela primeira vez com um rapaz e ouvia muito mal a voz dele, a dificuldade a desmotivava e, por isso, ela geralmente não programava um próximo encontro.

O estudante de Direito Rodrigo Moitinho, por sua vez, afirma que a deficiência auditiva pouco interferiu na sua autoestima. Ele começou a perder a audição do ouvido esquerdo aos oito anos, mas o uso do aparelho auditivo só se deu por volta dos 16, quando os assuntos estudados no colégio se tornaram mais complexos e a dificuldade de audição prejudicava a compreensão dos conteúdos. O estudante usa um aparelho auditivo pequeno e discreto que custou R\$ 6 mil. A perda do ouvido esquerdo é leve e o

direito não foi comprometido. “O direito é meu ouvido do 'telefone celular' e eu mesmo só fico do lado esquerdo da pessoa quando estou andando” conta.

Hoje com 22 anos, Rodrigo iniciou seus relacionamentos amorosos por volta dos doze anos, quando começou a “ficar com meninas”. Segundo ele, a deficiência não se mostrou um impeditivo. “Depois do uso do aparelho, algumas [meninas] passaram a ter atenção, outras achavam fofo ou até não o percebiam devido ao pequeno tamanho. Só vinham a perceber quando passavam a mão atrás da minha orelha ou ouviam o aparelho apitar”. O sinal emitido pelo aparelho auditivo é uma espécie de microfonia que se dá quando há algum tipo de interferência, como a mão passando pela região da orelha, que impede a entrada de som no microfone.

De acordo com Rodrigo, a namorada — com quem ele está há três anos — também não percebia a deficiência e reagiu com surpresa quando a descobriu, mas isso nunca os impediu de fazer nada. “Se eu não entendia ou não ouvia alguma coisa, pedia para ela repetir, nada além disso”, explica o estudante. Ele garante que a deficiência não é um problema para os relacionamentos: “não sou tratado diferente. Só falo que tenho deficiência quando há necessidade, e é aí que passo a ser tratado de outra forma” (risos).

Padrões para quem?

Os meios de comunicação em geral, principalmente os tradicionais, contribuem para que as deficiências sejam pouco expostas e colocadas em debate. Basta ligar a televisão e, surpresa!: ninguém com deficiência. Nas produções audiovisuais, como no jornalismo, na teledramaturgia ou no entretenimento, são raros os protagonistas com deficiência. Ficar fora da mira dos holofotes faz com que, além de não se verem representadas, as pessoas com deficiência não sejam vistas pelos demais indivíduos, o que, novamente, reforça o estranhamento.

Muitas vezes, o que acontece na dramaturgia pode agravar esse cenário: pessoas sem deficiência são chamadas para interpretar um personagem que tenha deficiência. A pergunta que fica é: por que não contratar as próprias pessoas com deficiência para serem intérpretes de personagens que têm características iguais às delas? Por trás dessa exclusão, subentende-se que não são capazes de ocupar tais funções, o que não é verdade. As condições físicas ou intelectuais não desabilitam os sujeitos a trabalharem

nos veículos de comunicação, mas aposto que você conta nos dedos das mãos as pessoas com deficiência que atuam no meio e, menos ainda, as que têm projeção.

Nas produções televisivas, geralmente os indivíduos que ocupam os postos de repórter, âncora, apresentador animador ou protagonista de novela estão conformes ao padrão hegemônico de beleza, ou seja, de pele branca, corpo magro e sem deficiência. Diante deste enquadramento rígido, torna-se difícil enxergar encanto no membro amputado, nos ossos com malformação, nas pernas atrofiadas, nos movimentos descoordenados. Isso faz com que, além de não se verem representadas, as pessoas com deficiência sejam diuturnamente colocadas frente a um padrão de beleza para elas inatingível.

Segundo a estudante Luísa, a visão preconceituosa dominante na sociedade, segundo a qual “a composição dos nossos corpos é uma barreira para a atração”, normalmente interfere nas relações afetivas que as pessoas com deficiência vivenciam. Ela conta que um rapaz do qual gostava acabou admitindo que não se sentia atraído por causa dos movimentos dela. Não é preciso ligar a televisão para se deparar com essa ideia restrita e preconcebida de beleza, a tal ponto arraigada no meio social que até indivíduos habituados a conviver com a deficiência não conseguem enxergar a diversidade e respeitá-la. “Tenho amigas que viram minha foto e falaram ‘você é bonita, mas se você fosse menos torta, você seria mais bonita ainda!’”, relata Luísa, que se diz extremamente incomodada com esse tipo de afirmação. “Nossa, eu fiquei revoltada com aquilo! Minha própria amiga falar isso para mim! Eu não sou torta, é a posição em que eu fico. E, mesmo que fosse torta, mesmo que eu tivesse uma deformação, não quer dizer que eu não seria atraente”, critica.

A jovem conta que já conheceu outros rapazes com o mesmo distúrbio de movimento que ela e que se sentiu atraída por eles: “é como qualquer outro tipo de característica, depende da visão de cada um”. Atualmente, Luísa diz estar aprendendo que “o problema é da pessoa preconceituosa” e não da sua compleição física. Ela reitera que “a atração é uma coisa humana, variável, não é para ter um padrão, uma medida de valor que fale que uma pessoa é menos atraente que a outra. Isso é uma injustiça enorme”.

À parte a estreiteza dos padrões estéticos e comportamentais que os reforçam, os meios de comunicação também demonstram insensibilidade e inépcia ao não se atentar

para o significativo público ou profissionais em potencial com deficiência. Afinal, são cerca de 45 milhões de brasileiros com alguma deficiência, segundo o último Censo Demográfico do IBGE, de 2010. Apesar disso, há quem perceba, nesses quase 25% da população, um mercado latente, pronto para ser conquistado.

Foi tirando fotos, com fins científicos, de pessoas com deficiência física, em um centro de reabilitação, que a fotógrafa Kica de Castro teve a ideia de um trabalho que seria pioneiro. Formada em Publicidade e Propaganda, mas amante da fotografia desde cedo, fazia seu trabalho como mandava o figurino, tirando fotos que, por seu caráter técnico e não-artístico, eram “extremamente frias”, como ela mesma avalia.

Kica percebeu que essa impessoalidade do trabalho mexia com a autoestima dos fotografados, pois as imagens, incorporadas posteriormente a estudos científicos, eram feitas sem nenhum tipo de cuidado prévio com aparência deles, os quais se limitavam a segurar, seminus, uma placa com identificação. A fotógrafa resolveu dar um pouco de vida ao processo, levando espelho, maquiagem e bijuterias para o estúdio, “só para dar cinco minutos de vaidade para a pessoa antes das fotos”.

A mudança surtiu efeito: as fotografias, antes encaradas como uma experiência desagradável por boa parte dos retratados, passaram a estimular a autoestima dos pacientes, os quais começaram a procurar a publicitária com vontade de serem modelos fotográficos. Kica, então, indicava outros profissionais e agências, mas não demorou muito a perceber que ela mesma poderia criar a sua empresa de modelos com deficiência. “No começo, muitas pessoas, incluindo as com deficiência, só me viam como louca, mas hoje sou a ‘visionária’. No Brasil, fui a primeira [nesse ramo] a trabalhar com pessoas com deficiência e faço questão que o casting seja 100% de profissionais com alguma deficiência”, afirma.

Os bons frutos do trabalho não são apenas para quem está nas fotos, mas também para outras pessoas com deficiência. “Imagine você vendo uma foto [de uma pessoa com deficiência], em uma exposição, como referência de beleza, numa sociedade para a qual só existe um padrão estético. As pessoas estão ali reconhecendo o seu lado belo, sem prejulgar nada. Isso é o máximo para as pessoas com deficiência”, avalia a fotógrafa.

A Agência Kica de Castro Fotografia, pioneira no ramo, foi criada em 2007, com apenas cinco modelos. Quase uma década depois, tem uma equipe de 86 profissionais,

em todo o território nacional, que buscam mercado de trabalho para artes cênicas, modelos *fashions* e comerciais, todos com algum tipo de deficiência. A fotógrafa ressalta, porém, que só ingressa na agência quem tem talento, sabe desfilar e se portar como modelo: “para ser do *casting*, é obrigatoriamente necessário passar por teste e avaliação do perfil profissional, pois estamos falando de um mercado de trabalho”. Segundo ela, não basta ser pessoa com deficiência, pois é preciso ser capacitado para a atividade. “Aqui não passamos a mão na cabeça de ninguém”.

Com quase dez anos de experiência no ramo, Kica avalia que geralmente é difícil para a pessoa com deficiência aceitar o próprio corpo, “com a mídia, a cada cinco minutos, falando que tem que ser alto e magro para ser bonito”. Com o trabalho que realiza, ela diz que busca contribuir para que esse cenário se modifique. “Ficamos cansadas de tanto blábláblá e estamos fazendo a nossa parte: fazendo as fotos sensuais com a intenção de mostrar que beleza e deficiência não são palavras opostas.”

A última exposição de Kica, *Além das Convenções*, foi realizada no Conjunto Nacional, em São Paulo (SP), em dezembro de 2015, e apresentava nu artístico de nove mulheres com deficiência. Cerca de 45 mil pessoas circularam entre as fotos durante as duas semanas da mostra. O objetivo, segundo a fotógrafa, era de sensibilizar as pessoas para “aceitarem o corpo como ele é, como referência de beleza, mostrando que existe sensualidade e, acima de tudo, a sexualidade”.

Os desafios do amor próprio

Diante dos padrões 'midiáticos' de beleza e da falta de representatividade, é natural que a pessoa com deficiência tenha sua autoestima afetada negativamente quando está em situações de convívio e interação com outros indivíduos. O entendimento sobre si próprio e a capacidade de lidar com as implicações decorrentes da deficiência são tópicos significativos quando se nasce com ela ou a adquire tardiamente.

A estudante de Arquitetura e Urbanismo Fernanda Santana, por exemplo, conta que o estranhamento a acompanhava já na infância: “desde criança, percebia coisas diferentes em mim mesma quando me comparava com os outros e tive problemas com depressão durante a adolescência, mas levei muito tempo para descobrir o motivo. Simplesmente, não entendia qual o problema ou como lidar com ele”. Ela foi tardiamente diagnosticada, aos 20 anos, com a Síndrome de Asperger, uma das que

integram o Transtorno do Espectro Autista. De acordo com a quinta edição do *Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais* (DSM-5), de 2013, as características substanciais da síndrome são o interesse exacerbado em certos assuntos durante um período de tempo e dificuldades de comunicação. “Hoje eu já não a vejo como o problema, mas não saber e não se entender é definitivamente complicado”, comenta Fernanda.

As deficiências adquiridas durante a vida modificam a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo ao seu redor. As chamadas deficiências sensoriais, que afetam a visão e a audição, alteram a percepção da realidade, atuando diretamente na comunicação do indivíduo com os outros. Já as deficiências físicas podem ter efeitos na mobilidade de quem as adquire. Geralmente, é preciso reaprender a lidar com tarefas simples do cotidiano que, antes, não exigiam atenção, mas que passam a demandar mais tempo para serem executadas, como tomar banho, trocar de roupa e ir ao banheiro. Esse processo de adaptação às novas demandas do corpo ou do intelecto pode demorar a ser naturalizado pela pessoa com deficiência, levando, muitas vezes, à depressão.

A princípio, a estudante universitária Paolla (que prefere não identificar o sobrenome), agiu com otimismo em relação ao acidente que lesionou sua medula. Durante uma festa de casamento, em 2013, ela estava no segundo andar de um hotel, quando pisou em um chão de acrílico: era a claraboia do andar de baixo. O piso se rompeu e Paolla caiu de uma altura de, aproximadamente, cinco metros, rompendo a quinta vértebra, na altura do pescoço. Após uma cirurgia e nove dias de internação no hospital, ela passou um mês na cama hospitalar, dentro de casa, sem os movimentos do pescoço para baixo.

Paolla conta que a família e os amigos ficaram surpresos com a positividade que ela demonstrava. “Assim que sofri o acidente, eu fui muito positiva, era motivada, super pra cima, não me deixei abater. Fiquei vários meses assim, todo mundo se surpreendeu comigo, fui bem forte no começo”.

O início da reabilitação após a cirurgia, com fisioterapia intensiva, era de resultados constantes, sendo que, a cada dia, Paolla ganhava um movimento novo. Com o tempo, porém, o progresso foi se tornando mais lento e o alto astral, ficando para trás... “Depois que foi cessando a recuperação, o bicho pegou porque caiu a ficha de que essa situação podia ser para sempre”. A jovem foi diagnosticada então com Transtorno

de Estresse Pós-Traumático, que tem a depressão como um dos sintomas. “Não tem como não mexer com o psicológico, minha vida mudou completamente. Passei uma época meio triste, não conseguia comer, emagreci. Mas agora estou melhorando de novo, fazendo academia, engordando”.

A autoestima voltou também graças à melhora no quadro clínico e à gradativa retomada da rotina. A estudante já recuperou todos os movimentos do lado direito do corpo e, do lado esquerdo, ainda há restrições quanto à perna e aos movimentos finos da mão. Para se locomover a curtas distâncias, ela faz uso de um par de muletas canadenses e utiliza a cadeira de rodas quando precisa percorrer um caminho mais longo, como passear no shopping center.

CAPÍTULO 3 – RELACIONAMENTOS

Os outros

As interações entre as pessoas com deficiência e os demais indivíduos demandam conhecimento e aceitação perante a condição física ou intelectual do sujeito

A atuação de familiares e amigos tem grande importância no entendimento e na aceitação que a pessoa com deficiência realiza sobre a sua própria condição, pois são esses grupos que podem oferecer suporte e facilitar o processo de assimilação da nova realidade. Quando esses dois pilares da vida em sociedade agem com preconceito ou não se dispõem, eles mesmos, a aceitarem a condição da pessoa com deficiência, criam-se mais dificuldades no autorreconhecimento desse indivíduo.

A estudante universitária Paolla, que prefere não revelar seu sobrenome, estava no primeiro ano da faculdade quando sofreu o acidente que lesionou sua medula. As primeiras medidas após o ocorrido e as atividades de recuperação incluíram internação hospitalar, uma cirurgia e muita fisioterapia, sendo que, enquanto passava por todo esse processo, ela retornou à cidade de seus pais, tendo que ficar afastada por um ano da universidade.

No retorno ao câmpus, a jovem ingressou na turma seguinte à dela. Ela conta que percebe uma diferença de tratamento entre as pessoas que a conheciam antes do acidente – família, os antigos colegas de sala e amigos da cidade natal –, e os que a conheceram depois, os calouros com quem estuda agora. “O que mexe emocionalmente

comigo é o fato de as pessoas que me conheceram depois do acidente me verem e tratarem de uma maneira diferente, como uma nova identidade. Às vezes, eu percebo que elas olham pra mim com dó ou pena”. Paolla explica que tenta se esforçar sempre para que não seja vista com piedade, mas sim como uma vitoriosa. Algumas atividades que ela não consegue executar a deixam triste em relação à limitação física, como prender o cabelo, tocar violão, correr e jogar futebol. “Emocionalmente, às vezes me sinto meio frágil por conta disso, mas, racionalmente, eu me enxergo como uma vitoriosa, considerando-se tudo que eu passei”.

Já a atuação de uma amiga teve grande relevância para a mudança pela qual passou o jornalista Sergio Guzzi, que nasceu com Artrogripose, uma doença congênita que afetou, no caso dele, os membros inferiores – ele nasceu com o quadril fora do lugar, sem articulação no joelho esquerdo e com os pés tortos. Para resolver a questão da mobilidade, Sergio faz uso de duas órteses (aparelhos ortopédicos que dão sustentação às pernas). A deficiência física, no caso do jornalista, era paliada por outra questão que tinha mais destaque em sua vida: a obesidade mórbida. Em 2004, ele se submeteu a uma cirurgia bariátrica responsável por uma transformação significativa na vida do jornalista: “foi a partir daí que descobri o mundo, que era capaz de conviver com o mundo real, pois até então eu tinha uma vida muito reclusa”.

O primeiro fator que impulsionou Sergio a decidir pela redução de estômago foi o tempo. “Estava envelhecendo e queria conhecer o desconhecido para o meu corpo”. O dinheiro que o jornalista economizava na intenção de comprar um carro foi utilizado para custear parte do procedimento. A cirurgia bariátrica é indicada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para pessoas com obesidade severa, grau II, e mórbida, grau III, associada a complicações como diabetes e hipertensão arterial, ou que já tenham tentado perder peso de outras maneiras que não surtiram efeito. O procedimento cirúrgico deve ser seguido de novos hábitos alimentares e o acompanhamento de psicólogos, familiares e amigos é de grande importância. No caso de Sergio, a presença e apoio de uma amiga de trabalho auxiliaram muito nesse processo. “A gente criou uma amizade muito forte e ela, aos poucos, foi me conhecendo e tirando coisas de mim”, comenta ele. A moça o incentivou a optar pela cirurgia e acompanhou toda a recuperação. “Nunca tivemos nada além de amizade, talvez por isso a tive como um apoio importante: foi com quem fiz minhas primeiras compras de roupas, foi quem me

levou para mudar corte de cabelo”, relembra o jornalista, que mantém o vínculo há mais de uma década. “É o tipo de amiga que a gente não se fala com frequência, mas cada um sabe onde o outro está”.

A associação da obesidade com a deficiência física impedia Sergio de se relacionar amorosamente, pois o jornalista conta que, “com medo da rejeição, bloqueava o ‘gostar’ de alguém, o ‘desejar’ alguém sempre foi algo muito meu, o medo de ser rejeitado sempre me fechou”. Essa conjuntura só se modificou após a cirurgia. “Comecei a me sentir capaz, principalmente, de enfrentar os medos. Foi quando vi que minha deficiência não impedia que eu fosse objeto de atração”.

As modificações ocorridas na aparência física tiveram influência direta na autoestima de Sergio, que percebeu que a deficiência não era impedimento para desenvolver e usufruir de atividades cotidianas da vida em sociedade. “Perder peso me fez ver que eu podia usar roupas bacanas, ter um estilo de rapazes comuns, sem que isso tivesse relação com minha deficiência. Vi que ela não me impedia de nada e também passei a entender que a própria obesidade não pode nem deve bloquear a vida das pessoas”, concatena o jornalista. “Mas não é fácil, pois são dois fatores que afetam muito o psicológico. Queira ou não, dependemos de abertura da nossa mente para sermos o que a gente, de fato, quer ser”.

Após a melhora na avaliação que fazia de si mesmo, Sergio Guzzi se abriu para “alguns namoricos”. O casamento com Sílvia veio três anos depois da cirurgia. Ela, também jornalista, trabalhava em um veículo de comunicação diferente do dele na cidade de Araçatuba, mas os dois pouco se falavam. Em 2005, trabalhando no jornal *Bom Dia*, em Bauru, o contato entre eles se iniciou pelo antigo sistema de mensagens instantâneas MSN e, quando retornou à cidade de origem, “o espírito de um bateu com o do outro e rolou tudo rápido”. O namoro começou em novembro; um mês depois, ele se mudou para o apartamento dela; mais seis meses e compraram a casa própria para morar sozinhos. Um ano de relacionamento e veio a gravidez do primeiro filho. Hoje, a família é formada pelo casal e pelos filhos João e Francisco, que não herdaram a deficiência do pai.

Deficiência posta a prova

A construção de um relacionamento amoroso exige, além de afinidade e atração, entrega e confiança mútuas entre o casal. Muitas vezes, essa é uma experiência na qual a pessoa coloca a própria deficiência em xeque, aprendendo a lidar com ela e com as adaptações que ela exige em relação ao próximo.

Para a estudante de Arquitetura e Urbanismo Fernanda Santana, que tem Síndrome de Asperger, estabelecer qualquer tipo de relacionamento era um desafio. Ela conta que, “quanto mais nova, pior era, porque eu simplesmente não sabia como agir. Ninguém nunca me ensinou que tipo de coisas eu devia dizer pras pessoas ou como eu devia me comportar. Eu tinha a impressão de que as outras crianças e adolescentes simplesmente sabiam como fazer isso – como fazer amizade, dialogar, serem agradáveis”. O processo de socialização dela foi diferente. “Eu tive que aprender de forma metódica, copiando os outros, treinando, tentando coisas diferentes. Foi um caminho bem longo e difícil”.

Atualmente, o padrão aceito socialmente na hora da conquista é que o homem seja o sujeito ativo que se aproxima da mulher, sujeito passivo, o que proporcionou a Fernanda “uma porção de oportunidades de começar relacionamentos”. Hoje, namorando um rapaz há dois anos e meio, ela conta que a maioria dos seus relacionamentos anteriores não durava mais que dois meses. “Começar é mais fácil que manter. Eu acabava assustando ou chateando as pessoas sem querer”. O namorado atual é o primeiro para quem ela conta da Síndrome – “e, no início, ele não acreditou muito” –, pois, nos primeiros namoros, Fernanda ainda não sabia que tinha Asperger, seu diagnóstico foi feito tardiamente, aos 20 anos, e, nos demais, ela não sabia como falar e achava que podia afastar as pessoas caso elas soubessem. “Eu admito que tinha bastante medo e, talvez, até um pouco de vergonha de admitir certas coisas”.

Os sacrifícios que um relacionamento exige também estão presentes no namoro de Fernanda. Ela não se sente confortável em permanecer em lugares barulhentos ou com iluminação agressiva - como faz parte do Transtorno do Espectro Autista, a Síndrome de Asperger afeta a cognição do indivíduo, de maneira que os órgãos sensoriais (pele, nariz, olhos, língua e ouvidos) percebem o ambiente de maneira mais intensa do que acontece para as pessoas não-sindrômicas. O namorado da garota adora ir para a balada, mas acabou deixando de frequentar alguns lugares dos quais gostava por conta da sensibilidade da companheira.

O foco exacerbado em alguns assuntos, característico de quem tem Asperger, também preocupa a maneira como ela pode vir a se comportar ao longo do relacionamento. “Consigo me imaginar perdendo completamente o controle e saindo por aí gastando todas as economias que fizemos juntos em algo completamente idiota”, conta ela. Certa vez, Fernanda começou a ler sobre pimentas e, em seis meses, ela já tinha cerca de 100 vasos com pés da planta na frente de casa. A dedicação ao assunto sobre o qual está interessada no momento faz com que a estudante se desligue de qualquer outro tema, como se somente aquilo existisse ou fosse importante, o que faz com que ela tenha que interromper outras atividades para dar atenção ao foco do seu desejo. “Quando estou nesse estado, a ansiedade bate por ficar longe do meu tema de interesse. Em outros momentos, ela vem por motivos muito mais racionais”, comenta a futura arquiteta. A fixação passa depois de um tempo e se torna um interesse normal, mas, quanto aos efeitos que isso pode ter em seu relacionamento a longo prazo, ela comenta que “este é um problema bem grande que eu ainda não faço ideia de como vamos resolver (risos)”.

Preconceito

O relacionamento com alguém que tenha necessidades especiais pode não acontecer porque muitas pessoas têm preconceito em relação à deficiência. A atriz e empresária Priscila Menucci comenta que “as pessoas leigas têm medo de sentir atração ou até mesmo só tesão por uma pessoa com deficiência. Costumo dizer que somos de carne e osso, temos e podemos sentir prazer”. Priscila tem nanismo, uma doença genética que interfere no crescimento esquelético da pessoa. Entre os cerca de 200 tipos, os mais comuns são o Hipofisário e a Acondroplasia. No primeiro, o crescimento dos órgãos é proporcional ao tamanho do corpo e é possível realizar tratamento com hormônios; o segundo se caracteriza pela desproporcionalidade, quando o tamanho da cabeça costuma ser um pouco maior que o comum, testa alongada e membros mais curtos.

Apesar de ter feito diversos exames, os médicos não confirmaram qual tipo de nanismo Priscila tem, mas alguns a diagnosticaram como pseudoacondroplasia. A relação que Priscila tem com o próprio corpo é das melhores, “não me sinto inferior a

ninguém, me cuido como qualquer outra mulher”, conta ela, que diz não frequentar mais a academia por falta de tempo.

A atriz é casada com um homem que também tem nanismo e lembra que, na adolescência, “o problema era na hora de assumirem um namoro”, pois ela se relacionou com homens de estatura mediana e outros bem altos, “alguns conseguiram romper barreiras e outros abandonaram o barco”. Priscila também diz que havia rapazes que queriam ficar com ela por curiosidade em se relacionar com uma pessoa anã: “quando eu também tinha curiosidade pela pessoa, eu ficava”, completa.

O preconceito está tão enraizado na sociedade que não é raro que a pessoa com deficiência o sinta pela sua própria condição. O jornalista Sergio Guzzi conta que nunca havia considerado mulheres com deficiência física atraentes, portanto, nunca pensou em se relacionar com uma. “O preconceito nos afeta de forma muito cruel”.

Esse sentimento também aparece de forma velada, quando o sujeito, aparentemente, não o sente ou passa por cima dele para se relacionar com alguém com condições especiais, mas, na verdade, continua não aceitando a deficiência. Foi o que aconteceu com o ex-segurança Osvaldo Andrade, que ficou cego após um descolamento de retina provocado por um soco que ele levou separando uma briga enquanto trabalhava. Uma das mulheres com quem ele namorou após adquirir a deficiência tinha vergonha que Osvaldo usasse bengala - objeto que auxilia a pessoa com deficiência visual a se locomover. Ela dizia que não era preciso, que podia guiá-lo - foi quando ele percebeu que a companheira sentia vergonha por sua condição física. Após adquirir a deficiência visual, a primeira namorada que ele teve costumava usar óculos escuros quando saía com o ex-segurança, “para que parecêssemos dois ‘normais’”, conta Osvaldo. Na época, ele ainda não usava bengala e, apesar disso, ela foi uma pessoa que o auxiliou bastante a sair da depressão.

Já a universitária Paolla sente que algumas pessoas se afastam quando percebem que sua deficiência pode ser uma condição que dure para o resto da vida. Na época do acidente que lesionou sua medula, a moça estava ficando com um colega de sala que a apoiou bastante nos primeiros dias de recuperação, visitando-a no hospital diariamente e se aproximando da família dela. Após um tempo, o rapaz não apareceu mais, o que a estudante acredita ter sido pelo fato dele ter se dado conta que o estado de saúde dela era grave. Na mesma época, um outro amigo de Paolla, que sempre havia gostado da

moça amorosamente, esteve bem presente e acabou conquistando o coração dela. “Ele foi muito presente durante o meu processo de recuperação. Começamos a ficar e namoramos por oito meses”. A postura dele fazia com que ela se sentisse bem. “Ele era muito legal comigo, muito fofo, fazia tudo por mim, sempre me ajudava a pegar a cadeira de rodas ou a arrumar minha posição”.

O relacionamento terminou por outras questões, mas ela lembra que “ele me tratava totalmente como uma pessoa ‘normal’”. Às vezes, acho que era o jeito de ele fazer o bem para alguém e se sentir melhor. Sinto muito isso, que algumas pessoas se aproximam de mim nesse sentido, como num trabalho solidário. Por um lado é ruim, mas por outro é bom, porque a vantajosa sou eu”. Ao mesmo tempo, Paolla conta que outras pessoas se aproximam, mas acabam desistindo por conta da deficiência. “Eu paquero, fico e aí vejo que, quando eles percebem que a coisa é séria, é grave e pode ser para sempre, meio que pulam fora”. Ela tem dúvidas se isso acontece realmente em decorrência da deficiência ou por outras questões pessoais. “Sempre fui uma pessoa difícil de lidar, tive problemas de relacionamento, talvez seja por conta disso. Mas eu acredito que deve influenciar um pouco a questão do acidente, às vezes o cara pode perceber que não vai dar para fazer tudo que ele puder comigo”, finaliza Paolla.

CAPÍTULO 4 – SEXO

Tudo pode sob os lençóis

Prazer sexual vai além de corpos padronizados e malabarismos na cama

“Mas pessoa com deficiência consegue fazer sexo?”. Consegue sim. Ô se consegue. E se você acha que a condição dela faz com que a relação sexual seja inferior em qualidade ou não dê tanto prazer, saiba que você está muito enganado. Na deficiência, como em qualquer outra situação, é preciso buscar a forma mais proveitosa de canalizar a libido e vivenciar a sexualidade.

Quando a condição física ou sensorial acarreta alguma limitação nos movimentos ou perda da sensibilidade e do estímulo, total ou parcial, de algumas áreas, tudo o que se tem a fazer é buscar uma adaptação, encontrar o melhor jeito de lidar com aquele pormenor. A pessoa deve descobrir quais potencialidades o próprio corpo

oferece e como desfrutar delas: há posições que podem ser mais confortáveis ou proporcionarem mais excitação, há potenciais zonas erógenas apenas esperando por uma descoberta, há sentidos a serem reaguçados etc. Em suma, viver a sexualidade na deficiência é passar por desafios específicos, nada muito diferente do que qualquer casal ou indivíduo pode ter de enfrentar nos encontros eróticos.

A condição física pode sequer interferir na hora do sexo. A atriz e empresária Priscila Menucci tem nanismo e conta que geralmente não vivencia nenhuma complicação na relação sexual. “Só há problema se o pênis tiver um tamanho fora do normal”, destaca, revelando uma condição que pode incomodar também outras mulheres sem deficiência, mas com pequena estatura ou baixo colo do útero.

As deficiências sensoriais podem comprometer a comunicação, muito importante para o momento do encontro, da sedução e do sexo, pois afetam os olhos e os ouvidos. A excitação sexual, por exemplo, vale-se bastante da visão, uma vez que é o sentido inicialmente mobilizado na paquera, a primeira forma de contato entre duas pessoas que podem vir a se relacionar. Além de ser uma das formas de aproximação mais valorizadas, a visão também é amplamente estimulada na produção de conteúdos eróticos – a indústria pornô que o diga. Quando o indivíduo é acometido pela deficiência visual, ele tem que buscar outras maneiras de suprir a ausência desse estímulo, e a audição, o olfato e o tato estão ao seu inteiro dispor.

Nesses casos, o 'bônus' proporcionado pelo toque é que, para criar uma imagem mental do parceiro, para entender como o corpo dele realmente é, a pessoa com deficiência visual terá de dedicar um tempo a mais apalpando e sentindo cada parte. E essa dedicação extra é benefício para ambos os parceiros: quem tem a deficiência acaba se concentrando mais e aproveitando melhor as sensações da relação sexual; quem é alvo dos toques terá as zonas erógenas mais detalhadamente exploradas – satisfação principalmente para as mulheres, que geralmente necessitam de preliminares mais cuidadosas e completas para atingir o orgasmo. Dessa maneira, a exploração de outros sentidos que não a visão, como o tato, acaba sendo um ponto positivo para ambos os amantes.

O ex-segurança Osvaldo Andrade, por exemplo, sofreu descolamento de retina e ficou cego depois de um episódio em que foi agredido enquanto trabalhava. Ele tinha cerca de 40 anos quando isso aconteceu e diz que hoje desfruta mais das relações

sexuais do que antes de perder a visão. Já a técnica contábil Ariani Queiróz namorou um homem com deficiência visual e afirma que a relação sexual com ele era mais intensa. “Ele era muito mais gostoso. Pelo fato de não enxergar, ele tinha necessidade de tatear, então, para saber como eram os meus seios, por exemplo, tinha que demorar um pouco mais explorando-os para conseguir formar na mente dele como eu era”, explica Ariani, que usa cadeira de rodas para se locomover devido a sequelas da poliomielite.

A outra deficiência sensorial, a auditiva, deixa em segundo plano ou até mesmo elimina a excitação advinda das conversas, dos gemidos e das provocações, tão presentes na relação sexual. Os aparelhos auriculares prestam grande auxílio nessa hora, mas, quando há alguma interferência que impede o som de chegar ao microfone, eles apitam, numa espécie de microfonia, o que não é raro de acontecer durante o sexo, quando os corpos estão sempre se encostando. Isso se confirma no caso da arquiteta Jéssica (que pediu para não ter o sobrenome identificado) de 24 anos. Ela tem perda auditiva de severa a profunda e tem de fazer escolhas na hora do sexo: “ou eu tiro o aparelho e fico sem entender o que é falado, ou eu fico com aparelho e tenho que ter cuidado para não esbarrar, porque ele começa a apitar. E tem vezes que não entendo nem usando o aparelho”. A concentração para entender o que é dito pelo parceiro atrapalha, “corta o clima”.

Já as deficiências físicas interferem, principalmente, na mobilidade do indivíduo. São diversos os motivos que podem levar uma pessoa a utilizar cadeira de rodas, muletas, aparelho tutor, órteses ou próteses para se locomover. Há doenças que diminuem a força muscular, como a esclerose múltipla e a poliomielite – que também pode paralisar um dos membros inferiores –, enquanto há doenças, infecções ou acidentes que podem levar à lesão medular e à amputação de membros. Em todos os casos, a redução da mobilidade, associada ou não à perda de sensibilidade, demanda uma adaptação às condições do corpo. Este pode ter menos força, limitar-se a determinadas posições ou se excitar com estímulos específicos. Enfim, aprender a lidar com a deficiência é também um processo de aprendizagem e conhecimento sobre a própria corporalidade.

A fisioterapeuta Paula Ferrari trabalha com a reabilitação sexual de pessoas com lesão medular e passou ela mesma por essa situação, após contrair mielite transversa

durante uma cirurgia. Ela tem lesão medular incompleta na região T5 e, para curtas distâncias, consegue caminhar com muletas. A sensibilidade das pernas não foi afetada.

Há dois anos, Paula namora uma mulher que tem lesão medular completa e as duas aprenderam coisas novas juntas: “foi um processo bacana de redescoberta”, conta. Segundo ela, foi importante vivenciar com a parceira essa nova fase da vida. “O sexo muda um pouco, mas, muitas vezes, até para melhor, como foi o meu caso”, afirma.

A deficiência intelectual também exerce influência na maneira como o sexo acontece, pois este pode ser um momento bem delicado para quem é diagnosticado no Transtorno do Espectro Autista (TEA). Como a percepção do ambiente e dos fatores sensoriais (tato, olfato, audição, paladar e visão) pode ser muito intensa e desencadear crises de ansiedade, algumas pessoas acabam evitando o sexo para preservar-se das sensações desagradáveis. “Conheço alguém que não gosta de sexo por conta dos cheiros envolvidos. É uma pessoa muito sensível a cheiros, então tudo acaba ficando muito desagradável para ela”, comenta a estudante de Arquitetura e Urbanismo Fernanda Santana, que tem Síndrome de Asperger, um transtorno pertencente ao TEA. “Esse tipo de coisa pode acontecer com autistas, ou seja, não suportarem o toque, o cheiro ou o gosto de alguma coisa relacionada a sexo, aí toda a experiência fica arruinada”, comenta.

Para a jovem, no entanto, essa é uma parte da vida que ela vive sem preocupações relacionadas à Síndrome. “Posso dizer que gosto muito de sexo, mas não sei se é diferente de outra pessoa qualquer que também goste muito de sexo. Acho que não é nada muito fora do ‘normal’, mas é difícil ter certeza, porque esse é um detalhe que as pessoas não discutem sempre, então não sei bem como é para os não-autistas”, explica a estudante. Segundo ela, a dificuldade está em outro aspecto: “para você fazer sexo com outra pessoa, primeiro precisa aprender a falar com outra pessoa. Para gente como eu, esse costuma ser o obstáculo – os relacionamentos em si”.

Em diferentes casos dentro do TEA, a relação sexual pode servir como válvula de escape para as crises de ansiedade. O psicólogo cognitivo comportamental Lucas Xavier trabalha na Associação dos Familiares e Amigos dos Portadores de Autismo de Bauru (AFAPAB), e comenta que “às vezes, a pessoa não consegue gerenciar banco, finanças, não consegue trabalhar, mas consegue fazer sexo tranquilamente, porque alivia a ansiedade, dá prazer e é gostoso”. Nessas situações, é importante manejar a

rotina da pessoa, para que ela consiga adequar os momentos de alívio das crises com os demais compromissos da vida, cuidando também de questões contraceptivas e de proteção às doenças sexualmente transmissíveis.

Conhecimento sobre si nunca é demais

A masturbação é uma atividade sexual importante na descoberta do próprio corpo, pois é através do autoconhecimento que o prazer pode ser aprimorado. Explorar as zonas erógenas, entender como o corpo reage a cada estímulo e saber as próprias preferências são fatores que auxiliam durante o orgasmo, seja sozinho ou com um parceiro.

O principal parâmetro de comparação entre “antes e depois” para a estudante universitária Paolla - que preferiu não identificar seu sobrenome na reportagem - é a masturbação, já que a primeira relação sexual da jovem foi após o acidente que sofreu, aos 20 anos, e que lesionou sua medula espinhal.

Durante uma festa de casamento, Paolla caiu do segundo andar de um hotel e quebrou a quinta vértebra da coluna, a C5. Isso fez com que ela perdesse os movimentos, do pescoço para baixo, durante um mês. Com fisioterapia intensiva todos os dias, os movimentos e a sensibilidade foram retornando.

No momento, dois anos após o acidente, o lado direito do corpo da estudante está totalmente recuperado, mas os movimentos da perna e da mão esquerdas ainda não voltaram na totalidade. A fase atual de recuperação depende do esforço e do alongamento proporcionados aos músculos, já que agora as melhoras demoram mais a aparecer – no começo do tratamento, o corpo recuperava movimentos a cada dia.

A estudante comenta que, depois do acidente, outras zonas erógenas, como seios, pescoço e orelha, tornaram-se mais sensíveis, em detrimento de sensações que se alteraram. “Acho que eu perdi um pouco da libido. Como já tentei me masturbar depois do acidente e não atingi o orgasmo ainda, eu acabei ficando um pouco desmotivada”, explica Paolla. Ela conta que a percepção do prazer se modificou. “Já cheguei a ter sensações parecidas com o orgasmo, mas não aquele pico de prazer intenso”.

A dificuldade para chegar ao orgasmo durante a penetração tem sido outro ponto observado por Paolla, que explica não ter certeza se isso é em virtude do acidente ou porque muitas mulheres, de fato, não conseguem atingir esse pico de prazer com a

penetração. “Acho que eu tenho que me descobrir cada vez mais, me estimular mais para ver como é melhor”, finaliza ela.

Não, obrigada

Como a sexualidade é um direito, isso confere à pessoa com deficiência o poder de exercê-la da forma que mais lhe agrada, seja fazendo sexo, seja se abstendo dele. Afinal, há quem não sinta atração sexual, e isso não tem qualquer relação com a deficiência. A estudante universitária Luísa* tem distúrbio de movimento, deficiência auditiva e se descobriu demissexual. Ela conta que, quando era mais nova, percebia ter uma maior desinibição que as outras crianças. “Sempre tive paquerinhas na escola, era uma criança inserida dentro da heteronormatividade”. A adolescência foi uma fase de interiorização e, ao chegar à faculdade, ela resolveu buscar experiências afetivas que não saíram como o esperado.

Durante a época de graduação, Luísa ficou com rapazes, mas as tentativas não ocorreram como ela esperava. “Quando um cara me beijou na balada, eu quase enfartei depois. Passei muito mal, fiquei com um nojo enorme de mim mesma, achei que era uma violação ao meu corpo. Estranhei demais a minha reação”. Ainda assim, a garota buscou outras experiências do gênero e a sensação de repulsa sempre se repetia. “Eu estranhei, o que está acontecendo comigo? Por que todo mundo fala mil maravilhas sobre beijar e as minhas experiências foram horríveis?”. Luísa, então, resolveu procurar informações a respeito na internet – foi quando descobriu a comunidade assexual e a 'área cinza', onde muitas pessoas relataram o mesmo tipo de experiência.

A demissexualidade se caracteriza pelo fato de a pessoa com essa orientação sexual precisar, obrigatoriamente, ter uma conexão afetiva, emocional ou psicológica com alguém para que consiga sentir atração sexual. Sem esta relação previamente estabelecida, não é possível, para o demissexual, se sentir atraído sexualmente por ninguém.

Este comportamento se enquadra dentro da chamada “área cinza”, que se estende dos assexuais - que não têm interesse ou sentem repulsa por sexo – até os alossexuais – que podem sentir atração e fazer sexo com qualquer indivíduo. O demissexual pode vir a desenvolver atração e ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo (homossexual), do sexo oposto (heterossexual), dos dois sexos (bissexual),

ou não enxergar essa distinção de gênero (panssexual), mas o importante é que a expressão desse desejo esteja intrinsecamente associada à existência prévia de outro tipo de relação. “É um estereótipo achar que a pessoa com deficiência vai ser heterossexual: pode ser assexual, homossexual, bissexual, qualquer orientação”, reitera a estudante.

Luísa conta que leu sobre “mulheres que engravidaram só para cumprir às expectativas sociais, mas que se sentiam estupradas, com nojo de si mesmas, e que isso era horrível”. Apesar de ter libido e desejo sexual ocasionalmente, as experiências que teve com beijos levaram a estudante a preferir não se arriscar mais além, pelo menos por enquanto.

Me dá uma mãozinha

A descoberta sexual das pessoas com deficiência pode ser feita com o auxílio de profissionais especializados para isso. O assistente sexual ou erótico atua como um terapeuta, auxiliando a pessoa com deficiência a descobrir o próprio corpo, a ter prazer com a condição física que possui, a conquistar confiança e autoestima. A terapia desenvolve-se por meio da conversa, do toque, de massagens e até mesmo de relações sexuais orais ou da penetração. Casais de pessoas com deficiência que estejam com dificuldades na área sexual também podem contratar os serviços de um assistente para encontrar melhores posições para o sexo, por exemplo.

A prostituição é comumente associada à assistência sexual, mas tratam-se de atividades distintas. É importante que os formados em Assistência Sexual tenham outra profissão, para que esta não seja a sua principal fonte de renda (em alguns países, associações de atendimento às pessoas com deficiência oferecem os serviços dos profissionais de maneira gratuita). Também há casos em que o número de sessões a que cada pessoa pode ter acesso é limitado.

Os assistentes devem atuar com respeito e dignidade, ficando atentos para qualquer sinal de envolvimento afetivo por parte da pessoa com deficiência. São também preparados para lidar com as especificidades dos diferentes tipos de deficiência física e intelectual, como o corpo frágil ou o uso de coletores e fraldas geriátricas.

Um filme que aborda esse tema com humor e clareza é o americano *As Sessões*, dirigido por Ben Lewin e lançado em 2012. A trama conta a história de Mark O’Brien, interpretado por Mark Hawkes, escritor que vive dentro de um pulmão de aço e só tem

os movimentos da cabeça, devido a sequelas de poliomelite. Sem nunca ter feito sexo antes, ele irá conhecer a assistente sexual Cheryl Cohen-Greene, vivida por Helen Hunt. O longa explicita as delicadas e importantes questões envolvidas na relação entre um assistente sexual e uma pessoa com deficiência. A atuação no filme rendeu a Helen a indicação ao Oscar de melhor atriz no ano seguinte.

A Suíça forma profissionais na área desde 2004, segundo o site Swissinfo, que traz notícias do país. Ele informa que, desde 1980, os Estados Unidos e países do norte da Europa capacitavam pessoas para atuarem como assistentes sexuais. Também há especialistas na Alemanha, Dinamarca, Bélgica e Holanda.

O assunto começou a gerar debates na Argentina, e o Brasil é o próximo da fila. Formada em Direito, assistente social, funcionária pública e palestrante sobre sexualidade e inclusão das pessoas com deficiência, Márcia Gori fundou a ONG Essas Mulheres. A organização, que auxilia mulheres com deficiência vítimas de violência doméstica, sexual e/ou psicológica, está finalizando um Projeto de Lei que cria a profissão de Assistente Sexual no país. “Não serão profissionais do sexo, serão terapeutas que ajudarão a pessoa com deficiência a descobrir seu próprio corpo, os locais de prazer”, explica Márcia.

Uma das críticas à atuação dos assistentes é a de que o estabelecimento da profissão consolidaria a ideia de que as pessoas com deficiência não são capazes de conquistar parceiros e de fazer as próprias escolhas. Segundo Márcia Gori, esse receio parte de pessoas com deficiência quem têm domínio sobre o próprio corpo e sobre os próprios pensamentos. Ela, porém, refuta a tese, alegando que, para algumas pessoas, pode não ser tão simples se empoderar acerca de sua condição ou sair para paquerar e encontrar um companheiro.

O preconceito com a deficiência também é uma barreira comum para que as pessoas com deficiência possam viver plenamente sua sexualidade, além de muitas não estarem no padrão de beleza estabelecido hegemonicamente no meio social, o que dificulta ainda mais a autoaceitação e os encontros com o outro. O assistente sexual poderia auxiliar na supressão dessa lacuna. “Essa pessoa tem direito de ter relações, de sentir prazer, de se sentir protegida, e por que não pode ser um profissional? Por que não proporcionar esse prazer e essa descoberta do corpo?”, argumenta Márcia. O intuito

do assistente erótico seria o de auxiliar no conhecimento sobre o que o corpo da pessoa pode lhe proporcionar.

“Se a pessoa quer o prazer e não tem ninguém disponível no momento, não acho errado chamar um assistente sexual, desde que haja limites e regras”, comenta a estudante universitária Luísa. “Mas não é todo deficiente que vai ter dificuldade de achar parceiro, depende do momento, do meio em que se está inserido”, conclui ela.

Agora eu quero só você

Contrariando a tendência de padronização dos corpos que os meios de comunicação geralmente propagam, há pessoas que enxergam na deficiência o suprasumo da realização sexual. Elas são devotees, ou praticantes do devotismo, que sentem atração sexual e/ou afetiva por pessoas com deficiência por causa da condição física destas. Atualmente, o devotismo é considerado uma parafilia, termo amplo (antigamente utilizava-se “perversão”) que engloba atitudes e desejos sexuais por pessoas, objetos ou atividades incomuns, não aceitos pela sociedade.

Há parafilias que são consideradas como preferências sexuais, como o fetiche por pés (podolatria) e o desejo de ter conversas obscenas pelo telefone (escatologia telefônica). Existem práticas menos aceitas, como o uso de urina na relação sexual (urofilia), e outras que são crime, como a zoofilia (sexo com animais), a necrofilia e a pedofilia. O conceito se modifica com o passar do tempo e de acordo com a cultura na qual está inserido, aliás, a masturbação e os sexos oral e anal já foram considerados parafilias.

No caso do devotismo, o motivo da atração é a deficiência do parceiro e ela é que funciona como gatilho para a atração, cujo desenlace pode ser uma única transa ou uma relação afetiva mais duradoura e intensa, com amor, carinho e cuidado.

Para explicar como o devotee se sente, a bacharel em Direito Juliana Lourenço costuma comparar o “devote-ismo” (grafia usada por ela seria uma forma de destacar que não se trata de uma doença) com a homossexualidade, “que foi vista pela psicologia como um desvio e hoje tem seus direitos garantidos em lei”. Ela afirma que “gays não optam pela sua orientação, mas há quem queira dizer que é uma patologia” e ressalta que “o devotismo não é uma opção, não é apenas sexual, é todo um comportamento”.

Juliana tem 38 anos e é criadora e uma das administradoras da página “Deficientes, Devotees e Simpatizantes”, na rede social Facebook. Ela fala com propriedade sobre o devotismo, pois está dos dois lados: tem deficiência e é devotee. Aos 20 anos de idade, Juliana sofreu um acidente de moto e teve a perna esquerda amputada, mas antes desse acontecimento já se sentia atraída por pessoas com deficiência.

Ela diz que nunca se viu “como alguém pervertida ou doente por conta dessa preferência”, por isso fala abertamente sobre o assunto, utilizando seu perfil pessoal. Muitos devotees escondem sua preferência por medo de represálias ou preconceito.

Em geral, há uma diferenciação entre a maneira como a mulher e o homem devotee se comportam. O homem reproduz o estereótipo de “caçador”, que conquista e deixa a parceira em submissão. Para a mulher, a questão da deficiência é encarada de maneira maternal e cuidadora, conforme relata a manicure Andressa*, de 36 anos. Para ela, o devotismo é muito mais que um simples fetiche. Ela explica: “eu busco relacionamento. Vejo muitos devotees procurando apenas satisfação sexual, isso não serve para mim. Quero uma pessoa deficiente sim, para viver junto, constituir família”, e conta que é “extremamente cuidadora, de encarar tudo, o que inclui ter que ajudar às vezes, pegar no colo, trocar uma fralda. Encaro isso com naturalidade”, explica Andressa. Até o momento, ela não iniciou nenhum relacionamento duradouro, apenas “ficou” com dois rapazes, “homem com deficiência é, muitas vezes, mal resolvido”, comenta a manicure.

Andressa já se relacionou com homens sem deficiência, mas não gostou da experiência. “Um homem com deficiência é muito mais carinhoso, a troca é muito mais intensa”. Seus parceiros com essa característica foram dois. Com o primeiro, que conheceu pela internet, não houve sexo, pois ele tinha lesão medular e, na época, a ereção ainda não havia voltado. Já o segundo era cadeirante por sequela de Poliomielite, que não afeta a resposta sexual. “Para mim, foi proveitoso, acredito que para eles também. Minhas expectativas foram totalmente correspondidas, não prosseguiu porque não era pra ser, como qualquer outro relacionamento”.

Há algumas categorias nas quais os devotees se dividem, apesar de todas estarem relacionadas: os considerados “normais”, que sentem atração afetiva e/ou sexual pela pessoa com deficiência; os **Wannabes**, que têm vontade de se tornarem deficientes, mas

não o fazem, podendo simular algumas deficiências na relação sexual pelo uso de vendas ou usando uma cadeira de rodas como apoio; e os **Pretenders**, que desejam a deficiência de fato, muitas vezes utilizando aparelhos ortopédicos ou muletas, sentindo rejeição pelos membros. Alguns até tentam se tornar deficientes – há casos de homens que congelaram as próprias pernas para tentar amputá-las.

A arquiteta Jéssica*, que tem perda de audição severa, não concorda com o Devoteísmo. “Uma coisa é você se relacionar com um deficiente porque gosta dele e a deficiência é um detalhe, uma característica que o distingue como tantas outras. Outra coisa é a pessoa focar na deficiência especificamente, acho meio doentio”, conclui.

Para o técnico de materiais Alexandre*, o devoteísmo é uma “loucura”. “Há loucos para tudo, para amar é preciso ser um pouco louco”, afirma. Ele tem perda de audição de severa a profunda desde os oito anos de idade e realizou cirurgia de implante coclear quando tinha 24. Alexandre afirma que “com certeza” se relacionaria com uma mulher devotee, além de que não se incomodaria nem um pouco se a deficiência fosse um fetiche para ela.

“Sou completamente favorável ao devoteísmo”, afirma Márcia Gori, criadora da ONG Essas Mulheres, que utiliza a cadeira de rodas por causa de sequela de poliomielite. “Eu não vejo mal nenhum uma pessoa olhar para mim e ter certo interesse pela minha deficiência”. Para ela, é uma questão de preferências. Márcia concorda com a opinião de que uma pessoa deve gostar da outra pelo fato de quem ela é, mas, até que alguém a conheça por inteiro, a atração inicial se dará pela deficiência. “Eu vou ter alguma coisa que vai atrair a outra pessoa, seja minha deficiência, estatura, meu peso, seja o que for. Não importa. A gente se aproxima de pessoas por padrões que nós escolhemos como desejáveis para nós, e os devotees também têm esses padrões”.

O preconceito que há em relação ao devoteísmo tem explicação para a manicure Andressa, seria “por causa de pessoas de índole duvidosa, que usam da preferência para se aproximar e aproveitar de pessoas com deficiência, fazendo pedidos estranhos, usando para o sexo apenas o membro deficiente, coisas assim”. Práticas que humilham ou rebaixam a pessoa com deficiência não a interessam. “Existem devotees que pedem para seus parceiros não usarem a cadeira, se arrastarem... Isso fere o devoteísmo. As pessoas generalizam. Eu jamais pediria para o meu parceiro se arrastar se eu posso

pegá-lo no colo”, explica Andressa. “Com consentimento, carinho, cumplicidade, vale tudo”, conclui ela.

CAPÍTULO 5 – REPRODUÇÃO

Como nossos pais

O direito de reprodução é garantido a pessoas com deficiência que não tenham limitações biológicas e queiram gerar descendentes

A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, sancionada em 06 de julho de 2015, entrou em vigor no início de 2016 e nela, dentre outras importantes questões, a reprodução aparece como um dos direitos do qual a pessoa com deficiência usufrui. O artigo 6º determina que “a deficiência não afeta a plena capacidade civil da pessoa” para diversos tópicos relacionados ao campo da sexualidade. Dentre eles, o artigo III cita “o direito de decidir sobre o número de filhos e de ter acesso a informações adequadas sobre a reprodução e planejamento familiar”.

Esse direito, entretanto, foi e é negado por várias razões e de diversas maneiras na sociedade. A família tem papel fundamental nesse aspecto, pois, muitas vezes, é ela quem primeiro recusa a experiência sexual para essa pessoa, encarando, a partir do diagnóstico da deficiência, que ela será incapaz de namorar, casar e ter filhos.

Uma das técnicas de controle utilizadas pelas famílias era a esterilização compulsória, muitas vezes realizada sem o conhecimento da pessoa com deficiência para impedir que ela gerasse descendentes. Para coibir essa prática, o parágrafo 6º, artigo IV da referida Lei explicita o direito de “conservar a sua fertilidade, sendo vedada a esterilização compulsória”.

Algumas deficiências físicas ou intelectuais exigem que a pessoa tenha um(a) cuidador(a) permanente para auxiliar em tarefas básicas do cotidiano que garantem autonomia individual, como trocar de roupa, ir ao banheiro ou tomar banho. O argumento de que, portanto, pessoas com essas deficiências não estariam aptas a cuidar de uma criança também foi utilizado contra elas. Precisar de cuidados não significa ser incapaz de gerar e criar um filho.

De modo mais sutil, o direito à reprodução é retirado nas entrelinhas. Quando a família não faz planos sobre namoro, casamento e filhos, ignorando o assunto,

indiretamente mostra que não se espera que a pessoa com deficiência desenvolva uma vida amorosa e tenha filhos. Não é preciso expor esse pensamento de maneira objetiva, pois o silenciamento em torno da questão reprodutiva também atua como uma forma de retirar este direito.

As diferentes formas de não permitir, ou não prestar auxílio para a pessoa com deficiência que deseja ter filhos são resultantes, em grande parte, das construções sociais que existem em torno da deficiência. Biologicamente, são poucas as condições físicas, sensoriais e intelectuais que, de fato, impedem a reprodução.

Dentre elas, está a Síndrome de Down. Há 50% de chances do filho de uma mulher sindrômica nascer com o gene responsável. Quando é o homem que possui a Síndrome, muitas vezes ela o torna estéril, portanto, é impossível que ele gere descendentes – com raras exceções. Também há casos em que a lesão medular em homens dificulta ou impossibilita a ejaculação, ou reduz a qualidade do sêmen produzido.

Grande parte das deficiências não proporciona impeditivos orgânicos para a reprodução, resultantes da constituição biológica do indivíduo, conforme ressalta a Psicóloga Ana Carla Vieira. Ainda que a deficiência seja hereditária, cabe à pessoa escolher se deseja ter filhos ou não. Para auxiliar essa decisão a ser tomada da melhor maneira, é preciso investir na educação sexual, garantindo que a pessoa saiba como se prevenir de doenças sexualmente transmissíveis e de uma gravidez não planejada.

Ana Carla explica que é comum, quando a pessoa com deficiência intelectual resolve ter um filho, que a família acompanhe o processo, principalmente em casos nos quais o indivíduo tem interdição judicial. Numa reunião, o casal em questão, família e médicos discutem aspectos relacionados ao nascimento da criança, como se há recursos financeiros para tal decisão ou o fato de os parentes precisarem auxiliar caso haja necessidade. Além, é claro, de cuidados básicos com a saúde da gestante.

Mãe de dois meninos, a atriz e empresária Priscila Menucci tem nanismo. A doença é genética e interfere no crescimento esquelético do corpo, que pode ocorrer de maneira proporcional ou não. Ela é casada com um homem que também tem nanismo. Mesmo não planejando engravidar, Priscila conta que, no geral, as duas gestações que teve correram bem. O primeiro filho nasceu prematuro, com oito meses, por conta de uma diabetes gestacional que antecipou o parto. Já na gravidez do caçula, não houve

ocorrências. “Eles têm nanismo, acondroplasia, igual ao do meu marido – o gene dele é predominante”, conta ela sobre os dois meninos dos quais é mãe. Na acondroplasia, o crescimento é desproporcional, sendo que a cabeça costuma ser avantajada em relação ao corpo, a testa é alongada e os membros são mais curtos. Com 40 anos, Priscila já realizou a cirurgia de laqueadura, que impossibilita outras gestações, pois não pretende ter mais filhos, “trabalho muito, não dá para ter mais bebê”, finaliza a atriz.

A maternidade é um dos desejos da estudante de Arquitetura e Urbanismo Fernanda Santana, que tem Síndrome de Asperger, um transtorno neurológico pertencente ao Transtorno do Espectro Autista. Como há estudos que indicam que o autismo pode ser hereditário, ela está fazendo exames investigativos com um geneticista e, aparentemente, as chances de um filho dela nascer dentro do Espectro estão entre 35 a 50%. “Esse é um assunto bem delicado que eu ainda pretendo discutir muito com o meu namorado. Quero que ele esteja perfeitamente de acordo e ciente das possíveis consequências. Mas, a princípio, sim, dois ou três filhos soam bem legal para mim”, comenta a estudante.

Sobre ser mãe de crianças com autismo, Fernanda diz que até espera que pelo menos um de seus futuros filhos tenham Asperger. “Para mim, é uma característica, como cor da pele, cor dos olhos, cabelo... sabe, aquilo que ‘puxou a mãe’. Eu gostaria disso”, conta a futura Arquiteta. O Transtorno do Espectro Autista abarca Síndromes de diferentes graus, que afetam o indivíduo nas áreas de interesse, cognição e comunicação. O receio que ela sente é quanto a ter um filho com “autismo clássico, porque aí as dificuldades são bem maiores, não só para a vida, mas financeiramente também”. Fernanda ainda está na faculdade e mora com os pais. Como a possibilidade de um filho autista existe, ela diz que planejará muito bem a futura gravidez e, antes de tentar de fato, a futura arquiteta irá garantir uma reserva de dinheiro para caso precise arcar com um tratamento para autismo.

No caso do jornalista Sergio Guzzi, a artrogripose congênita fez com que ele nascesse com o quadril fora do lugar, sem articulação no joelho esquerdo e com os pés tortos. A doença provoca a contratura das articulações do corpo. Ele é casado e a deficiência não interferiu na formação de seus dois filhos, pois a doença só é transmitida geneticamente da mãe para o filho. Ainda assim, “quando descobrimos que a minha esposa estava grávida, fizemos inúmeras pesquisas, pois eu temia mais que ela”, conta o

jornalista. “No caso, se ela tivesse algum problema ou histórico familiar, as chances de meus filhos nascerem com sequelas eram reais”.

Anexo 2 – Pauta da reportagem Tudo igual na horizontal

Pauta: Sexualidade das Pessoas com Deficiência Trabalho de Conclusão de Curso - Flávia Nosralla	
Segundo Cremilda Medida, jornalista e professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo [ECA/USP], a reportagem começa com a pauta. Ela é a métrica do relato factual, denotativo e de qualidade.	
Resumo Informativo	O Brasil tem 45 milhões de pessoas com deficiência (IBGE, 2010). Essas pessoas têm seus direitos garantidos por diversas leis presentes na Constituição Federal e outros documentos, como a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Quando se trata da inclusão dessas pessoas, deve-se pensar também em interação e socialização, e a sexualidade está relacionada intimamente a esses conceitos. Assunto tabu na sociedade como um todo, a sexualidade agrega ainda mais preconceitos, falácias e mitos quando relacionada a alguma deficiência física, sensorial ou intelectual. O assunto é pouco debatido na mídia e até mesmo profissionais que lidam com essas pessoas chegam a evitá-lo. As próprias famílias da pessoa com deficiência possuem, em geral, pouco conhecimento a respeito. A falta de informações sobre o assunto dificulta as relações dessas pessoas consigo mesmas e com os outros.
Fontes de Informação [hierarquização e seleção de fontes]:	<u>PSICÓLOGOS E EDUCADORES:</u> a. Ana Cláudia Bortolozzi Maia Psicóloga, mestre em Educação Especial e doutora em Educação. Pesquisa, especialmente, a área de educação sexual

atribuição de fontes	de pessoas com deficiências. (Bauru) Email: aclaudia@fc.unesp.br Lattes: http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4707575D4 Facebook: https://www.facebook.com/anaclaudia.bortolozzimaia Grupo de Estudos: http://www2.fc.unesp.br/gepesec/ Endereço: Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01, bairro Núcleo Habitacional Presidente Geisel, Bauru (SP). b. Ana Carla Vieira Mestranda em Psicologia, membro no Gepesec (Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura) em Bauru. E-mail: anacarlaunesp@gmail.com Facebook: https://www.facebook.com/ana.vieira.7505468?fref=ufi&_mref=message Endereço: Av. Eng. Luís Edmundo Carrijo Coube, 14-01, bairro Núcleo Habitacional Presidente Geisel, Bauru (SP). c. Fátima Elisabeth Denari Formada em Estudos Sociais, mestre em Educação Especial e doutora em Metodologia de Ensino. Atua principalmente nas áreas de educação especial, educação inclusiva, sexualidade e deficiência e formação de professores. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5575213011914394 E-mail: fadenari@terra.com.br d. Edy Yoshiko Yamamoto Psicóloga do Lar Escola Santa Luzia para Cegos de Bauru (LESL).
----------------------	--

E-mail: larsantaluzia@gmail.com

Telefone: (14) 3236-1977

Endereço (LESL): Avenida Castelo Branco, 24-09, Vila Paulista, Bauru (SP).

e. Lucas Carvalho Xavier

Psicólogo cognitivo comportamental da Associação dos Familiares e Amigos dos Portadores de Autismo de Bauru.

Telefone: (14) 99727-9092

E-mail: lucascxavier@hotmail.com

Telefone AFAPAB: (14) 3223-2569

Endereço: Rua Antônio Garcia, 6-50, bairro Vila Santa Tereza, Bauru (SP).

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA:

a. Sérgio Guzzi

Jornalista, tem artrogripose congênita. Mora em Araçatuba.

Telefone: (18) 99646-1140

Email: politica.guzzi@gmail.com

b. Luísa*

Estudante universitária, tem distúrbio de movimento e deficiência auditiva. Não quis ser identificada.

c. Osvaldo Andrade

Ex-segurança, tem deficiência visual e faz parte do Lar Escola

	Santa Luzia para Cegos de Bauru (LESL). Email: osvaldolandrade@gmail.com Endereço (LESL): Avenida Castelo Branco, 24-09, Vila Paulista, Bauru (SP). d. Fermina Mendes Aposentada, tem deficiência visual e faz parte do Lar Escola Santa Luzia para Cegos de Bauru (LESL). Telefone (Lar Escola): (14) 3236-1977 Facebook: https://www.facebook.com/fermina.mendesteixeira Endereço (LESL): Avenida Castelo Branco, 24-09, Vila Paulista, Bauru (SP). e. Valdir Antônio Rodrigues Aposentado, tem deficiência visual e faz parte do Lar Escola Santa Luzia para Cegos de Bauru (LESL). Telefone (Lar Escola): (14) 3236-1977 Endereço (LESL): Avenida Castelo Branco, 24-09, Vila Paulista, Bauru (SP). f. Fernanda Santana Estudante de Arquitetura e Urbanismo da UTFPR. Tem Síndrome de Asperger (Transtorno do Espectro Autista). Facebook: https://www.facebook.com/fernandasantana4?fref=ufi g. Maria José Lobo Pensionista. Tem esclerose múltipla, é cadeirante. Face: https://www.facebook.com/mariajose.lobo.3998 Endereço: Rua Aurora Gavaldao de Oliveira, 2-70, bairro José Regino, Bauru (SP).
--	--

h. Ariani Queiróz

Técnica Contábil e tesoureira da Associação de Cadeirantes de Bauru. Teve poliomelite e é cadeirante.

Telefone: (14) 98170-5104, (14) 99701-8935 ou (14) 3232-7577

Endereço: Rua Coronel Alves Seabra, 24-29, bairro Jardim Progresso, Bauru (SP).

i. Rodrigo Moitinho

Estudante de direito. Tem deficiência auditiva no ouvido esquerdo.

Telefone: (71) 9164-5958

j. Jéssica**

Arquiteta. Tem deficiência auditiva de profunda à severa nos dois ouvidos. Não quis ter o sobrenome identificado.

Telefone: (31) 9432-2879

k. Alexandre*

Técnico de materiais. Tem deficiência auditiva de profunda à severa e realizou a cirurgia de Implante Coclear. Não quis ser identificado.

l. Kica de Castro

Fotógrafa. Dona da Agência Kica de Castro Fotografias, exclusiva para modelos com deficiência.

Telefone: (11) 98131-0154

E-mail: estudioimagem.kica@gmail.com

	m. Priscila Menucci Atriz e empresária. Tem nanismo. Facebook: https://www.facebook.com/priscila.menucci n. Paula Ferrari Fisioterapeuta especializada na reabilitação sexual de pessoas com lesão medular. Tem lesão medular e é cadeirante. Facebook: https://www.facebook.com/paula.ferrari.102 o. Márcia Gori Bacharel em direito, presidente da ONG Essas Mulheres e palestrante sobre sexualidade, deficiência e inclusão. Teve poliomelite e é cadeirante. Telefone: (17) 99240-9118 p. Paolla** Estudante de Psicologia. Teve lesão medular e é cadeirante. Não quis ter o sobrenome identificado. Telefone: (11) 97455-3800 q. Juliana Lourenço Bacharel em Direito. Teve uma perna amputada, usa prótese e é devotee. Criadora da página “Deficientes, Devotees e Simpatizantes” no Facebook. Facebook pessoal: https://www.facebook.com/juliana.lourenco.50 Página do Facebook: https://www.facebook.com/DeficientesDevoteesESimpatizantes/ r. Andressa*
--	--

Manicure. É devotee. Não quis ser identificada.

**Nome não identificado a pedido da fonte; **Sobrenome não identificado a pedido da fonte.*

INSTITUIÇÕES:

a. APAE de Bauru

Face: <https://www.facebook.com/apae.bauru>

Site: <http://bauru.apaebrasil.org.br>

Tel: 3106-1252

Email (área técnica): dirtecnicabauru@apaebrasil.org.br

Email (sobre a instituição):
presidenciabauru@apaebrasil.org.br

b. Associação de Cadeirantes de Bauru e Região

Face: <https://www.facebook.com/ACBR.BAURU>

Tel: 14 99701-8935 ou 3232-7577

Endereço dela: rua coronel alves seabra 24-29

c. Sorri Bauru

Site: <http://www.sorribauru.com.br>

Email: contato@sorribauru.com.br

Tel: 4009-1000

E-mail: midia@sorri.com.br

d. ABC Down

Instituição que atende pessoas com síndrome de Down em Jaboticabal.

Tel: 16 3204-2500

	Endereço: Rua Juca Quito, 193 Face: https://www.facebook.com/ABC-DOWN-213260302034288/ e. Olhos da Alma Instituição que atende pessoas com deficiência visual em Jaboticabal. Tel: 16 3202-5349 Email: contato@olhosdaalma.com.br Endereço: Rua Maestro Grossi, 348 Face: https://www.facebook.com/uniolhosdaalma/ Site: http://www.olhosdaalma.com.br f. APAS Associação de Pais e Amigos dos Surdos em Jaboticabal. Tel: (16) 3204 1282 Endereço: R. 24 de Maio, 566 Site: http://apasjaboticabal.blogspot.com.br Face: https://www.facebook.com/apas.jaboticabal g. Lar Escola Santa Luzia para Cegos de Bauru Email: larsantaluzia@hotmail.com Endereço (LESL): Avenida Castelo Branco, 24-09, Vila Paulista, Bauru (SP). h. AFAPAB - Associação dos Familiares Amigos e Pais dos Autistas de Bauru Face: https://www.facebook.com/afapabbauru/ Tel: 3223-2569 Endereço: Rua Antonio Garcia 6-50
--	--

	Email: afapabeducacao@yahoo.com.br Site: https://afapab.wordpress.com/ <u>CONSULTORES:</u> a. Ana Raquel Périco Mangili Deficiência auditiva. Telefone: (14) 99657-0056 b. Daniel Ribas Deficiência visual. E-mail: danielribas@34@yahoo.com.br c. Ivan Siqueira Reis Deficiência auditiva. E-mail: ivansr79@gmail.com d. Lana Pacheco Deficiência auditiva. Facebook: https://www.facebook.com/lana.pacheco.3?fref=ts
Proposições	O tabu relacionado ao sexo é mais agravado quando se trata das relações sexuais das pessoas com deficiência. Há pouca disseminação de informação nesse sentido para elas e sobre elas. É necessário o debate sobre o tema para desmistificar questões que levam ao preconceito e à desinformação.
Blocos da	1. Abertura.

reportagem Tópicos que devem ser abordados ao longo do texto	Apresentação da reportagem, lead expandido sobre o trabalho. 2. Sexualidade e deficiência. Definição do conceito de sexualidade, aspectos envolvidos, associação com deficiência, desmistificação e dissolução de ideias preconcebidas e erradas. 3. Autoestima. Compreender o desenvolvimento da autoestima de uma pessoa com deficiência e as maneiras como esta interfere na expressão da sexualidade. 4. Relacionamentos. Abordar a forma como as pessoas com deficiência desenvolvem seus relacionamentos, como os demais indivíduos se comportam em relação à deficiência, quais as dificuldades que elas enfrentam na hora de exporem suas deficiências intimamente a parceiros. 5. Sexo. Discorrer sobre aspectos que influem na relação sexual da pessoa com deficiência, tais como as adaptações necessárias para obter prazer no sexo, as mudanças na percepção de estímulos, as influências das demais experiências relacionadas à sexualidade - como relacionamentos, afeto, autoestima - no momento da relação sexual. 6. Reprodução. Discutir a autonomia das pessoas com deficiência em relação à questão reprodutiva. Explorar quando as deficiências impedem o indivíduo biologicamente de se reproduzir ou não,
Recorte	Foco [epicentro do fenômeno jornalístico]: Em 6 de julho deste ano, a presidenta Dilma Rousseff sancionou a Lei nº 13.146: Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, que passa a valer no início de 2016, garantindo diversos direitos para as pessoas com deficiência nos

	mais diversos âmbitos da vida em sociedade. A Organização Mundial de Saúde definiu sexualidade, no ano de 2002, como um "aspecto central do ser humano ao longo da vida, englobando o sexo, a identidade, papéis de gênero, orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução". Enfoque [abordagem da informação]: Discutir a sexualidade relacionada à deficiência física e intelectual, como um aspecto central da vida das pessoas, muitas vezes negligenciado a pessoas que têm algum tipo de deficiência. Falar sobre a maneira como as pessoas com deficiência lidam com questões relacionadas à própria sexualidade, quais as facilidades, dificuldades, como é o aprendizado nessa área quando se tem alguma deficiência - abordar tanto pessoas que já nasceram com a deficiência quanto pessoas que a adquiriram ao longo da vida (neste caso, tratar sobre a mudança de comportamento nesse sentido). Abordar o tabu que a sociedade coloca em relação à sexualidade dessas pessoas.
Descrição	Macroambiental: o tabu da sexualidade. A sexualidade é um dos maiores tabus da sociedade. O assunto é histórica e religiosamente associado à repressão e restringido à reprodução: a masturbação e a homossexualidade eram vistas como práticas irregulares; o prazer feminino por muito tempo foi totalmente negligenciado. Microambiental: deficiências A ausência ou a disfunção de determinada estrutura psíquica, fisiológica ou anatômica caracteriza a deficiência, de acordo com a Organização Mundial da Saúde, que também afirma que pelo menos 1 bilhão de pessoas possui algum tipo de deficiência. Só no Brasil, quase 25% da população entra nessa estatística: 45 milhões de indivíduos. As deficiências podem ser de ordem intelectual ou física, como as deficiências visual,

	auditiva, na fala, paraplegia, tetraplegia etc. Na teoria, diversos direitos estão garantidos a essas pessoas, mas o que se encontra na sociedade é muito preconceito, falta de acessibilidade e estereotipação desses indivíduos. A partir dos anos 80, as pessoas com deficiência começaram a se mobilizar cada vez mais politicamente em defesa dos seus direitos. Ambiental: sexualidade e deficiência, duplo tabu. A sexualidade é um assunto tabu para a sociedade como um todo e, quando associada às deficiências, crescem os preconceitos e estigmatizações. Vê-se a pessoa com deficiência como um ser assexuado, ou com a sexualidade exacerbada, sem controle. Há “o senso comum de que as pessoas com deficiência mental não teriam esta etapa do seu desenvolvimento, pois as mudanças físicas não correspondem às psicossociais”. Nanoambiental: expressão da sexualidade para pessoas com deficiência A vivência da sexualidade com a ausência de um dos sentidos se dá de maneira diferenciada, visto que as pessoas com deficiência sensorial (visão e audição) precisam buscar alternativas para os estímulos visuais e para a comunicação. As relações sexuais entre pessoas com deficiência exigem adaptações e autoconhecimento sobre o corpo.
Recursos	Gerais: - Texto escrito; - Vídeos sobre: definição de sexualidade; associação de sexualidade à deficiência; autoestima; sexo; opinião das pessoas com deficiência sobre assistentes sexuais. - Matérias em áudio com base nos depoimentos das pessoas com deficiência visual; - Fotos de pessoas com deficiência em ensaios sensuais; - Imagens ilustrativas sobre o tema. Acessíveis (devem estar presentes em todos os recursos citados)

	anteriormente e na estruturação da reportagem): - Acessibilidade em leitores de tela; - Equivalentes textuais para imagens na web; - Audiodescrição de vídeos; - Legendagem de vídeos; - Transcrição de áudios; - Barra de acessibilidade com opção para tipografia ampliada e contraste.
Informações e links de apoio:	Sexualidade e deficiência como um todo: - As pessoas com deficiência têm sexo. E são mais felizes assim. http://p3.publico.pt/actualidade/sociedade/18348/os-deficientes-tem-sexo-e-sao-mais-felizes-assim - Deficientes físicos buscam ajuda para ter vida sexual ativa http://www.otempo.com.br/interessa/saude-e-ciencia/deficientes-fisicos-buscam-ajuda-para-ter-vida-sexual-ativa-1.689742 - Documentário Yes, We fuck! http://www.yeswefuck.org - Fisioterapia e sexualidade http://centauroalado.blogspot.com.br/2011/06/fisioterapia-e-sexualidade-por-paula.html - Cadeirantes tomam remédio para satisfazer à mulher http://www.diariosp.com.br/noticia/detalhe/85960/cadeirantes-tomam-remedio-para-satisfazer-a-mulher Assistentes sexuais: - Deficientes físicos buscam ajuda para ter vida sexual ativa. http://www.otempo.com.br/interessa/saude-e-ciencia/deficientes-fisicos-buscam-ajuda-para-ter-vida-sexual-ativa-1.689742 - Preso a cama de hospital, homem luta para que sexualidade de deficientes deixe de ser tabu. http://www.bbc.com/portuguese/videos_e_fotos/2014/12/141209_argentina_assistencia_sexual_fn - Assistentes sexuais para pessoas com deficiência (vídeo). http://tetraplegicos.blogspot.com.br/2012/09/assistentes-

[sexuais-para-pessoas-com.html](#)

- Direito à sexualidade, apesar da deficiência.
<http://www.swissinfo.ch/por/direito-à-sexualidade--apesar-da-deficiência/888436>

Sexualidade e deficiência intelectual:

- Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica.
<http://www.scielo.br/pdf/csc/v10n2/a17v10n2.pdf>
- Sexualidade e deficiência mental: revisando pesquisas
http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572004000200008&script=sci_arttext
- Narrativas de pais de adolescentes com deficiência mental
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312012000300010&lng=pt&nrm=iso
- A sexualidade da pessoa com deficiência mental
http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista1numero1pdf/r1_art06.pdf

Maternidade e deficiência:

- Mães com deficiência - Caminhos da Reportagem.
<https://www.youtube.com/watch?v=DOW4rowKpoI>

Esterilização da pessoa com deficiência:

- Esterilização da pessoa portadora de deficiência
<http://www.ppd.mppr.mp.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=386>

Deficiência e LGBT:

- Deficiente e gay: entre o “coitadinho” e o “perverso”
<http://p3.publico.pt/node/18347#.VhOxvIqUYe4.facebook>

Síndrome de Down:

- Mitos e verdades

<http://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2014/10/07/quem-tem-sindrome-de-down-pode-namorar-e-ter-filhos-veja-mitos-e-verdades.htm>

Material pornô/erótico para pessoas com deficiência:

- O erótico, o pornô e a audiodescrição
<http://outrosolhares.com/2013/01/14/o-erotico-o-porno-e-a-audiodescricao/>
- Artista cria livro pornô em Braille na Suécia
- <http://www.redetv.uol.com.br/jornalismo/da-para-acreditar/artista-cria-livro-porno-em-braile-na-suecia>
- A primeira revista de pornô para cegos.
<http://pijamasurf.com/2010/04/mentes-tactiles-la-primera-revista-de-porno-para-ciegos/>
- Site pornográfico para cegos: deixe lá sua audiodescrição
<http://www.blogdaaudiodescricao.com.br/2011/09/site-pornografico-para-ciegos-deixe-la-sua-audiodescricao.html>

Devoteísmo:

- Devoteísmo: um assunto complexo
<http://lucasamiotrofia.blogspot.com.br/2011/12/devoteismo-um-assunto-complexo.html>

Ensaaios sensuais com pessoas com deficiência:

- Mulheres com deficiência posam em ensaios sensuais de projeto pernambucano
<http://curiosamente.diariodepernambuco.com.br/project/mulheres-com-deficiencia-posam-em-ensaios-sensuais-de-projeto-pernambucano/>
- Botucatuense tetraplégica faz ensaio sensual “Toda mulher é especial à sua maneira”
<http://www.leianoticias.com.br/site/botucatuense-tetraplegica-faz-ensaio-sensual-toda-mulher-e-especial-a-sua-maneira/>

- Pessoas com deficiência ficam nuas por seus direitos
<http://www.eltiempo.com/entretenimiento/arte-y-teatro/calendario-de-personas-en-situacion-de-discapacidad/16457823>
- Veteranos de guerra amputados posam sem roupa para ensaio fotográfico
<https://estilo.catracalivre.com.br/beleza/veteranos-de-guerra-amputados-posam-sem-roupa-para-ensaio-fotografico/#jp-carousel-53609>
- Projeto de ensaios sensuais empodera mulheres com deficiência
<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/projeto-de-ensaios-sensuais-empodera-mulheres-cadeirantes/>

Filmes:

- Simples como amar (relacionamento entre pessoas com deficiência intelectual)
<https://www.youtube.com/watch?v=cwGKAISZ5CA>
- As Sessões (sobre assistentes sexuais)
<https://www.youtube.com/watch?v=gIv08pr2URk>
- Temple Grandin (sobre autismo)
<http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-temple-grandin-dublado-online.html>
- X+Y (sobre autismo)
<http://www.filmesonlinegratis.net/assistir-xy-legendado-online.html>

Acessibilidade:

- Cartilha de Acessibilidade na Web W3C Brasil
<http://www.w3c.br/pub/Materiais/PublicacoesW3C/cartilha-w3cbr-acessibilidade-web-fasciculo-I.html>
- Guia de referência em acessibilidade web
<http://www.acessibilidadelegal.com/13-guia.php#i4>
- Equivalentes textuais para imagens na Web
<http://www.acessibilidadelegal.com/13-equivalentes.php>
- Tutoriais CSS, Web Standards, Acessibilidade, HTML, Padrões Web
<http://www.maujor.com/tutorial/acessibilidade/tentest.p>

	<u>hp</u> - Como criar legendas SRT https://www.todospacoonline.com/w/2015/04/como-criar-legendas-srt/ - Navegação via teclado e leitores de tela http://www.acessibilidadelegal.com/33-leitores.php - eMAG: Modelo de Acessibilidade em Governo Eletrônico http://www.governoeletronico.gov.br/acoes-e-projetos/e-MAG
--	--

Anexo 3 – Roteiro dos equivalentes textuais das imagens

IMAGENS DE CABEÇALHO DOS CAPÍTULOS.

Abertura da reportagem - GIF: A abertura do site é um GIF, ou seja, um conjunto de fotografias que se alternam durante um segundo cada uma. As imagens que se alteram são de: um pacote de camisinhas vermelhas; um homem caminhando com muletas; o seio de uma mulher coberto por uma mão masculina; uma orelha com aparelho auditivo azul; pés de um bebê; placa escrito “just married” (recém casadas) segurada por duas noivas que se beijam; grafite de um homem e uma mulher cadeirantes se beijando; detalhe de uma tatuagem na barriga de uma mulher de calcinha preta. As imagens aparecem nessa ordem e a sequência se repete indefinidamente.

Capítulo 1, *No meio da deficiência, tinha uma sexualidade*: Fotografia em preto e branco de plano médio de uma mulher de aproximadamente 40 anos, branca, cabelos pretos lisos compridos. Ela veste um sutiã, está deitada em cima de uma cama, apoiando a cabeça sobre a roda de uma cadeira de rodas que está dobrada também em cima da cama. Seus cabelos estão soltos, jogados para cima e ela segura o aro propulsor da cadeira com as mãos, deixando os braços para cima da cabeça. Ela aparece na parte direita da foto, com a cabeça no centro da imagem.

Capítulo 2, *Just the way you are*: Foto em preto e branco mostra uma mulher de aproximadamente 40 anos, branca, olhos pretos e cabelos pretos lisos compridos na altura do peito. Ela sorri com os lábios cerrados, está nua, sentada sobre um pano xadrez com as pernas levemente arqueadas na altura do joelho. Ela está com os braços junto ao corpo, tampando os seios e entrelaçando os fios de cabelo por entre os dedos das mãos. Seu corpo está de perfil em relação à câmera e sua cabeça está virada na direção da foto. Ela está focada em segundo plano e, em primeiro plano, há alguns desenhos brancos desfocados da cabeça de um tigre e arabescos.

Capítulo 3, *Os outros*: Foto colorida mostra um casal de aproximadamente 30 anos. A mulher é branca, de cabelos pretos lisos compridos, usa vestido amarelo e sapato de salto bege. Ela está sentada no chão branco de perfil, com as pernas esticadas e a perna

esquerda cruzada por cima da perna direita. Ela sorri, com a cabeça virada para a frente, na direção da câmera. Atrás dela, há um homem branco, de cabelos pretos ondulados na altura da orelha, vestindo camiseta roxa de manga curta, bermuda preta com listras brancas na lateral e tênis esportivo. Ele usa próteses nas duas pernas. Está ajoelhado sobre a perna esquerda e mantém a perna direita esticada, de forma que a sola do seu tênis está em primeiro plano. A mão direita está sobre a coxa da perna esticada e ele apoia a mão esquerda no chão, atrás da moça, inclinando seu corpo em direção a ela, sorrindo.

Capítulo 4, *Tudo pode sob os lençóis*: Foto em preto e branco mostra um casal de aproximadamente 30 anos. A mulher é branca, de cabelos loiros compridos. Ela está deitada com a lateral esquerda do corpo apoiada ao chão, de forma que a câmera, que também está na altura do chão, visualiza seu corpo de frente. Ela está nua, mas os seios e o baixo ventre estão cobertos por um pano preto de caveiras brancas, simulando uma blusa curta e uma saia. Sua cabeça está apoiada na perna direita de um homem, suas mãos tocam o joelho dele e ela está com a cabeça virada para cima na direção dele. O homem é branco, tem cabelo curto preto, barba e cavanhaque pretos. Ele está sem camisa, sentado atrás dela e apoia a mão direita no chão, passando o braço pela frente do corpo dela. A mão esquerda acaricia os cabelos da moça. Ele está inclinado em direção ao rosto dela e os dois se olham; ela sorri. Atrás deles, há uma cadeira de rodas.

Capítulo 5, *Como nossos pais*: Foto colorida mostra uma mãe dando mamadeira ao filho bebê. Em primeiro plano, vê-se o detalhe do rosto de uma mulher de aproximadamente 30 anos, pele branca, olhos pretos, cabelos castanho escuros lisos curtos. Ela usa batom rosa e tem os olhos delineados por um lápis preto. Em segundo plano, desfocado, vê-se a mão direita da mulher levando uma pequena mamadeira com leite à boca de um bebê recém-nascido. O bebê está envolto em uma manta branca.

IMAGENS INTERNAS DOS CAPÍTULOS:

Capítulo 2, *Diolice Barbosa*: Foto em preto e branco mostra uma mulher de aproximadamente 30 anos, negra, de olhos pretos e cabelos cacheados pretos presos atrás da cabeça, com algumas mechas soltas. Ela está nua, deitada no chão de barriga

para baixo. Seu tronco está levemente erguido com os cotovelos dela apoiados no chão. Ela encosta a lateral da cabeça na mão direita e olha sorrindo para a câmera, que está à sua frente. Ao fundo, percebe-se sua perna esquerda amputada na altura do joelho apoiada ao chão e uma cadeira de rodas atrás dela.

Capítulo 4, foto Priscila Menucci deitada: Foto colorida vertical de uma mulher deitada de bruços sobre uma mesa. A mulher tem aproximadamente 30 anos, branca, cabelos loiros lisos curtos na altura da orelha, olhos pretos. Seus olhos estão maquiados, ela usa batom vermelho e um colar dourado e preto. Ela veste um colan preto com lantejoulas pretas, vermelhas e brancas na parte traseira, meia calça preta rendada e sapato de salto vermelho. Ela está com os pés cruzados e apoia os cotovelos sobre a mesa, levando a mão direita ao queixo. Atrás dela, sobre a mesa em que está deitada, há um vaso de folhas verdes e flores amarelas e, mais ao fundo, um abajur branco.

Capítulo 4, foto Márcia Gori campanha devotéismo: Foto colorida vertical de corpo inteiro de um casal. Na parte esquerda da imagem, há homem de aproximadamente 30 anos, negro, careca. Ele está de olhos fechados, sem camisa, veste calça jeans e tênis e tem uma tatuagem na parte de trás do braço direito. Ele está de perfil, agachado de frente para uma mulher, encostando seu rosto no dela e segurando em sua coxa esquerda. A mulher tem aproximadamente 40 anos, branca, cabelos loiro claros lisos e bem curtos. Ela está de olhos fechados, batom vermelho, vestido branco e preto e tem o braço esquerdo repleto de tatuagens coloridas. Ela está sentada em uma cadeira de rodas pink, enquanto encosta sua mão esquerda sobre o braço tatuado do homem e apoia a perna esquerda sobre a perna dele. Atrás deles, um fundo azul de estúdio.

Capítulo 5, foto Priscila Menucci grávida: Foto colorida horizontal de uma mulher grávida com uma criança pequena, ambos vistos de perfil em cima de um sofá marrom. A mulher tem aproximadamente 30 anos, é anã, branca, tem cabelos castanhos curtos. Ela está deitada sobre o sofá, veste calça preta e blusa cor de rosa. A blusa está levantada, deixando sua barriga de grávida a mostra. Sobre suas pernas, há um menino de aproximadamente 3 anos, branco, de cabelos castanhos curtos. Ele veste camisa listrada verde e preta, calça azul marinho e pantufa vermelha. O menino apoia as mãos sobre as coxas da mãe e está com a cabeça por cima da barriga dela.

IMAGENS QUE FAZEM FUNDO AOS “OLHOS” INFORMATIVOS.

Capítulo 2, olho 1, “Você fala ‘olha, ele faz isso...’”: Fotografia de uma menina de aproximadamente 10 anos de cabelos cacheados. Ela está com as sobrancelhas franzidas e a boca entreaberta. A foto foi editada com um filtro azul, de modo que toda a imagem está azulada.

Capítulo 2, olho 2, “Esse também é um estereótipo...”: Fotografia de frente uma mulher de cabelos curtos, na altura do queixo, e franja, franzindo as sobrancelhas e apontando um dedo para a câmera. Sua mão está focada em primeiro plano e seu rosto aparece desfocado ao fundo. A foto foi editada com um filtro azul, de modo que toda a imagem está azulada.

Capítulo 2, olho 3, “...hoje eu sou a visionária”: Fotografia de uma câmera da marca Canon, segurada pelas mãos de uma pessoa. A foto foi editada com um filtro azul, de modo que toda a imagem está azulada.

Capítulo 3, olho 1, “Comecei a me sentir capaz...”: Fotografia de um homem de pele branca que mostra do seu bigode até abaixo do peito. Ele tem bigode e barba, usa uma camiseta xadrez desabotoada que deixa à mostra seu peitoral. Ele apoia o queixo sobre a mão esquerda. A foto foi editada com um filtro azul, de modo que toda a imagem está azulada.

Capítulo 4, olho 1, “Eu estranhei, o que está acontecendo comigo...”: Fotografia em plano médio de uma estátua de um casal se beijando. O homem está de perfil, com a cabeça inclinada para trás, passando o braço direito por trás da cabeça da mulher que está atrás dele. Ela está com o braço esquerdo esticado para cima, com a cabeça inclinada na direção da boca dele e segurando a cabeça do homem com a mão direita. Os dois têm os cabelos cacheados e estão com o peito nu. A foto foi editada com um filtro azul, de modo que toda a imagem está azulada.

IMAGENS QUE APARECEM NO RODAPÉ.

Flávia Nosralla: Fotografia em plano retrato. Flávia é uma moça de 22 anos, pele branca bronzeada, cabelos pretos lisos compridos na altura do peito. Ela sorri, usa uma blusa preta com brilhos dourados e batom vermelho. Atrás dela, há um fundo branco.

João Pedro Durigan: Fotografia em plano retrato. João Pedro é um rapaz de 21 anos, pele branca, cabelos pretos lisos curtos. Ele usa óculos de armação preta e blusa roxa. Atrás dele, há um fundo marrom.

Júnior Morasco: Fotografia em plano retrato. Júnior é um rapaz de 26 anos, pele branca, cabelos castanho lisos curtos. Ele sorri e usa um casaco preto. A luz do sol incide atrás dele.

Suely Maciel: Fotografia em plano retrato. Suely é uma mulher de 40 anos, cabelos castanhos lisos compridos na altura dos ombros. Ela sorri, usa um casaco laranja e um cachecol cinza amarrado ao pescoço. Atrás dela, há uma construção de pedra e vegetação verde.

Imagem da autora repórter na abertura do site: Fotografia em plano retrato. Flávia é uma moça de 22 anos, pele branca bronzeada, cabelos pretos lisos compridos na altura do peito. Ela sorri, usa uma blusa preta com estampa de folhas douradas e batom vermelho. Atrás dela, há um fundo branco.

IMAGENS QUE ACOMPANHAM OS *PLAYERS* DE ÁUDIO

Capítulo 1, áudio “Falta de conhecimento sobre sexualidade gera preconceito em relação às pessoas com deficiência”: A imagem mostra o rosto de Ana Cláudia Maia, uma mulher de aproximadamente quarenta anos, pele branca, olhos castanhos, cabelos castanhos ondulados na altura do pescoço. Ela usa um pequeno brinco dourado e sorri para a câmera com a cabeça levemente inclinada para a direita de quem vê.

Capítulo 2, áudio “As mudanças na autoestima provocadas pela deficiência visual”: A imagem mostra a caricatura do rosto de um homem adulto, de pele negra, cabelos pretos curtos, bigode e cavanhaque pretos. Seus olhos são totalmente brancos, não sendo possível distinguir sua pupila. O rosto está levemente inclinado para a direita, uma luz branca incide sobre seus olhos e, atrás dele, há um fundo cor de rosa.

Capítulo 3, áudio “Psicólogo Lucas Xavier explica como funciona o Transtorno do Espectro Autista”: A imagem mostra Lucas Xavier, um rapaz de vinte e cinco anos,

pele branca, olhos pretos, cabelos pretos curtos. Ele usa óculos, camisa social branca e sorri para a câmera.

Capítulo 4, áudio “Perda da visão desperta uma nova sensibilidade e novas maneiras de desfrutar do corpo e da sexualidade”: A imagem mostra o colo desnudo de uma mulher morena, da altura de seu pescoço até abaixo de seus seios. Duas mãos masculinas negras a abraçam por trás, tocando seus seios e cobrindo os mamilos dela com as pontas dos dedos.

Capítulo 5, áudio “Conheça aspectos da reprodução de pessoas com Síndrome de Down ou com o Transtorno do Espectro Autista”: A imagem mostra um casal adulto com Síndrome de Down visto de perfil. A mulher tem a pele branca, os cabelos loiros, lisos e compridos na altura do peito. Ela está inclinada para frente, olhando e sorrindo para um homem, passando seus braços em torno do pescoço dele. O homem tem a pele branca, os cabelos pretos, lisos e curtos. Ele abraça a mulher e sorri para ela. A foto é de autoria de José Carlos Barreta.

Anexo 4 – Roteiro de Audiodescrição dos vídeos

Ana Carla Vieira: ANA CARLA VIEIRA, PSICÓLOGA. / ANA CARLA é uma mulher de 25 anos, branca, de olhos verdes, cabelos castanhos escuros compridos na altura do peito, lisos na raiz e ondulados nas pontas. Ela usa óculos de armação preta, um colar, batom vermelho e veste uma bata branca e azul. Está sentada, apoia os braços sobre uma mesa e, atrás dela, há dois armários de madeira bege. (21’')

Edy Yoshiko Yamamoto: EDY YOSHIKO YAMAMOTO. PSICÓLOGA DO LAR ESCOLA SANTA LUZIA PARA CEGOS. / EDY é uma mulher de aproximadamente CINQUENTA anos, de traços orientais, pele branca, olhos pretos, cabelos curtos pretos lisos na altura do pescoço. Usa uma camiseta de manga curta estampada com flores laranja e colar e brinco com pequenas pérolas. Ela está sentada a frente de um notebook e, atrás dela, há uma persiana cinza escuro. (19’')

Osvaldo Andrade: OSVALDO ANDRADE, EX-SEGURANÇA. / OSVALDO é um homem de 53 anos, negro e careca. Seus olhos estão semicerrados e ele está olhando para baixo. Ele veste um boné vermelho e uma camiseta regata azul claro. Um par de óculos escuros está pendurado no decote da camiseta. Ele está sentado e apoia os braços sobre uma mesa cinza. (15’')

Ariani Queiróz: ARIANI QUEIRÓZ, TÉCNICA CONTÁBIL. / ARIANI é uma mulher de aproximadamente 50 anos, branca, de olhos pretos, cabelos curtos castanhos claros na altura do pescoço. Ela usa batom rosa e blusa preta de manga curta. Está sentada em uma cadeira de rodas e, atrás dela, há um sofá de capa estampada em preto e branco. (15’')

Maria José Lobo: MARIA JOSÉ LOBO. PENSIONISTA. / MARIA JOSÉ é uma mulher de aproximadamente 50 anos, branca, de pele levemente bronzeada, olhos castanhos, cabelos loiros lisos na altura dos ombros. Veste uma blusa regata com estampa de flores verdes e azuis. Ela está sentada em uma cadeira de rodas e, atrás dela, há outra cadeira de rodas dobrada encostada à parede. (18’')